



**THALITA CRISTINA SOUZA CRUZ**

*Em briga de marido e mulher ninguém  
mete... o garfo:*

**Estudo neurolinguístico da produção de  
parafasias semânticas em sujeitos afásicos.**

**CAMPINAS  
2013**





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**THALITA CRISTINA SOUZA CRUZ**

*Em briga de marido e mulher ninguém  
mete... o garfo:*  
**Estudo neurolinguístico da produção de  
parafasias semânticas em sujeitos afásicos.**

**Orientadora:** Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de mestra em Linguística.

**CAMPINAS  
2013**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE  
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

So89e Souza-Cruz, Thalita Cristina, 1986-  
*Em briga de marido e mulher ninguém mete... o garfo :*  
estudos neurolinguístico da produção de parafasias  
semânticas em sujeitos afásicos / Thalita Cristina Souza  
Cruz. -- Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador : Rosana do Carmo Novaes Pinto.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Parafasia. 2. Afasia. 3. Neurolinguística. 4.  
Semântica. I. Novaes-Pinto, Rosana do Carmo, 1961-. II.  
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos  
da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em inglês:** *Em briga de marido e mulher ninguém mete... o garfo:*  
neurolinguistic study of the production of the semantic paraphasia in aphasic  
subjects.

**Palavras-chave em inglês:**

Paraphasia

Aphasia

Neurolinguistics

Semantics

**Área de concentração:** Linguística.

**Titulação:** Mestra em Linguística.

**Banca examinadora:**

Rosana do Carmo Novaes Pinto [Orientador]

Sheila Elias de Oliveira

Mirian Cazarotti Pacheco

**Data da defesa:** 07-05-2013.

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Rosana do Carmo Novaes Pinto

*Rosana do Carmo Novaes Pinto*

Sheila Elias Oliveira

*Sheila Elias Oliveira*

Mirian Cazarotti Pacheco

*Mirian Cazarotti Pacheco*

Maria Irma Hadler Coudry

\_\_\_\_\_

Sonia Maria Sellin Bordin

\_\_\_\_\_

IEL/UNICAMP  
2013



Dedico esta dissertação aos meus sobrinhos,  
Gigi, Henry e Rafinha, para que eles nunca  
desistam de ser qualquer coisa que  
quiserem.

Ao meu companheiro. Ele sabe o porquê.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família por sempre me apoiar em todos os passos deste caminho que escolhi, ausentando-me de casa e, em muitos casos do convívio com minhas irmãs e pais. Às minhas irmãs, por entender esta ausência e, mesmo assim, serem as melhores irmãs que eu poderia ter, com todas as birras e risadas que quatro irmãs podem ter e que só enriquecem nosso convívio.

Ao Artur, grande companheiro de vida e do meu coração, por tudo que tem feito por mim em todos estes seis anos juntos. Por todo carinho, respeito e dedicação que você manifesta e sempre manifestou e que eu espero que seja o tônica do nosso relacionamento por toda nossa vida juntos.

Agradeço, também (e imensamente) à professora, amiga e orientadora, Rosana Novaes, por todas as discussões e questões que tem me colocado nestes três anos trabalhando juntas. Agradeço também, as professoras Sheila Elias Oliveira e Mirian Cazarotti-Pacheco, que participaram de minha banca de qualificação e defesa e que ajudaram muito na construção da pesquisa.

A todos os amigos que me acompanharam, apoiaram e compreenderam meus humores de mestrande e, apesar disso, não se afastaram. Dentre eles, agradeço em especial à Gabi, o Biros, a Carol e o Fed, quatro irmãos que conquistei no caminho e que têm torcido por mim e por a mais que a vida me deu. Não posso deixar de agradecer, em especial ao meu grande amigo e companheiro de trabalho, Marcus, que transformou todas as minhas segundas-feiras em sábados divertidíssimos e super produtivos para esta pesquisa. Espero contar com vocês por muitos anos ainda.

Agradeço a todos do Centro de Convivência de Afásicos (CCA) por estarem comigo neste caminho e tornarem este caminho, muitas vezes solitários, em caminhos alegres e cheios de amigos, principalmente a JM, com quem estabeleci um laço de carinho e respeito mais do que especial. É você, amigo, minha maior motivação.

Agradeço ao CNPq pelo apoio financeiro para esta pesquisa e ao Instituto de Estudos da Linguagem que a acolheu.



A menina apareceu grávida de um gavião.  
Veio falou para a mãe: O gavião me desmoçou.

A mãe disse: Você vai parir uma árvore para  
a gente comer goiaba nela.

E comeram goiaba.

Naquele tempo de dantes não havia limites  
para ser.

Se a gente encostava em ser ave ganhava o  
poder de alçar.

Se a gente falasse a partir de um córrego  
a gente pegava murmúrios.

Não havia comportamento de estar.

Urubus conversavam auroras.

Pessoas viravam árvore.

Pedras viravam rouxinóis.

Depois veio a ordem das coisas e as pedras  
têm que rolar seu destino de pedra para o resto  
dos tempos.

**Só as palavras não foram castigadas com  
a ordem natural das coisas.**

**As palavras continuam com seus deslimites.**

(Deslimites, Manoel de Barros)



## RESUMO

Esta dissertação tem como principal objetivo apresentar e discutir a produção de *parafasias semânticas* por sujeitos afásicos, freqüentadores do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), buscando relacionar a emergência desses fenômenos aos processos de categorização semântico-lexical, a partir de análises qualitativas de dados interativos destes sujeitos. As parafasias são tradicionalmente definidas como a troca de uma palavra ou de um som que se quer enunciar por outra palavra/som. Elas são, na literatura neuropsicológica, tradicionalmente classificadas em três categorias distintas, de acordo com a relação observada entre o som/palavra-alvo e o som/palavra enunciada: *i) fonológicas* (ou literais) – quando ocorre a troca de um som por outro; *ii) lexicais* – quando há trocas entre palavras que, aparentemente, não apresentam nenhuma relação semântica entre si; e *iii) semânticas* – quando há uma relação semântica clara entre a palavra-alvo e a palavra produzida.

A relevância do estudo justifica-se, dentre outras razões, pelo fato de a parafasia ser um fenômeno que pode ser observado em, praticamente, todos os tipos de afasia - além de ser observado em estados não-patológicos. Os dados apresentados foram videogravados e posteriormente transcritos para esta pesquisa e foram analisadas em uma perspectiva qualitativa, a partir da abordagem microgenética.

Esta pesquisa insere-se nos estudos realizados pela Neurolinguística enunciativo-discursiva, desenvolvida no Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP a partir dos trabalhos de Coudry (1986/1988) e é abrigada pelo GELEP (Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias).

**Palavras-chave:** parafasia, afasia, organização semântico-lexical.



## ABSTRACT

This dissertation has as a main goal to present and to discuss the production of *semantic paraphasia* by aphasic subjects, frequenters of the Centro de Convicência de Afásicos (CCA), trying to connect the emergency of these phenomena to the process of semantic-lexical categorization from qualitative analyzes of interactive data from these subjects. The paraphasia are traditionally defined as the swap of an word or sound that someone want to enunciate for another word/sound. They are, in the neuropsychological literature, traditionally classified in three distinct categories according to the relation observed between the sound/word-target and the sound/word/enunciated: *i) phonological* (or literal) – when the swap of a sound for another occurs; *ii) lexical* – when the word swap has no semantic relation apparently; **and** *iii) semantic* – when there is a clear evidence of a semantic relation between the word-target and the word produced.

The relevance of the study is justified, among other reasons, by the fact of the paraphasia be a phenomenon that can be observed in, practically, all kinds of aphasia – yet observed in non-pathological states. The data presented were videotaped and posteriorly transcript for this research and the were analyzed in a qualitative perspective from the microgenetic approach.

This research inserts in the studies realized by the Neurolinguistics enunciative-discursive, developed in the Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP from the studies of Coudry (1986/1988) and it is covered by GELEP (Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias).

**Key Words:** paraphasia, aphasia, semantic and lexical organization.



# SUMÁRIO

<u>DEDICATÓRIA</u>	vii
<u>AGRADECIMENTOS</u>	ix
<u>EPIGRAFE</u>	xi
<u>RESUMO</u>	xiii
<u>ABSTRACT</u>	xv
<u>SUMÁRIO</u>	xvii
<u>INTRODUÇÃO</u>	1
<u>CAPÍTULO 1: BREVE HISTÓRICO SOBRE O ESTUDO DAS PARAFASIAS</u>	5
1.1 Os estudos clássicos e modernos sobre as parafasias	5
1.2 Estudos contemporâneos das parafasias	13
<u>CAPÍTULO 2: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS QUE FUNDAMENTAM A PESQUISA</u>	17
2.1 Por que e como categorizamos: a influência da categorização no estudo das parafasias	17
2.1.1. Os limites da categorização clássica: a visão aristotélica	18
2.1.2 Lakoff e Foucault: a presença do sujeito no centro da discussão	19
2.2 Contribuições das teorias <i>linguísticas</i> para o estudo do funcionamento semântico-lexical	34
2.2.1. A contribuição de Jakobson	42
2.3. A contraparte neuropsicológica do funcionamento semântico-lexical:	44
<u>CAPÍTULO 3: PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</u>	53
3.1. A metodologia qualitativa nos estudos afasiológicos	53
3.2 A abordagem microgenética: contribuição das reflexões de Vygotsky acerca do método	56
3.3 Metodologia de pesquisa acerca das parafasias	59

3.3.1. Dados de episódios dialógicos	59
3.3.2. O CCA	60
3.4 Sujeitos participantes da pesquisa	60
3.5 O desenvolvimento de protocolos experimentais	62
3.5.1 Avaliação com Expressões Metafóricas	62
3.5.2 O uso de provérbios	63
<b><u>CAPÍTULO 4: DADOS COM OCORRÊNCIAS DE PARAFASIAS</u></b>	<b>65</b>
4.1 Dado 1- <i>Temporágua</i>	65
4.1.1 Entrando pelo cano	66
4.1.2 Fazer tempestade em copo d'água	68
4.1.3. Carta fora do baralho	70
4.1.4 Tirar água do joelho	71
4.2. Dado 2: <i>Em briga de marido e mulher ninguém mete... o garfo</i>	72
4.3 Dado 3: <i>Em briga de marido e mulher, não mexa a coelha, a colher</i>	73
4.4 Dado 4: <i>Aqui se faz, aqui se sente.</i>	75
4.5 Dado 5: <i>De boas intenções...</i>	79
4. 6 Dado 6: <i>O que os olhos não veem o coração não chora</i>	80
4.7 Dado 7: <i>Corinthians</i>	82
<b><u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></b>	<b>87</b>
<b><u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u></b>	<b>93</b>
<b><u>Anexo 1</u></b>	<b>99</b>

# INTRODUÇÃO

Esta dissertação foi desenvolvida a partir dos pressupostos da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva, no Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, abrigada pelo GELEP (Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias)<sup>1</sup> e tem como principal objetivo apresentar e discutir a produção de *parafasias semânticas*, evidenciadas por análises qualitativas de dados de sujeitos afásicos em situações interativas, buscando relacionar a emergência desses fenômenos aos processos de categorização semântico-lexical.

A pesquisa teve início com minha Monografia de Conclusão do Curso de Letras, também desenvolvida em nível de Iniciação Científica<sup>2</sup>. O foco estava em compreender a natureza da relação entre as palavras pretendidas e aquelas efetivamente enunciadas, a partir da concepção de Luria sobre a organização lexical em redes multidimensionais (LURIA, 1986).

A relevância do estudo justifica-se, dentre outras razões, porque o fenômeno ocorre em todos os tipos de afasia<sup>3</sup>, além de ser observado em estados não-patológicos. Vale ressaltar, ainda, que se relaciona à ocorrência das *dificuldades para encontrar palavras* e dos chamados TOTs (tip-of-the-tongue phenomenon).

As parafasias são tradicionalmente definidas como a troca de uma palavra ou de um som que se quer enunciar por outra palavra/som<sup>4</sup>. Elas são, na literatura neuropsicológica, tradicionalmente classificadas em três categorias distintas, de acordo com a relação

---

<sup>1</sup> O GELEP está cadastrado no CNPq desde 2010 e é coordenado pela professora Dra. Rosana do Carmo Noves Pinto, que também orientou esta pesquisa.

<sup>2</sup> O projeto de iniciação científica teve como título “Estudo da Produção de Parafasias e da Dificuldade de Encontrar Palavras nas Afasias” e foi orientado pela Profa. Dra. Rosana Novaes Pinto. Desenvolveu-se a partir de um estudo de caso, durante o qual acompanhei um sujeito afásico caracterizado como “não fluente”, mas que apresentava diversas parafasias em seus enunciados. A partir desse estudo, desenvolvi o Trabalho de Conclusão do Curso de Letras, denominado “Dificuldades de Encontrar Palavras nas afasias: um estudo de caso”. Trata-se de uma reflexão sobre o estudo das parafasias enquanto sintoma das afasias fluentes.

<sup>3</sup> A afasia pode ser compreendida como uma alteração de linguagem, tanto em seus aspectos articulatórios quanto discursivos, decorrente de uma lesão cortical adquirida, podendo ou não se associar a alterações de outros processos cognitivos.

<sup>4</sup> Mantivemos, ao longo da dissertação, a terminologia que normalmente aparece nos estudos da área – *palavras* e *soms* – embora o mais adequado, a nosso ver, seja se referir a *fonemas*, unidades do sistema linguístico.

observada entre o som/palavra-alvo e o som/palavra enunciada: *i) fonológicas* (ou literais) – quando ocorre a troca de um som por outro; *ii) lexicais* – quando há trocas entre palavras que, aparentemente, não apresentam nenhuma relação semântica entre si; *e iii) semânticas* – quando há uma relação semântica clara entre a palavra-alvo e a palavra produzida<sup>5</sup>.

Devido à natureza da pesquisa de Mestrado e sua realização em um prazo relativamente curto, foram sugeridos pela banca, já na ocasião do Processo Seletivo, alguns recortes nos objetivos iniciais. A opção feita pelo estudo das parafasias na produção dos sujeitos afásicos justifica-se pelo conjunto de dados que já havia sido selecionado (dentre os quais alguns já transcritos) e pela riqueza do fenômeno nesse contexto.

Outro recorte feito, após iniciar as análises, foi a opção pelo estudo das parafasias semânticas em detrimento das *parafasias literais* (fonético-fonológicas), embora ambas sejam fenômenos extremamente ricos e complexos. Na maioria dos dados os dois tipos estão envolvidos, às vezes de forma *imbricada*, como na produção de neologismos. Um exemplo é o dado de MG que produz *temporágua* para se referir à “tempestade em copo d’água” que é, ao mesmo tempo, um amálgama de tipo neológico (temporal + água), mas que guarda uma relação semântica com vários itens lexicais: tempestade, temporal, água, afogar. Em dados como este, evidentemente, a relação entre os níveis fonético/fonológico, sintático/lexical/semântico será discutida, uma vez que envolve, nos termos de Jakobson, seleção e combinação simultaneamente.

A fim de organizar a discussão das questões desta dissertação, dividimos o trabalho em quatro capítulos:

O **capítulo 1** – *Breve histórico sobre o estudo das parafasias* – traz uma síntese de alguns dos principais estudos sobre o fenômeno, partindo, especialmente, de duas reflexões realizadas na perspectiva enunciativo-discursiva: a tese de Rapp (2003) e a dissertação de Reisdorfer (2007). Ambas destacam o fato de que a *parafasia*, por ter sido sempre estudada no campo da medicina e relacionada às patologias, foi concebida como um *sintoma*. Além desses trabalhos, trazemos para discussão questões abordadas por Wernicke, Broca, Jackson, Freud, Lordat, dentre outros, visando dar um panorama teórico acerca do fenômeno.

---

<sup>5</sup> Alguns autores também se referem à divisão entre parafasias fonológicas, formais e semânticas (GOODGLASS, 1999, EDWARDS & BASTIANSEN, 1998).

No **capítulo 2** – *Pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa* – são abordadas as concepções que consideramos fundamentais para o estudo das parafasias, iniciando por questões delimitadas pelo nosso posto de observação – que é a Linguística. Seleccionamos autores compatíveis com os pressupostos teóricos da Neurolinguística enunciativa-discursiva, dentre os quais citamos Jakobson, Guimarães (2005), Basílio (1995, 2006), Nunes (2006), Lakoff (1990), Abaurre (2006), dentre outros. Passamos, em seguida, aos autores do campo da Filosofia da Linguagem, com ênfase nas questões e conceitos postulados por Foucault ([1986]/2000) e Bakhtin ([1954]1997). Também nos voltamos para a literatura neuropsicológica, com destaque para Vygotsky (1994, 2007) e Luria (1973, 1986) e, para terminar, às autoras que se dedicam às questões neurolinguísticas propriamente ditas, sobretudo os trabalhos de Coudry (1986/1988, 2002, 2007) e Novaes-Pinto (1999, 2005, 2010, 2012a, 2012b).

O **capítulo 3** – *Aspectos metodológicos da pesquisa* – é composto por duas partes. A primeira destina-se (i) à apresentação das abordagens qualitativas que orientaram a pesquisa, tomando como referências os trabalhos de Damico et al. (1999) e de Novaes-Pinto (2009, 2011, 2012b), e (ii) à explicitação dos postulados de Vygotsky (2007) sobre as análises de cunho microgenético, mobilizando também nessa explicação o trabalho de Góes (2000). A segunda parte traz dados relativos à realização do trabalho, apresentando os sujeitos que participaram do estudo, bem como a descrição dos contextos de produção dos dados e o funcionamento do CCA – Centro de Convivência de Afásico – *locus* da pesquisa.

O **capítulo 4** destina-se à apresentação dos dados e das análises, segundo os princípios teóricos e metodológicos descritos nos capítulos anteriores, com ênfase na emergência das *parafasias semânticas*.

Nas *considerações finais*, procura-se apontar a contribuição teórica e metodológica desta pesquisa para a compreensão do fenômeno das parafasias semânticas, bem como indicar questões para a sua continuidade, tendo em vista outros recortes possíveis e a ênfase no tema da categorização semântico-lexical.



# CAPÍTULO 1

## Breve histórico sobre o estudo das parafasias

### Introdução

Neste capítulo, será apresentada uma breve história dos estudos sobre as parafasias, baseada, sobretudo nos trabalhos realizados na Neurolinguística de perspectiva enunciativo-discursiva, principalmente na pesquisa de mestrado de Rapp (2003), que balizou, também, o trabalho realizado, Reisdorfer (2007) posteriormente.

#### 1.1. Os estudos clássicos e modernos sobre as parafasias

Segundo Rapp (2003), apresentar um estudo histórico sobre as parafasias confunde-se com a própria história das afasias, visto que os primeiros registros do fenômeno (que evidentemente ainda não eram nomeados como *parafasia*) datam de papiros da Antiguidade, aproximadamente no século III a.C, em relatos sobre alterações de linguagem de natureza patológica. Foi apenas no século XX que as parafasias passaram a ser estudadas também no âmbito da normalidade, principalmente com os estudos de Freud sobre o *ato falho*. Ao longo de todo esse tempo, os estudos ficaram exclusivamente restritos ao domínio das Ciências Médicas. A ausência dos linguistas no estudo das afasias, segundo Jakobson (1955), foi responsável pela demora no reconhecimento desses fenômenos como sendo de natureza linguística.

Ainda segundo Rapp (2003), no século XV há relatos de Antonio Guainerio, médico italiano, de trocas parafásicas em um de seus pacientes afásicos. Para ele, tais trocas estariam relacionadas ao excesso de fleuma (muco) no quarto ventrículo da região occipital do cérebro, condição observada em análise *post mortem* do córtex visual.

No século XVIII, Gesner<sup>6</sup> (*apud* RAPP, 2003) relata em seu livro exemplos de parafasias de seus pacientes: um deles é o de uma senhora que dizia *Good Bye* (*adeus*) quando queria dizer *toast* (*expressão utilizada para fazer um brinde, como: “Saúde!”*), quando o médico levantava o copo para um brinde e produzia *Good Night* (Boa noite) ao invés de *Good Morning* (Bom dia). Para o médico, tal produção era relacionada à memória e não à linguagem. Por isso, foi entendida como um problema de “amnésia verbal”. Nessa época, prevalecia nos estudos sobre o cérebro a concepção localizacionista, originada com a teoria frenológica de Gall, que buscava estabelecer, a partir da observação visual do córtex cerebral, uma relação entre áreas lesionadas e manifestações clínicas dos pacientes. Esta vertente teórica foi também predominante ao longo do século seguinte. No século XIX, surgiram pesquisadores partidários do *Globalismo* que se opunha radicalmente ao *localizacionismo*. Nessa visão, as funções mentais resultam do trabalho indiferenciado das várias áreas cerebrais e os sintomas, portanto, não podem se correlacionar diretamente às lesões focais.

Dentre os estudiosos das afasias no século XIX, destaca-se Lordat, médico francês, que, após ter sofrido um Acidente Vascular Cerebral (doravante AVC), passou a experienciar a própria condição de ser afásico, sendo a produção de parafasias bastante recorrente em seu quadro. Segundo ele, na afasia há a *impossibilidade de falar, apesar de um senso íntimo sadio, de um entendimento normal e de órgãos vocais e verbais perfeitos* (1969[1843], p.145). Ele nomeou o fenômeno da parafasia de “paramnésia”, o que, posteriormente veio a ser classificado ora como *parafasia lexical*, quando não há relação semântica evidente e ora como *parafasia semântica*, caso haja relação semântica evidente – classificação que questionamos em nosso trabalho, mas que ainda é recorrente na literatura da área. Segundo seu relato,

A doença não era um simples esquecimento de palavras e um esquecimento do significado das palavras presentes, mas ainda uma “sugestão instintiva” de um som desconhecido, mas mal utilizado. Não havia amnésia só, mas o que eu chamaria de paramnésia, se você me permitir, ou seja, um uso vicioso de sons conhecidos e lembrados. Assim,

---

<sup>6</sup> Segundo Rapp (2003), Gesner foi o primeiro a teorizar sobre as afasias. Ele sugeriu que o distúrbio não tinha relação direta com o local da lesão, mas que seria decorrente de uma lentidão generalizada dos processos mentais superiores.

quando eu tenho a intenção de pedir um *livro (livre)*, eu pronuncio *lenço (mouchoir)*. – É verdade que, após ter proferido essa palavra, eu a retraí e senti que precisava de outra (Lordat, 1969[1843], p.146).<sup>7</sup>

Lordat ainda afirma que, apesar da palavra produzida não ser a desejada, ele se dava conta disso imediatamente após tê-la produzido – o que observamos, também, em vários episódios com sujeitos afásicos e que hoje é denominado, na literatura, como *auto-correção*.

O autor descreveu também um segundo tipo de *paramnésia*, denominado por ele como *amnésia verbal*, o que seria hoje o que conhecemos na literatura neuropsicológica como *parafasia fonético-fonológica* (ou literal).

Outro modo de paramnésia consistia em inserir as letras das sílabas de uma palavra composta que eu acabara de encontrar: por exemplo, por raisin (uva) eu digo sairin, para dizer *mussulman* (mulçumano), eu tive a inclinação de dizer Sumulman (Lordat, 1969[1843], p. 146).

Lordat acreditava, portanto, que as trocas – em ambos os casos – estariam relacionadas a um determinado tipo de amnésia, ou seja, a uma questão de memória e não de linguagem propriamente dita. Lordat ainda relata situações em que os sujeitos afásicos fazem as trocas de palavras, mas não se dão conta de que a palavra enunciada não é a palavra esperada. Essa condição, na literatura contemporânea, é conhecida como “anosognosia”. Além dessas questões, Lordat afirmou que o foco das pesquisas sobre as afasias deveria ser o *processo* que os sujeitos desenvolvem para alcançar a comunicação e não a estrutura da língua em si.

Pouco tempo depois dos relatos de Lordat sobre as afasias, Broca<sup>8</sup> (1969[1861]) – considerado o “fundador da Afasiologia” – apresentou o primeiro trabalho relacionando uma área cortical do cérebro a um *sintoma* de linguagem. Partidário do localizacionismo, portanto, o autor propõe um *locus* para a linguagem no cérebro, que seria a terceira

---

<sup>7</sup> Todas as traduções de Lordat foram feitas por Souza-Cruz para esta pesquisa.

<sup>8</sup> Segundo Morato (2001), apesar de ser atribuída à Broca o nascimento da afasiologia, foram os estudos anátomo-fisiológicos de Gall os que primeiro relacionaram lesão cerebral e estado clínico do paciente. Porém, Broca e Wernicke foram os primeiros a se dedicarem à discussão sobre a relação cérebro-linguagem. Segundo Luria (1973), Gall foi o primeiro a distinguir entre massa branca e massa cinzenta, afirmando que diferentes faculdades estariam localizadas em regiões cerebrais particulares.

circunvolução frontal inferior do hemisfério esquerdo – que passou a ser referida como *área de Broca*. Para ele, a faculdade da linguagem seria totalmente independente das demais funções cerebrais e a lesão na região descrita levaria ao que ele denominou *afemia*, caracterizada como a perda da capacidade de articular as palavras, com a preservação da faculdade geral da linguagem. A verdadeira afemia seria a perda da fala (*parole*) sem paralisia das estruturas responsáveis pela articulação e sem afetar a inteligência<sup>9</sup> (BROCA, 1969[1861]). No entanto, o autor não nega que a afemia, em alguns casos, possa resultar de uma lesão no hemisfério direito, o que, para ele, caracterizaria casos excepcionais.

Segundo Broca (1969[1861]), a troca ou a dificuldade de encontrar palavras não estaria relacionada à memória das palavras, como era pensado até então, mas a uma memória “articulatória”, ou seja, específica para lembrar precisamente os movimentos necessários para articular. Portanto, a produção de parafasias *literais* (fonético-fonológicas) seria o resultado da perda de uma memória específica dos movimentos e da coordenação, necessários para que uma determinada palavra fosse pronunciada.

Pouco tempo depois, outro importante estudioso das afasias buscou explicar os fenômenos de trocas parafásicas. Diferentemente de Broca, Carl Wernicke (1874) não pode ser enquadrado no localizacionismo estrito, pois nem todas as funções cerebrais poderiam, segundo ele, ser localizadas em regiões específicas do cérebro; em alguns casos, diversas áreas são acionadas para a “realização de uma mesma tarefa”. Por essa razão, seus estudos são relacionados à corrente denominada como “conexionista”. O comprometimento funcional de uma área, em decorrência de uma lesão, pode afetar o funcionamento das demais regiões cerebrais.

Para Wernicke, a severidade da afasia – e dos demais sintomas apresentados pelo paciente – depende da extensão da lesão e de sua localização<sup>10</sup>: se incidir na região do primeiro giro temporal, o sujeito apagaria os nomes dos objetos da memória; já se a lesão

---

<sup>9</sup> Apesar de defender essa separação entre a linguagem e as demais funções superiores, Broca admite ser possível, no caso de lesões muito extensas, o sujeito ter sua inteligência afetada. No texto em questão (BROCA, 1969[1861]), uma das perguntas que Broca tenta responder é se o sujeito com afemia não aprenderia a falar utilizando apenas o hemisfério direito (HD). Até aquele momento, acreditava-se que o HD tinha apenas uma função auxiliar na linguagem articulada.

<sup>10</sup> É importante lembrar que, apesar de não defender um localizacionismo estrito como seus colegas na época, Wernicke não negou a correlação entre a área lesada e os sintomas apresentados. Ele acreditava que as áreas do cérebro são interconectadas e que mais de uma área está envolvida nos processos complexos, como o de linguagem.

incidisse nas vias de conexão (entre as áreas de Broca e Wernicke) acarretaria o que Wernicke chamou de “confusão de palavras” (word confusion) – a habilidade de nomeação do sujeito ficaria preservada, mas haveria um distúrbio na seleção das palavras. Poderia haver, ainda, o que o autor nomeou como “transposição de palavras” (word transposition) - que ficou conhecida como “parafasia”. Neste caso, a associação entre a imagem acústica da palavra e o conceito do objeto concreto está preservada, mas a associação entre o conceito do objeto e a imagem motora da palavra está prejudicada. Segundo Rapp (2003), o autor foi um dos primeiros a tratar da possibilidade dessas trocas ocorrerem também em sujeitos “normais”; entendendo-se aqui “normais” como não-afásicos.

Segundo Rapp (2003), a partir do início do século XX – à semelhança do que ocorreu entre globalistas e localizacionistas – houve um retorno da disputa entre aqueles que acreditavam que as funções mentais estavam localizadas em regiões estritas do cérebro e aqueles que defendiam uma maior integração no funcionamento das áreas. Essa última ficou conhecida como *teoria holística*<sup>11</sup>.

Pick (1851/1924 *apud* RAPP, 2003) – autor que ficou conhecido por diversos estudos na área da Psicolinguística – acreditava que a parafasia seria decorrente de um mecanismo sobre o qual o falante não apresenta nenhum controle; um momento anterior à tomada de consciência<sup>12</sup>. O autor associa a ocorrência de parafasia aos mecanismos de produção de lapsos e aos chamados fenômenos *Tip-Of-the-Tongue* (TOT), que estariam relacionados às funções do lobo temporal. Apesar dessa relação entre local da lesão e sintoma, segundo Tubero (2010), não se pode caracterizar Pick como localizacionista estrito – posto que buscava compreender a relação entre a lesão, o sintoma e o sujeito.

Já para Lichteim (1885, *apud* RAPP, 2003), as trocas deveriam ser compreendidas como um fenômeno externo à afasia. A parafasia, para ele, era um outro tipo de afasia,

---

<sup>11</sup>A esse respeito, Cytowic (1995) afirma que a mudança observada na primeira metade do século XX foi conceitual, mas não foi baseada em evidências empíricas, visto que os métodos utilizados e os materiais disponíveis não apresentavam diferença significativa em relação ao século anterior. O que mais contribuiu para o crescimento de conceitos holísticos nesse período foram os fatores histórico-culturais, os quais podiam ser observados em outras áreas do conhecimento naquele momento (REISDORFER, 2007).

<sup>12</sup> A questão da “consciência”, relativa ao estudo das parafasias, está subjacente a questões como auto-correção, anosognosia, dentre outras. Não entraremos nessa discussão nesta dissertação, apesar de se tratar de um tema extremamente relevante e que deverá, certamente, ser aprofundado na pesquisa subsequente, de Doutorado.

causado pela interrupção de uma das vias de condução (RAPP, 2003)<sup>13</sup> entre as áreas de Broca e de Wernicke.

Jackson (1879[1864]), crítico do localizacionismo, contribuiu para uma nova concepção acerca do funcionamento cerebral, das afasias e, mais especificamente, das parafasias, uma vez que buscou compreender a relação entre a palavra-alvo e a palavra efetivamente enunciada pelo sujeito.

Essas questões são muito importantes para o estudo do fenômeno e não são consenso até hoje – tanto é que suscitam o interesse de pesquisadores em vários campos do conhecimento. Em termos neuropsicológicos, Jackson afirmava que localizar uma lesão que compromettesse a fala não significava localizar a fala, já que esta é uma atividade simbólica. Para Jackson, os distúrbios de linguagem poderiam ser de três tipos: i) distúrbios de fala; ii) perda da fala– quando o paciente praticamente não fala, mas a pantomima permanece inalterada; e iii) perda da linguagem – quando o paciente perdeu tanto a fala quanto a pantomima. A parafasia, segundo essa divisão, se enquadraria no primeiro caso. Sobre a teoria de Jackson, mais especificamente sobre as parafasias, Tubero (2010) esclarece que

O paciente mantém integralmente o vocabulário, mas comete erros nas palavras, produzindo *laranja* por *cebola*, *cadeira* por *mesa* ou usa expressões que Jackson chamou de metafóricas (quasi-metaphorical), por exemplo, produzindo *acenda o fogo* (light the fire up there) por *ligue o gás* (light the gas) (TUBERO, 2010, p. 74, grifos em itálico nossos).

Para Rapp (2003), outra importante contribuição trazida por Jackson, é a crítica que o autor faz aos estudos afasiológicos que focalizam apenas as “perdas”. Segundo o autor, apesar de tratar-se de um distúrbio, ele sempre traz consigo uma condição positiva, ou seja, o que o paciente mantém na linguagem. A parafasia seria, portanto, uma condição positiva, pois, apesar de não produzir a palavra desejada, o sujeito produz a melhor possível em uma determinada circunstância. Segundo Luria (1973), foi a partir dos estudos de Jackson que se iniciou a busca pela compreensão de processos fisiológicos relativos à atividade consciente humana, de origem social e histórica e como estrutura complexa, hierárquica, o que necessitou um esforço de revisão radical dos termos e princípios até então utilizados.

---

<sup>13</sup> Tempos depois, Wernicke redimensionou a afirmação de Lichteim, ao afirmar que as parafasias seriam um fenômeno presente em diversos tipos de afasia.

Rapp (2003) traz para os estudos sobre as parafasias a contribuição de Kussmaul (1877), físico muito importante para o desenvolvimento de diversas áreas da medicina, que postulou um modelo<sup>14</sup> que, ao contrário do proposto por Wernicke, desvinculava-se da base anatômica. Rapp (2003) se refere ao “desenho esquemático dos centros e das vias da linguagem”, postulado por este autor para representar como a palavra se processaria em quatro *centros* interligados mediante associação e que se ligam a um “centro dos conceitos”. Para ele, as parafasias seriam *um distúrbio de linguagem em que a associação das ideias com a imagem das palavras é de tal maneira afetada que, em vez de ser emitida a palavra contendo o sentido desejado, aparecem outras de sentido diverso ou então palavras totalmente estranhas e ininteligíveis* (KUSSMAUL, *apud* RAPP, 2003).

Kussmaul foi o primeiro a utilizar o termo *parafasia* para se referir ao fenômeno das trocas, posteriormente utilizado nos trabalhos de Freud sobre as afasias. Segundo Rapp (2003), o termo “aparelho de linguagem” proposto por Kussmaul pode ser considerado o precursor do modelo freudiano de “aparelho de linguagem”.

Já em 1891, Freud – à época conhecido por seus trabalhos neurológicos – trouxe a público uma obra tematizando as afasias, em especial a parafasia. Segundo ele, o fenômeno vinha sendo compreendido como um dos sintomas da afasia sensorial. A partir da crítica de outros estudiosos do assunto – como é o caso de Lichteim – e da observação de alguns casos estudados por outros autores, Freud irá mostrar que a parafasia deve ser considerada um *sintoma* puramente funcional. Isso quer dizer que a funcionalidade do “aparelho da linguagem” estaria reduzida e, por isso, os sujeitos trocariam termos relacionados. O autor vai buscar, para além da explicação anatômica, uma base psicológica – retomando questões discutidas por Pick. Irá basear-se nos estudos de Grashey (*apud* FREUD, 1891) segundo os quais a “amnésia da palavra” seria causada pela interrupção das vias que ligam imagens acústicas às imagens objetais – o que nos remete à explicação que já havia sido dada por Kussmaul e, ainda antes, por Wernicke. Segundo Freud (1891), o que chama a atenção na explicação de Grashey é o fato deste não priorizar a lesão, como nos modelos descritos anteriormente.

---

<sup>14</sup> O modelo de Kussmaul, juntamente com as ideias de Pick, influenciou diretamente a concepção de Freud sobre o que viria a ser posteriormente conhecido como *ato falho*.

Freud buscou, ainda, outra explicação para a questão da linguagem, a partir da relação entre fenômenos psicológicos e psíquicos. Segundo ele, *por parafasia devemos entender uma perturbação da linguagem em que a palavra apropriada é substituída por outra não apropriada que tem, no entanto, certa relação com a palavra exata* (FREUD, 1891, p.9). Essa visão freudiana influenciou trabalhos posteriores de Luria que trazem a questão das parafasias (LURIA, 1973, 1986). Segundo Freud, as parafasias também podem ocorrer fora das patologias, em momentos de baixa funcionalidade do aparelho da linguagem – o qual poderia estar alterado por razões orgânicas, como em estado de sonolência. Para ele, as parafasias observadas nas afasias ou no estado não-afásico não diferem quanto à qualidade, sendo a frequência de ocorrência o que distingue os dois grupos.

Outra contribuição interessante acerca do fenômeno das parafasias veio de Goldstein (1946), autor que, baseado nos trabalhos de Wernicke, defendeu que as afasias estariam presentes em todos os tipos de afasia, relacionadas ao funcionamento da *linguagem interna*. Assim como para Jackson, suas explicações para os fenômenos afásicos e para as parafasias derivam de uma concepção holística sobre o funcionamento do cérebro e da linguagem. Segundo o autor, haveria três possíveis tipos de trocas parafásicas: **i) a parafasia motora** – antes denominada por ele como *Literal 1* – na qual se pode notar a elisão de letras<sup>15</sup>, inserção de letras inadequadas ou presença de letras corretas em posições incorretas, mais a presença de fala “disfluente”; **ii) parafasia literal** - antes denominada pelo autor como *Literal 2* – em que haveria a transposição de letras e a possibilidade da relação com a forma da palavra: o final, a extensão e o ritmo estariam preservados. Neste caso, Goldstein afirma que o afásico não perceberia seu erro; e **iii) parafasia verbal** – onde haveria a troca de palavras com conteúdo semelhante ao da palavra esperada – atualmente descrita como “parafasia semântica”.

Esse breve histórico nos mostra um panorama dos estudos – clássicos e modernos – que contemplam os séculos XVIII, XIX e início do século XX – sobre as parafasias, revelando interesses que vão desde questões puramente anatômicas, priorizadas nos trabalhos dos autores localizacionistas, àqueles que se interessam pelas relações entre

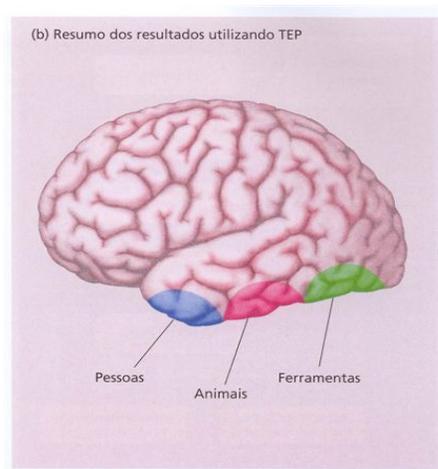
---

<sup>15</sup> Apesar de sabermos que o conceito de *letra* está relacionado à linguagem escrita e que aqui estamos tratando de linguagem oral, mantivemos o uso dessa palavra, pois o autor não faz menção ao termo *som*. A troca de letras ou palavras na linguagem escrita é denominada como “paragrafia”.

regiões corticais lesionadas, sintomas linguísticos e contextos de produção. A seguir, apresentamos uma breve síntese de algumas questões que orientam os estudos contemporâneos das trocas parafásicas, geralmente chamadas de “erros” ou “trocas” e relacionadas a uma tendência que vimos chamando de *neo-localizacionista*.

## 1.1 Estudos contemporâneos das parafasias

A maioria dos estudos que se interessam pelo funcionamento semântico-lexical, no campo dos estudos neuropsicológicos, incluindo-se nestes o das parafasias – mais comumente abordadas como “erros de produção” – enquadram-se numa tendência que Novaes-Pinto vem chamando de “neo-localizacionista”, uma vez que buscam correlacionar áreas estritas do córtex cerebral com elementos da linguagem, isto é, uma relação direta entre substratos neurais discretos e palavras e categorias específicas – como verbos, preposições, etc. (NOVAES-PINTO, 2011). A imagem abaixo sintetiza pesquisas que fazem tais relações.



Resumo de resultados com TEP

Segundo a autora, basta dar uma olhada nos títulos de alguns trabalhos científicos atuais para se ter uma ideia dessa tendência. A fim de exemplificar a crítica feita,

reproduzimos abaixo alguns destes títulos<sup>16</sup>:

- ✓ Lexical Organization of nouns and verbs in the brain<sup>17</sup>;
- ✓ Neural correlates naming animal from their characteristics sounds<sup>18</sup>;
- ✓ Neural System behind word and concept retrieval<sup>19</sup>;
- ✓ Effects of noun-verbs homonymy in the neural correlates of naming concrete entities and actions<sup>20</sup>;

Em geral, segundo Damásio (1999, *apud* Novaes-Pinto, 1999), estudos contemporâneos em neurolinguística servem-se de três diferentes fontes: experimentos psicolinguísticos, métodos que correlacionam áreas cerebrais lesionadas a dados obtidos em testes metalinguísticos, e, ainda, a correlação de resultados de experimentos neuropsicológicos às imagens obtidas por sofisticados instrumentos como RMf (Ressonância Magnética Funcional), TEP (Tomografia por Emissão de Pósitrons), bem como demais exames eletrofisiológicos do cérebro.

Segundo Novaes-Pinto (2009), a maioria das pesquisas na área objetiva postular modelos de organização e acesso lexical e indicar quais substratos neurais participam de processos complexos como linguagem e memória, de forma análoga ao já realizado com processos primários, como a percepção visual, auditiva e tátil-cinestésica. Cytowic (1995), na contramão das pesquisas localizacionistas, defende que se funções menos complexas – como a visão – exigem o funcionamento de diversas áreas cerebrais, não se pode esperar que uma função de alta complexidade como a linguagem resulte do trabalho isolado de uma determinada área.

Com relação à bibliografia sobre a produção de parafasias, chama a atenção que o fenômeno das trocas passa a ser referido, nesta vertente, como *erro*, como podemos observar nos seguintes títulos:

---

<sup>16</sup> Para mais informações sobre os artigos consultados, ver anexo 1.

<sup>17</sup> Caramazza e Hillis (1991).

<sup>18</sup> Tranel et al. (2003).

<sup>19</sup> Damasio et al. (2004).

<sup>20</sup> Tranel et al. (2005).

- ✓ Dissociation of semantic and phonological errors in Naming<sup>21</sup>;
- ✓ The influence of Phonological context on the sound errors of a speaker with a Wernicke's aphasia<sup>22</sup>;
- ✓ Effects of syllable structure in aphasic errors: Implications for a New model of speech<sup>23</sup>;
- ✓ Omissions and Semantic errors in aphasic naming: Is there a link?<sup>24</sup>;

Essas pesquisas nos levam a refletir, primeiramente, sobre a própria noção de “erro”, já que nesses estudos estes são apenas quantificados e submetidos a análises estatísticas – o produto – com objetivos que servem à classificação em uma determinada categoria ou para fins de orientação terapêutica. A noção tradicional de “erro” traz intrinsecamente uma carga semântica negativa. O “erro”, entretanto, pode ser concebido justamente como o lugar da reorganização, como nos mostram os trabalhos de Figueira (1996). Embora a autora se refira a crianças em processo de aquisição de linguagem, suas reflexões são pertinentes às produções de sujeitos afásicos. O momento da produção da parafasia é o que dá visibilidade aos processos linguístico-cognitivos subjacentes. Como afirma Coudry (1986/1988), a afasia põe o funcionamento da linguagem em câmera lenta e o momento do “erro” é quando a “engrenagem” da linguagem pára e dá visibilidade às operações que estão em andamento.

As reflexões apresentadas nesta dissertação, em especial as análises qualitativas dos dados de parafasias produzidas pelos sujeitos afásicos que frequentam o CCA, que apresentaremos nos próximos capítulos, a nosso ver, permitem não só que se avance na compreensão deste fenômeno, mas também contribuem para o estabelecimento dos princípios teórico-metodológicos da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva.

---

<sup>21</sup> Cuetos, Gerardo e Caramazza (2000).

<sup>22</sup> Goldman, Schwartz & Wilshire (2001).

<sup>23</sup> Romani et al. (2011).

<sup>24</sup> Bormann et al. (2008).



## CAPÍTULO 2

### **Pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa**

Ora, nesse catar feijão entra um risco:  
O de que entre os grãos pesados entre  
Um grão qualquer, pedra ou indigesto,  
Um grão imastigável, de quebrar dente:

Certo não, quando ao catar as palavras:  
A pedra dá à frase seu grão mais vivo:  
Obstrui a leitura fluviente, flutual,  
Açula a atenção, isca-a com risco.

**João Cabral de Melo Neto**

Apresentamos, neste capítulo, reflexões acerca do funcionamento semântico-lexical, evidentemente fazendo um recorte das questões relacionadas mais diretamente ao tema central do trabalho: a produção de parafasias. O capítulo está dividido em três partes: (2.1) por que e como categorizamos: a influência da categorização no estudo das parafasias; (2.2) as contribuições das teorias linguísticas para o estudo do funcionamento semântico-lexical; e (2.3) a contraparte neuropsicológica do funcionamento semântico-lexical.

#### **2.1 Por que e como categorizamos: a influência da categorização no estudo das parafasias**

Este primeiro tópico será focado em algumas questões relativas ao estudo da categorização semântico-lexical, uma vez que ela parece estar na base dos processos de produção de parafasias. Respaldamo-nos para esta discussão nas reflexões realizadas por

Foucault (2000)<sup>25</sup> e por Lakoff (1990) sobre os modelos clássicos de categorização. Iniciamos apresentando o que os autores consideraram como “visão tradicional” e, em seguida, as reformulações que propuseram sobre essas questões.

### **2.1.1 Os Limites da categorização clássica: a visão aristotélica**

A chamada *Teoria Clássica de Categorização*, fundada sobre os preceitos aristotélicos<sup>26</sup>, consiste, de maneira geral, em agrupar objetos/palavras de acordo com as propriedades comuns que os compõem. Para a visão clássica, a palavra é o elemento essencial tanto de “partificação” quanto de “especificação” das coisas do mundo: nesta visão, o nome é a própria coisa, uma vez que serve apenas para “apontar” uma determinada representação e mais nenhuma (e, portanto, especificar). Seriam necessárias tantas palavras quanto coisas a serem nomeadas e os sentidos metafóricos ou a polissemia seriam uma impossibilidade e, portanto, não seriam constitutivos da língua. Segundo os estudiosos da abordagem clássica, cada forma (palavra) é compreendida como interna ou externa àquela categoria, de acordo com as propriedades em comum apresentadas por seus elementos; isto é, basta que seja observada uma característica semelhante entre eles, que estes seriam enquadrados na mesma categoria. Esta concepção também é chamada de “classificação por traço semelhante”.

Rosch (1975 *apud* LAKOFF, 2000), em seus estudos na área da psicologia cognitiva, apresenta algumas “verdades” da teoria clássica que acredita que devam ser questionadas, pois podemos classificar os objetos do mundo (assim como os sentimentos humanos e mesmo os pensamentos) a partir de diversas outras propriedades<sup>27</sup>. O ponto fundamental que subjaz a essas questões é a observação de que nem sempre categorizamos a partir de traços comuns entre objetos. A autora chama atenção em especial para duas questões: (i) se

---

<sup>25</sup> Este autor não tratará apenas da categorização na linguagem. No entanto, essa visão mais geral nos auxiliará na compreensão das linhas teóricas que utilizaremos na discussão sobre as trocas de palavras.

<sup>26</sup> Levando-se em conta os objetivos e a natureza desta pesquisa, apresentamos apenas as questões que o autor traz sobre a categorização, partindo do seu trabalho *Categories* (1995) e das questões colocadas por Foucault e Lakoff, considerando ainda que qualquer generalização pode acarretar um prejuízo no entendimento dos conceitos.

<sup>27</sup> Podemos pensar, por exemplo, em categorizar um determinado alimento por sua semelhança com os demais, organizando todas as verduras e legumes em uma mesma categoria por serem alimentos orgânicos, mas também podemos separá-los por nossa predileção por alguns deles, por exemplo.

as categorias semânticas são definidas somente por propriedades que todos os membros compartilham, então nenhum membro deve ser um exemplo melhor do que qualquer outro da mesma categoria; (ii) se as categorias são definidas apenas a partir de propriedades inerentes aos seus membros, então devem ser independentes das peculiaridades daqueles que fazem a categorização; isto é, não devem envolver nenhuma questão de neurofisiologia humana, movimentos do corpo humano e capacidades humanas específicas de perceber, formar imagens mentais, aprender e lembrar.

Até hoje, a visão de classificação dominante nas pesquisas sobre a organização semântica e, conseqüentemente, sobre fenômenos como a parafasia e as dificuldades de encontrar palavras ainda parece se pautar nas características da visão clássica. Essa visão orienta muitas baterias de testes para diagnosticar formas de demência e tipos de afasias.

Lakoff (1990) criticou esta visão por se tratar de uma posição filosófica, de uma especulação *a priori*, independente de comprovação empírica. Como veremos no tópico a seguir, alguns autores buscaram discutir a questão da categorização para além da ideia de divisão por traços em comum entre objetos, seja a partir de categorização como necessária para compreender e colocar-se no mundo (FOUCAULT, 2000[1986]), seja enquanto uma característica da cognição humana (LAKOFF, 1990).

### **2.1.2 Lakoff e Foucault: a presença do *sujeito* no centro da discussão**

Foucault, em seu livro *As Palavras e as Coisas* (2000[1986]), apresenta um estudo histórico sobre a questão da organização dos objetos no mundo – e, por conseguinte, das palavras que os nomeiam – e como essa “ordenação” foi sendo modificada de acordo com o tempo e a necessidade histórica do homem. Segundo ele, mais do que uma forma de organização lexical, a categorização é uma manifestação da necessidade humana de colocar as coisas em seus lugares, a partir de critérios que vão se modificando ao longo do tempo, influenciados por questões sócio-histórico-culturais.

É essa influência que justifica nosso *espanto* ou *estranhamento* diante de algumas categorizações com as quais não estamos familiarizados. Um exemplo disso é dado por ele, que retoma a categorização de *animais* que Borges encontra em uma enciclopédica chinesa,

lembrando que este autor tinha o mesmo objetivo – o de evidenciar tal estranhamento<sup>28</sup>:

a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo, l) et cetera, m) que acaba de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas”(apud Foucault, 2000, p. X).

Foucault chama atenção justamente para nosso susto, *nosso encanto e perturbação* (FOUCAULT, 2000, p. XI), que surgem do fato de não estarmos familiarizados com essa classificação. O nosso espanto não está ligado ao fato de a enciclopédia nomear animais reais ou impossíveis – como as sereias, mas de colocá-los próximos a animais reais e cotidianos como o *cachorro*.

Para ele, o estranhamento está relacionado ao que chama de *geografia e idade* da língua; isto é, o *lugar* e o *tempo* em que estamos e que não nos permite conceber e nem classificar *sereias*<sup>29</sup> e *cachorros* de forma tão próxima. Essa afirmação nos leva a crer que há uma ordem que esperamos na língua e mesmo em suas classificações. Quando nos deparamos com algo diferente dessa ordem, tendemos a estranhar. O espanto também é causado pelo *espaço* em que esse encontro ocorre, ou seja, o *não-lugar* da própria língua que nos aparece “bagunçada”, desorganizada pela quebra de nossa ordem cotidiana. Nas suas palavras, *o impossível não é a vizinhança das coisas, é o lugar mesmo onde elas poderiam avizinhar-se. Ora, qual outro lugar onde poderíamos ter lado a lado seres fantásticos e reais senão na página que a transcreve?* (FOUCAULT, 2000, p. XII). Portanto, é somente na (e pela) linguagem que essa vizinhança é possível.

Segundo ele, o espanto ante a classificação não está ligado (necessariamente) ao fato

---

<sup>28</sup> Louis Sass (1994) sugeriu, em resposta à denominada “lista de Borges”, que tal pensamento “chinês” mostra sinais típicos de processos de pensamento esquizofrênico. Já o linguista George Lakoff (1990) salientou que a lista “é semelhante a muitas categorizações dos objetos encontrados em culturas não-ocidentais”. Keith Windschuttle (1997), um historiador australiano, alegou aceitação da autenticidade da lista entre muitos acadêmicos como um sinal da degeneração da academia ocidental. A divergência de opiniões sobre a possibilidade dessa classificação já demonstra que, mesmo a reação ante tal classificação pode variar do “possível para determinadas culturas”, como defendido por Lakoff, até a manifestação de um pensamento patológico, segundo Sass.

<sup>29</sup> O simples fato de a Enciclopédia classificar sereia como um animal já nos traz esse estranhamento inicial de que Foucault tanto fala.

de a enciclopédia nomear animais irreais, como as sereias; mas de colocá-los próximos de animais reais e cotidianos, como o cachorro ou o gato – proximidade que é estabelecida no texto pelo uso da sequência alfabética<sup>30</sup>. O que Foucault tenta mostrar é que a própria escolha pela série abecedária serve para dar a sensação de proximidade desses objetos no mundo; isto é, nós esperamos que os objetos dispostos mais próximos na série devam ser próximos também no mundo.

Quando Borges nos apresenta essa classificação, essa vizinhança esperada nos é retirada pela “inimaginável proximidade” desses seres. A ordem, segundo Foucault, seria para nós como um quadro que *permite ao pensamento operar com os seres uma ordenação, uma repartição em classes, um agrupamento nominal pelo que são designadas suas similitudes e suas diferenças – lá onde, desde o fundo dos tempos, a linguagem se entrecruza com o espaço.* (FOUCAULT, 2000, p. XII, grifo nosso).

A explicação que Foucault nos oferece para esse mal-estar seria a própria quebra da expectativa, essa *retirada do chão*, já que ela nos coloca frente a frente com a suspeita de uma desordem que até então não tínhamos nos dado conta. Desordem esta que,

faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis na dimensão, sem lei nem geometria, do heteróclito; (...) as coisas aí são 'deitadas', 'colocadas', 'dispostas', em lugares a tal ponto diferentes, que é impossível encontrar-lhes um espaço de acolhimento, definir por baixo de uma e de outras um lugar-comum (FOUCAULT, 2000, p. XII).

Ao ser retirado nosso “lugar comum”, ficamos desorientados, pois não esperamos e chegamos mesmo a não admitir essa proximidade e é nesse momento que vem o riso, causado pelo estranhamento.

Uma das principais funções da categorização para o autor seria a de ordenar as coisas do mundo, ordem que serve para dar um “norte” ao homem, um lugar comum no qual se apegar. Segundo Foucault, quando nos deparamos com relações tão incomuns, como a descrita por Borges, ficamos no vago, no desespero: elas solapam a linguagem, impedem a nomeação e a classificação de determinadas coisas, porque *fracionam os nomes comuns ou*

---

<sup>30</sup>Segundo Foucault (2000), Borges forja essa proximidade a partir do uso das letras do alfabeto, o que nos daria uma falsa sensação de “linha reta” na língua: os elementos classificáveis em *a* estariam espacialmente próximos dos elementos contidos na definição *b*. Este por sua vez, estaria mais próximo dos elementos descritos em *c* do que os elementos descritos em *f*, por exemplo.

*os emaranham*. Este fracionamento é dado pelas categorias nas quais encaixamos as coisas/palavras – e que acreditamos ser a ordem “natural” das coisas. Foucault (2000) nomeia essa quebra de expectativa como *heterotopia* e cita o próprio contexto das afasias, no qual os sujeitos colocam lado a lado palavras que para nós não se relacionariam à primeira vista:

Parece que certos afásicos não conseguem classificar de maneira coerente as meadas de lã multicores que se lhes apresentam sobre a superfície de uma mesa; como se esse retângulo unificado não pudesse servir de espaço homogêneo e neutro onde as coisas viessem ao mesmo tempo manifestar a ordem contínua de suas identidades ou de suas diferenças e de pequenos domínios granulados e fragmentários onde semelhanças sem nome aglutinam as coisas em ilhotas descontínuas; num canto, colocam as meadas mais claras, noutra, as vermelhas, aqui, aquelas que têm uma consistência mais lanosa, ali aquelas mais longas, ou as que tendem ao violeta, ou as que foram enroladas em novelo (FOUCAULT, p.XIII e XIV).

Podemos fazer aqui breves parênteses para relacionar essa expectativa e sua quebra com a sensação provocada quando esperamos uma determinada palavra, seja num contexto de teste (a palavra-alvo) ou mesmo num contexto dialógico com afásicos e é produzida uma *parafasia*. A reação dos interlocutores é um misto de surpresa, espanto e, para os pesquisadores – principalmente linguistas – um enigma a ser desvendado. No nosso caso, o próprio objeto de estudo.

Apesar de Foucault utilizar-se do exemplo das afasias para ilustrar o conceito de *heterotopia*, evidentemente o autor não explica porque isso ocorre com tanta frequência nas afasias – nem poderíamos esperar isso de sua reflexão. Mais adiante, quando tratarmos da explicação dada por Luria, a respeito do funcionamento neurofisiológico nessa condição, veremos que nas afasias há uma redução dos estímulos fortes ou substanciais que permitem *separar os traços essenciais, inibir os insubstanciais e garantir o trabalho estável dos sistemas funcionais complexos* (LURIA 1986, p. 28), o que pode ser relacionado também à produção das parafasias. Ou seja, podemos dizer que continuam havendo critérios semânticos para a produção – como também afirma Luria.

Voltando às reflexões de Foucault, o que o autor busca deixar evidente é que a classificação que utilizamos nos parece a mais coerente (seja ela a que coloca em uma

mesma categoria um *cachorro* e um *gato* que se pareçam, ou dois animais que acabaram de *quebrar a bilha*) porque se dá a partir de determinadas relações de similitude que consideramos as mais corretas ou “correntes”. Essas relações não são, ao contrário do que parece, determinadas de forma individual, mas pela cultura e pelo contexto geográfico e localizadas temporalmente. A partir dessa compreensão, Foucault faz uma análise temporal dos conceitos de “signo<sup>31</sup>” e de “semelhança” e de como essas mudanças, ao longo do tempo, modificam a composição e o entendimento de mundo dos sujeitos. A mudança na cultura e na história acarreta, por sua vez, em mudança na forma de organizar e de categorizar o mundo, criando novas palavras e modificando o sentido de outras e, conseqüentemente, no entendimento que os homens têm do que está “organizado de modo correto” e do que está “fora de ordem”.

Para o autor, *não há, mesmo para a mais ingênua experiência, nenhuma similitude, nenhuma distinção que não resulte de uma operação precisa e da aplicação de um critério prévio* (FOUCAULT, 2000, p. xvi). E prossegue, afirmando que:

**A ordem é ao mesmo tempo aquilo que se oferece nas coisas como sua lei interior,** a rede secreta segundo a qual elas se olham de algum modo umas às outras **e aquilo que só existe através do crivo de um olhar, de uma atenção, de uma linguagem;** e é somente nas casas brancas desse quadriculado que ela se manifesta em profundidade como já presente, esperando em silêncio o momento de ser enunciada (FOUCAULT, 2000, p. xvi).

O autor nos mostra que, a cada tempo e a cada cultura, semelhanças entre os objetos os unirão em um único grupo – categoria – enquanto as diferenças serão as responsáveis por afastá-los: *A história da ordem das coisas é a história do Mesmo – daquilo que, para uma cultura é, ao mesmo tempo, disperso e aparentado: a ser, portanto, distinguido por marcas e recolhido em identidades* (FOUCAULT, 2000, p. XXII). Os objetos podem encaixar-se, segundo ele, de acordo com os elementos que os unem, em quatro diferentes tipos de

---

<sup>31</sup> Segundo Foucault (2000), até o fim do século XVII, o signo era entendido como uma realidade ternária: o domínio formal da marca, o conteúdo que se acha assinalado e suas similitudes que ligam marcas às coisas. Apenas no século XVIII ele tomará sua forma binária, levando-se em consideração, segundo o autor, que a semelhança estaria presente tanto na forma quanto no conteúdo de seu signo: os três elementos distintos se resolvem em uma única figura. Essa mudança com relação ao pensamento, ao signo e também à linguagem é, segundo o autor, o que ainda nos baliza nas pesquisas realizadas atualmente.

similitude, que poderão nos auxiliar na compreensão da natureza das trocas realizadas pelos sujeitos. Embora não nos detenhamos, nas análises dos nossos dados, em cada um dos tipos abaixo descritos nesta dissertação – ou seja, não é nossa opção metodológica e analítica procedermos a uma análise de dados utilizando-se dos conceitos postulados por Foucault - de alguma forma, tais relações podem ter visibilidade nos enunciados produzidos pelos afásicos.

1. *Convenientia*: a semelhança ocorre pela vizinhança entre os termos semelhantes. “Convenientes” são coisas que, aproximando-se umas das outras, chegam a emparelhar-se: “a extremidade de um [termo ou objeto] designa o começo de outro” (FOUCAULT, 2000, p. 24). Importante frisar que essa vizinhança não é uma relação externa entre as coisas, mas se dá por um parentesco sígnico. Nessa articulação, aparece a semelhança de local. Depois desse primeiro contato (vizinhança) entre os objetos, nascem por permuta novas semelhanças; um regime comum se impõe; *à similitude como razão surda da vizinhança, superpõe-se uma semelhança que é o efeito visível da proximidade* (FOUCAULT, 2000, p. XXII). A aproximação destes termos se daria de forma gradativa.
2. *Aemulatio*: nesta forma de similitude, teríamos o que o autor denomina “*convenientia* liberada da lei do lugar”, ou seja, uma *convenientia* atuando na distância. Nesse caso, a semelhança ocorre pela aproximação de alguma característica, mesmo que esses objetos não estejam colocados lado a lado. O *aemulatio* seria, portanto, como um espelho em que as coisas diversas do mundo se correspondem. Pode ser também o combate de uma forma contra a outra. Importante observar que Foucault deixa claro que é difícil delimitar o que seria o reflexo e o que seria o objeto refletido: *Desses reflexos que percorrem o espaço, quais são os primeiros? Onde a realidade, onde a imagem projetada? Frequentemente não é possível dizê-lo, pois o emulatio é uma espécie de geminação natural das coisas; nasce de uma dobra do ser; cujos dois lados imediatamente se defrontam* (FOUCAULT, 2000, p. XXVII).
3. *Analogia*: esse tipo de similitude guarda um poder imenso, posto que se superpõe ao *aemulatio* e a *convenientia*. As similitudes que a analogia executa não são visíveis,

maciças, das próprias coisas; elas podem ser semelhanças bem sutis das relações entre os objetos. Essa polivalência confere à analogia um campo universal de aplicação: ela é capaz de aproximar todas as figuras do mundo. Interessante nessa forma de similitude – além desse poder de abarcar todas as coisas do mundo – é que o ponto de “saturação” das analogias é o homem, pois é aí que se encontra seu ponto de apoio e de entendimento: é apenas passando pelo homem que as relações de analogia são capazes de se inverterem e de se alterarem.

4. *Simpatia*: essa figura é a mais interessante de todas: ela tem a capacidade de unir o mundo em uma massa única. A *simpatia* não segue nenhum caminho pré-determinado ou pré-estabelecido. Nenhuma distância é determinada, nenhum encadeamento é percorrido. Ao contrário da *convenientia*, ela é atraída por um movimento externo e visível, *suscitando em segredo um movimento interior – ou seja, um deslocamento de qualidades que se substituem mutuamente* (FOUCAULT, 2000, p. 32). Segundo o autor,

A simpatia transforma, altera, mas na direção do idêntico, de sorte que, se seu poder não fosse contrabalançado, o mundo se reduziria a um ponto, a uma massa homogênea, à morna figura do Mesmo: todas as suas partes se sustentariam e se comunicariam entre si sem ruptura nem distância, como elos de metal suspensos por simpatia à atração de um único imã. Eis porque a simpatia é compensada por sua figura gêmea, a antipatia (FOUCAULT, 2000, p. 32-33).

Ao apresentar essas formas de similitudes, o autor mostra como o mundo se duplica, dobra-se sobre si mesmo, refletindo-se ou encadeando-se. No entanto, essas formas só são capazes de nos dizer o caminho dessas similitudes, o *como elas ocorrem*, mas não podem nos informar sobre *como as vemos*, nem mesmo *com quais marcas as reconhecemos*. Essas marcas só são dadas pelo que Foucault chama de *assinalação*, uma marca pessoal que é incorporada pelo sujeito que faz a comparação e, por conseguinte, a categorização. O mundo da semelhança só pode ser, portanto, um mundo *marcado, assinalado*: é o homem que “marca” os termos semelhantes, a partir do contexto histórico em que está inserido e a situação em que enuncia – ou categoriza. Ou seja, é a partir da visão de mundo dos sujeitos que a semelhança se dá. E ela só poderá ocorrer na relação homem-cultura, ou seja, a semelhança não é uma determinação natural do mundo, mas é forjada no percurso social do

homem. Como veremos no último capítulo, vários dados de sujeitos afásicos dão visibilidade a essa característica pessoal de categorização. Esta questão, por sua vez, nos remete à outra, colocada por Foucault, mais especificamente a da relação entre *ver* e *dizer*, que marca a mudança na forma de classificarmos os objetos do mundo (e mesmo os objetos de discurso) a partir das novas possibilidades que se abrem historicamente com as descobertas científicas. Por exemplo, com a descoberta do microscópio (e hoje, podemos ampliar isso para inúmeros outros instrumentos de neuroimagem) foi aberta a possibilidade de estabelecer outras relações e categorias. Em *O nascimento da clínica* (Foucault, 1986, apud Novaes-Pinto, 1999), o autor diz que o médico, ao final do século XIX, ao invés de perguntar ao doente: *O que você sente?*, passa a perguntar: *Onde dói?*, dada a possibilidade de estabelecer correlações entre o sintoma e o que estava localizado sob a sua pele, visto que passa a *ver* o que antes era impossível.

Outra característica ressaltada por Foucault (2000) é que a semelhança não é estável em si mesma e, portanto, não é óbvia nem igual para todos: ela só é fixada se remete a outra similitude que, por sua vez, está ligada a outra e assim por diante. Uma similitude só vale porque acumula todas as outras.

Categorizar não seria, então, apenas criar uma visão de mundo – segundo o autor, isso é o menos importante – mas, há duas funções que são as que realmente importam: **i**) a categoria de pensamento – capaz de aplicar a todos os seres da natureza o jogo das semelhanças redobradas – a partir da forma de pensar e compreender o mundo é que o homem organiza suas categorias; e **ii**) a configuração geral da natureza – responsável por impor os limites reais e, por assim dizer, tangíveis, ao inacessível curso das similitudes que se permutam.

A linguagem<sup>32</sup> é parte dessa distribuição de similitudes e assinalações, pois é por meio dos signos linguísticos que damos nomes às coisas e as categorizamos. Para ele, portanto, a

---

<sup>32</sup> Segundo o autor, no final do século XVII, o entrelaçamento entre as coisas do mundo e a língua se dá, claramente, pela valorização e ampliação da escrita, que dominará todo o período Renascentista e será um dos grandes acontecimentos da cultura Ocidental na história: é no escrito que está desde a verdade de Deus (Bíblia) até a verdade do homem (história). Este fato é importante para compreendermos a forma como o mundo passa a ser pensado e organizado, pois a primazia da escrita – privilégio de uma determinada classe social – sobre a oralidade – de domínio geral – impõe uma forma de organizar caracterizada pelo pensamento da classe dominante. Nesse momento, a verdade passa a ser aquilo que está escrito e que não é questionado. Nas palavras de Foucault (2000) a escrita passaria a ser uma *superfície única e lisa, onde o olhar e a linguagem se entrecruzam ao infinito*.

linguagem passou a ser entendida na mesma rede arqueológica do conhecimento das “coisas da natureza”. A forma como descrevemos o mundo modifica-se no curso da história:

Conhecer um animal, ou uma planta, ou uma coisa qualquer da terra, é recolher a espessa camada dos signos que puderam ter sido depositados neles ou sobre eles; é reencontrar também todas as constelações de formas em que eles assumem valor de insígnia. (...) Portanto, saber algo – ou sobre algo – significa referir linguagem à linguagem. Em restituir à grande planície uniforme das palavras e das coisas. Em fazer tudo falar (FOUCAULT, 2000, p.55).

Foucault (2000) defendeu que cada signo traz em si um “levantamento de semelhanças” que um determinado termo pode representar. A questão passa a ser, então, como um signo está ligado àquilo que ele representa. Para o autor, ao contrário do que é visto nas teorias clássicas de categorização, uma mesma palavra pode representar coisas diferentes (as características polissêmicas das palavras, como dito anteriormente): é apenas na cadeia de enunciados, em um determinado contexto, que podemos fazer essa partição de forma completa. Por isso, Foucault defende a questão da *generalidade* do nome, função tão importante quanto a *especificação*, pois é apenas a partir das diversas possibilidades de um nome que podemos especificar o mundo.

Ele defende a ideia de que não é apenas o trabalho de generalização e especificação advinda da palavra (nome) que compõe a linguagem e nos permite objetivá-la. É preciso compreender a diferença entre as palavras e as coisas do mundo: ela é apenas um nome e não a representação exata de uma coisa do mundo – visão predominante na Antiguidade clássica – e, portanto, pressupõe que os sujeitos a interpretem. O signo só é signo quando interpretado. Só é signo quando há sujeito, para assim considerá-lo. Segundo Foucault (2000), ele é a matéria do mundo que nos permite significar, mas o significado é modificado pela “situação natural” do homem, ou seja, modifica-se de acordo com seu contexto de enunciação e do homem que o enuncia.

A natureza justapõe as diferenças e as liga à força; a reflexão descobre as semelhanças, as analisa e as desenvolve. O primeiro tempo permite o artifício, mas com um material imposto de maneira idêntica a todos os homens; o segundo exclui o arbitrário, mas abre à análise vias que não

serão exatamente passíveis de sobreposição para todos os homens e para todos os povos. A lei da natureza é a diferença das palavras e das coisas – a divisão vertical entre a linguagem e aquilo que, por sob ela, lhe cumpre designar; a regra das convenções é a semelhança das palavras entre si, a grande rede horizontal que forma as palavras umas a partir das outras e as propaga ao infinito (FOUCAULT, 2000, p176).

Para o autor, pensar a questão da classificação<sup>33</sup> pressupõe discutir o nascimento e a “função da ciência”. Sua investigação foca-se nas ciências naturais porque objetiva discutir a relação entre as palavras e as coisas, buscando compreender como o desenvolvimento deste campo do saber influencia e é influenciado pelas formas de classificação que a compõe<sup>34</sup>. Foucault acredita que a maneira como essas ciências se desenvolveram trouxe consigo um *esvaziamento* das palavras do ponto de vista semântico, principalmente após a teoria positivista ter dominado os estudos na área. Para o autor, a ascensão do positivismo deixou apenas uma parte dos significados que as palavras contêm como parte do *saber*, importante para o conhecimento sobre elas: se antes se unia em uma descrição sobre uma planta, por exemplo, todas as características apresentadas por ela (desde sua descrição física e orgânica até as fábulas das quais fazia parte) agora apenas suas propriedades físicas são consideradas. Antes do cartesianismo, o que havia era um *tecido inextrincável e perfeitamente unitário daquilo que se vê das coisas e de todos os signos que foram nelas descobertos ou nela depositados* (FOUCAULT, 2000, p. 176). A história dessa planta continha em si a história de sua relação com toda uma rede semântica que a colocava como um símbolo do mundo. Para o autor, o século XVII acaba com a *riqueza de informações* contida nos objetos do mundo, em nome de uma objetividade.

O autor chama atenção, ainda, para alguns trabalhos realizados à época que buscavam

---

<sup>33</sup> Foucault (2000, p.200) afirma que o século XVIII trouxe a questão da classificação como *problema fundamental e constitutivo da história natural. Alojou-se, historicamente e de modo necessário, entre uma teoria da marca e uma teoria do organismo.*

<sup>34</sup> Na história das ciências naturais, prevaleceram durante todo o século XVI e o início do XVII os estudos positivistas, principalmente aqueles influenciados por Descartes. No final do séc. XVII desenvolveram-se as teorias *vitalistas*, que assumiram um papel de destaque, para a formulação de uma teoria unitária. Essas teorias foram predominantes no período que antecedeu o positivismo e, nesse “retorno” ao centro do debate, passaram a colocar, quase sempre, as mesmas questões, buscando outras soluções. Um exemplo dado pelo autor seria relativo à classificação dos seres vivos, que, segundo Lineu, poderiam ser inseridos em uma mesma taxonomia. Já para Buffon, essa classificação seria demasiada diversa para caber em um “quadro tão rígido” de classificação. Importante ressaltar que Foucault não nega a importância da classificação e chama atenção para sua importância no desenvolvimento de diversas ciências, principalmente àquelas ligadas ao desenvolvimento do homem.

trazer o que era chamado de *litteraria*, uma espécie de suplemento com os elementos excluídos da descrição do objeto. Afirma também que esse conhecimento adquirido durante todo um processo histórico, continuava sendo deixado à margem. A mudança na forma de compreender o signo influenciou sobremaneira a forma de conceber e fazer ciência, criando uma cisão entre crença popular e mundo científico, determinando, assim, o que deve ser ou não visto pelos olhos da ciência<sup>35</sup>.

Para Foucault, a busca pela ordem das palavras, deixando-as lado a lado, catalogando-as, reorganizando-as, excluindo delas o que “não é verdade”<sup>36</sup> - essa “limpeza” das palavras – separando-as de tudo aquilo que o objeto *significa*, está ligada a uma tentativa de introduzir na linguagem já depositada e nos vestígios por ela deixados uma ordem que é do mesmo tipo da que se estabelece entre os seres vivos.

Apesar de toda busca pela objetividade, não é possível apagar as marcas que as palavras trazem sobre as coisas. Segundo o autor, mesmo a melhor e mais clara descrição de um objeto não garante que não haja uma modificação de um sujeito observador para o outro. Essa discussão trazida por Foucault nos parece relevante para o estudo das parafasias, uma vez que afirma a natureza histórico-social dos signos e das formas de organização semântico-lexical. Suas categorias analíticas podem nos auxiliar na compreensão das trocas parafásicas – as relações de similitude para as quais apontou – e, ainda, respaldar a crítica à atual classificação, nos ajudando a estabelecer hipóteses sobre *como* e *por que* as trocas ocorrem. Essa visão *foucaultiana* de *ligações infinitas* está em consonância com a tese luriana, segundo a qual os elementos lexicais estão relacionados em enlaces ou nós com outras palavras ou categorias, que são, por sua vez, constituídos por diversas outras palavras e por motivações de diversos tipos (sonoras, semânticas, etc), como veremos mais adiante.

---

<sup>35</sup> Até meados do século XVI, era tarefa do historiador narrar aquilo que via, compilar documentos e estabelecer signos, a partir de seu olhar; isto é, o historiador tinha a tarefa de restituir linguagem a todas as palavras encobertas. A partir desse momento, e até hoje, seu trabalho é diferente: ele deverá pousar sobre as coisas um olhar minucioso e transcrever em palavras lisas, neutras e fiéis o que vê. Nessa linguagem, “*os seres se apresentam uns ao lado dos outros, com suas superfícies visíveis, aproximados segundo traços comuns e, com isso, já virtualmente analisados e portadores apenas de seu nome*” (FOUCAULT, 2000, p. 179). Ainda hoje, essa neutralidade impossível é vista como a linguagem científica. O século XVIII trouxe uma nova concepção sobre a linguagem e suas funções primordiais, que influenciou os estudos sobre as palavras, as línguas, as raízes, os arquivos, etc. e serviu para o século XIX falar sobre essas mesmas coisas de uma forma tão positiva e tão objetiva quanto a visão anterior trazida pela história natural.

<sup>36</sup> Utilizo *verdade* aqui no sentido de “aquilo que os olhos podem ver”, como proposto pelo autor.

Outro estudioso que traz contribuições à nossa reflexão acerca da categorização semântico-lexical é Lakoff, que compartilha de muitas críticas à Teoria Clássica, conforme vimos anteriormente.

Lakoff é amplamente conhecido por seus trabalhos com a chamada “Teoria dos Protótipos”, que enfatiza o trabalho cognitivo na categorização. Segundo o autor, uma das tarefas para compreendermos melhor o que acontece no processo de categorização é deixar de lado os conceitos da Teoria Clássica, visão reducionista e que não dá conta de explicar as formas possíveis de classificação (LAKOFF, 1990).

Segundo o autor, a Teoria dos Protótipos nasce após a percepção dos estudiosos de que a categorização é mais complexa do que agrupar objetos por semelhanças. Essa teoria busca compreender as complexidades envolvidas na forma como as pessoas categorizam, não sendo esse processo mais básico do que a categorização de nosso pensamento, percepção, ação e discurso. Cada vez que interpretamos algo como sendo uma *árvore*, por exemplo, estamos categorizando. Sempre que realizamos algum tipo de ação como *escrever com um lápis*, *martelar com um martelo*, ou *passar roupas*, estamos usando categorias. Para Lakoff (1990), todas essas atividades poderiam ser inseridas na categoria de *ações motoras*, apesar de haver especificidades entre elas.

Nesse contexto, ao contrário da visão clássica, as categorizações nunca são feitas exatamente da mesma maneira e toda vez que queremos produzir ou compreender qualquer enunciado estamos empregando dezenas – senão centenas – de categorias: categorias de sons da fala, de palavras, de frases e sentenças, bem como categorias conceituais. Mais do que uma forma de organização, a categorização é o que diferencia o pensamento humano; uma capacidade essencial para organizar nossa vida social e intelectual, como ilustrado na citação<sup>37</sup> do autor:

Sem a capacidade de categorizar, nada poderia funcionar, seja no mundo físico ou na nossa vida social e intelectual. A compreensão de como categorizar é central para o entendimento de como pensamos e como nós funcionamos e, portanto, central para a compreensão do que nos torna humanos (LAKOFF, 1990, p. 6).

---

<sup>37</sup> Todas as citações referentes ao texto de Lakoff (1990) foram traduzidas por Souza-Cruz.

De acordo com o autor, essas categorizações são automáticas e inconscientes. Somente em casos problemáticos é que tomamos consciência delas, como em situações em que trocamos uma palavra por outra, quando nos encontramos diante da dificuldade de encontrar palavras ou mesmo em situações em que sentimos que estamos com a palavra na ponta de língua (fenômeno *Tip of the Tongue*).

Nós automaticamente categorizamos pessoas, animais e objetos físicos, naturais e antrópicos. Isso às vezes nos leva à impressão de que acabamos de categorizar as coisas como elas são, de que elas vêm de maneira natural e que em nossas categorias mentais elas se encaixam naturalmente. Entretanto, uma grande proporção das categorias não são categorias de “coisas”, mas categorias relacionadas a entidades abstratas. Categorizamos eventos, ações, emoções, relações espaciais, sociais e abstratas de uma gama enorme: governo, doenças e entidades - tanto científicas como populares, como elétrons e resfriados. De acordo com Lakoff (1990, p.7), *qualquer consideração adequada do conhecimento humano deve fornecer uma teoria exata para todas as nossas categorias, tanto as concretas como as abstratas*. A categorização é crucial para qualquer “razão”, posto que nós não racionalizamos apenas sobre coisas individuais ou pessoas. A visão clássica traz consigo uma visão de razão como manipulação “desencarnada”<sup>38</sup> de símbolos abstratos, onde as categorias são representadas por conjuntos definidos em torno de propriedades compartilhadas por seus membros. A Teoria dos Protótipos, a fim de questionar essa visão, acredita que deve questionar, também, a visão popular de *mente como um computador*. Nas palavras de Lakoff,

a categorização humana é essencialmente uma questão de experiência humana e de imaginação – de percepção, de atividade motora e da cultura, por um lado, e da metáfora, da metonímia e das imagens mentais por outro. Como consequência, a categorização não é compreendida como mera manipulação de símbolos abstratos, mas levando-se em consideração que a razão humana é determinada por diversos fatores (LAKOFF, 1990, pp.8-9).

Essa complexidade não poderia ser prevista em laboratório, o que justificaria outros métodos no estudo de questões relacionadas à linguagem e à memória, por exemplo.

---

<sup>38</sup> Desencarnada no sentido de que não precisa de um sujeito, de um “corpo” que a realize.

Compreender as categorizações de outra forma requer, segundo o autor, modificar não apenas nosso entendimento sobre a mente, mas também sobre o mundo. Para Lakoff (1990), se nós entendemos o mundo não apenas em termos de objetos individuais, mas como categorias, então tendemos a atribuir existência real para as mesmas, pois temos categorias para todas as coisas sobre as quais podemos pensar. Segundo o autor, a mudança nesses conceitos nos levará a modificar também nossa compreensão sobre as noções de *verdade*, *conhecimento*, *significado*, *racionalidade* e mesmo de *gramática*.

Para Lakoff (1990), é preciso “deixar para trás” algumas verdades sobre a categorização, altamente propagadas pelos pesquisadores da Teoria Clássica, como: i) o significado é baseado na verdade e na referência; concernente à relação entre os símbolos e as coisas do mundo; ii) espécies naturais são compreendidas como coisas naturais, definidas como propriedades naturais e essenciais; iii) a mente é separada do corpo; iv) as emoções não têm um conteúdo conceitual; v) gramática é uma mera questão de forma; vi) a razão é transcendental e, portanto, capaz de prever todas as possibilidades de conceitos no mundo; vii) os olhos de Deus enxergam tudo; viii) todas as pessoas pensam e usam o mesmo sistema conceitual.

Vale ressaltar que Lakoff, em sua obra, também se refere à enciclopédia citada por Foucault (sobre Borges). De acordo com o autor, este compreende a classificação da enciclopédia chinesa como “fantástica”, por não lidar com categorias humanas naturais. Mas o que transformaria essa passagem em arte, em vez de mera fantasia, é que ela impressiona o Ocidente por ser uma descrição de língua e cultura não-Ocidental. Afinal, pessoas ao redor do mundo categorizam coisas de maneiras que surpreendem a mente de linguistas e antropólogos ocidentais até hoje.

Outro exemplo dado pelo autor tornou-se o título de seu mais conhecido livro – *Women, Fire and Dangerous Things* – inspirado por uma categorização encontrada em uma tribo australiana de aborígenes falantes de uma língua denominada *Dyirbal*, que apresenta quatro grandes grupos de categorias, dentre as quais uma denominada *balan*, que inclui as palavras *mulheres*, *fogo* e *coisas perigosas*, além de *passarinhos que não são perigosos* e alguns animais excepcionais.

A classificação se materializa na língua pelo próprio falante, quando este utiliza um *nome* em uma sentença – o nome pode ser precedido por uma dessas quatro

palavras/categorias: *bayi, balan, balam, bala*. Na primeira categoria, **bayi** estariam elementos como *homens, cangurus, morcegos, gambás, a maioria das cobras, a maioria dos peixes, alguns pássaros, grande parte dos insetos, a lua, tempestades, arco-íris e algumas lanças*. A segunda categoria, **balan**, contém entidades como: *mulher, cachorros, ornitorrinco, equinos, alguns peixes, a maior parte dos pássaros, vaga-lumes, escorpiões, grilos, qualquer coisa relacionada à água e ao fogo, o sol e as estrelas, escudos, algumas lanças, algumas árvores*. A terceira categoria, **balam**, seria composta de *todas as frutas comestíveis e as plantas que as possam suportar, tubos, samambaias, mel, cigarro, vinho, bolo*. Por último, a categoria **bala** conteria elementos relativos às *partes do corpo, carne, abelhas, vento, algumas lanças, a maioria das árvores, grama, lama, pedra, barulhos e linguagens*.

Segundo Lakoff, essa divisão nos chama atenção pela diferença que apresenta com relação a todas as categorizações ocidentais, que nos causa o mesmo estranhamento que temos frente à classificação apresentada por Borges. Resta-nos compreender por que elas são categorizadas dessa forma. De acordo com Dixon (*apud* LAKOFF, 1990), é preciso entender por que essa divisão faz sentido para esses falantes; como é possível apreender uniformemente todas elas e utilizá-las de forma automática e inconsciente.

Segundo relatos do pesquisador durante seu trabalho de campo, os falantes do Dyirbal não aprendem os membros da categoria um a um, mas seguem um esquema geral básico, formado por princípios gerais a serem seguidos. Dixon propôs, resumidamente, o seguinte esquema<sup>39</sup>: **i) bayi** para homens e animais; **ii) balan** para mulheres, água, fogo e briga, **iii) balam** para comidas não humanas (carne) e **iv) bala** para todas as coisas que não estiverem nas outras três categorias. Esse princípio inicial foi denominado por Lakoff (1990) de “princípio do domínio da experiência”: se há um domínio básico da experiência associado com A, então é natural para as entidades nesse domínio pertencerem à categoria A. Se peixe está em *bayi*, por exemplo, então *linha de peixe* e *lança de pesca* pertencem à mesma categoria, mesmo que a expectativa fosse estar na classe IV (*bala*) – já que essas duas coisas são inanimadas.

---

<sup>39</sup> Segundo Dixon, seria uma regra geral, mas passível de pequenas exceções.

Voltando à questão do título de seu livro – “Women, Fire and Dangerous Things”, as três palavras são representantes da classe *balan*. Lakoff esclarece que para nós, falantes ocidentais, essa categorização é estranha, não-natural ou, no mínimo, de conotação machista. É muito provável que esta classificação esteja no domínio da experiência, não porque os falantes acham que elas “se parecem”, mas porque, de acordo com sua experiência de vida, elas se relacionam: a mulher estaria relacionada ao elemento *Sol* que, por sua vez, apresenta relação com o *fogo*. Portanto, se coloco *mulher* na categoria *balan*, logo, deveria colocar *sol* e *fogo* nesta mesma categoria. Lakoff propõe, a partir dessa análise, que consideremos “homem” e “mulher” sejam, respectivamente, os membros centrais de suas categorias.

Esses exemplos de Lakoff mostram que a categorização não pode – e não deve – ser definida como algo *a priori*, da qual o falante apenas se apropria<sup>40</sup>. Após termos refletido sobre essas questões do ponto de vista da filosofia da linguagem, passamos a apresentar as contribuições das teorias linguísticas para o estudo do funcionamento semântico-lexical.

## **2.2 Contribuições das teorias *linguísticas* para o estudo do funcionamento semântico-lexical**

No Capítulo 1 desta dissertação, vimos que, apesar de a afasia se configurar como uma *questão de linguagem*, até os trabalhos de Jakobson (1954, 1955) era estudada apenas no âmbito das ciências médicas. Valorizava-se a busca por *sintomas* e *síndromes*, em detrimento da compreensão dos processos linguístico-cognitivos envolvidos em um quadro afásico.

As pesquisas que realizamos na perspectiva enunciativo-discursiva têm como foco não o que *falta*, mas o que ainda está *presente* na linguagem dos sujeitos e como estes se utilizam de recursos alternativos para formular seus enunciados – seu querer-dizer – valorizando dados que seriam descartados na maioria dos estudos tradicionais por serem

---

<sup>40</sup> Podemos nos referir à teoria de Lakoff, em termos atuais na teoria linguística e também em certas vertentes da Neurolinguística (Morato, 2001) – como representante da abordagem “sócio-cognitivista”, uma vez que as categorias, como afirma o autor, não são dadas *a priori*, mas constituídas em sua relação sócio-histórica, no percurso de aprendizagem do sujeito na sua relação com os objetos (concretos e discursivos – abstratos). Essa perspectiva é defendida, atualmente, por autores como Marcuschi (2003), Morato (2010), Salomão (1999).

considerados idiossincráticos ou “variações individuais”. Trazemos para o centro da discussão o próprio afásico enquanto sujeito de linguagem, os recursos verbais e não-verbais que ele utiliza nos processos de significação.

A concepção de linguagem subjacente aos trabalhos desenvolvidos na área desde Coudry (1986/1988) pode ser sintetizada pela definição dada por Franchi (1977), que a toma como uma atividade constitutiva do sujeito e da própria língua, como uma prática social, resultante do trabalho do sujeito sobre os recursos da língua. Nas palavras do autor:

Não há nada imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva, embora certos “cortes” metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e constituído. Não há nada universal salvo o processo – a forma, a estrutura dessa atividade. A linguagem, pois, não é um dado ou um resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’ que, ao mesmo tempo, constitui o simbólico mediante o qual se opera com a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo, em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias (Franchi, 1992[1977]:31).

Segundo Fiorin (2010), para Franchi a ordem da linguagem determina a ordem do mundo. Se essa ordem fosse homóloga à ordem do mundo, a linguagem seria naturalizada, pois apenas uma ordem linguística poderia existir; pelo seu caráter histórico, entretanto, ela não pode refletir a ordem do mundo. A realidade constitui-se pela linguagem porque é histórica e coletiva e só pode ser compreendida se observada de maneira dialética:

Se por um lado a língua organiza o pensamento, produz ideias e compõe o quadro de referências para o agir do homem no mundo. Por essas razões, a língua constituiria as experiências humanas. De outro lado, ela não é uma realidade supra-histórica inscrita na natureza das coisas, mas o que é fundamentalmente constitutivo é a capacidade que tem de recriar constantemente essa realidade, uma vez que ela é histórica (FIORIN, 2010, p. 12).

Em consonância com as questões colocadas por Franchi, estão os postulados de Bakhtin, autor que tem servido para nossas reflexões na área a partir dos trabalhos de Novaes-Pinto (1999), que explorou os conceitos de *enunciado*, *acabamento*, *querer-dizer*,

dentre outros. Clark & Holquist (*apud* NOVAES-PINTO, 2012a), apontam para a atualidade da filosofia da linguagem bakhtiniana, que está relacionada à sua capacidade de transitar e discutir entre questões de linguística e estilística e na maioria das principais preocupações da vida cotidiana, enfatizando a linguagem como um processo cognitivo e social.

Bakhtin criticou os estudos linguísticos realizados no início do século XX, tanto o chamado “objetivismo abstrato” – derivado dos estudos realizados por Saussure – quanto o “subjetivismo idealista”. Para o autor, tanto um quanto outro desprezavam justamente a interação verbal. A solução para essa problemática foi dialética, no sentido de relativizar tanto o poder da língua quanto o do falante, pois, para ele, é na relação entre *os parceiros da comunicação verbal* que se dá a possibilidade de significação. Na visão bakhtiniana a fala está indissolúvelmente ligada às condições de comunicação e estas, por sua vez, intimamente relacionadas com as estruturas sociais. Bakhtin defende uma visão de signo<sup>41</sup> vivo e plurivalente e a linguagem não pode ser concebida como um sistema fechado que a consciência individual encontra pronta, mas enquanto sistema em que os sujeitos operam sobre os recursos da língua.

O conceito de *dialogismo* do autor perpassa toda a sua teoria. Trata-se de um conceito complexo, que se refere à necessidade de compreender a linguagem – assim como o homem e o mundo – na relação *eu/outro*. De acordo com Bakhtin (1995), todo e qualquer enunciado é *dialógico*. Define como unidade real de comunicação o *enunciado*: único e irrepetível, contrapondo-o aos elementos linguísticos abstratos (*palavra e oração*). Para o autor, todo enunciado carrega consigo uma carga histórica que não tem como ser deixada de lado: “antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa do outro)” (BAKHTIN, 1995, p. 293).

As fronteiras de um enunciado são determinadas pela alternância dos enunciados dos sujeitos – os sucessivos *acabamentos* dados pelos participantes da comunicação verbal. Essas noções em Bakhtin – enunciado e acabamento – são relevantes uma vez que são recorrentes em nossas análises e são definidas pelo autor uma em relação à outra, ou seja,

---

<sup>41</sup> Para ele, a palavra é o signo ideológico por excelência, que melhor expressa o significado pretendido.

de forma imbricada. Por isso, optamos por transcrever a definição que Bakhtin dá para esses conceitos:

O primeiro e mais importante dos critérios de acabamento do enunciado é a possibilidade de responder – mais exatamente, de adotar uma atitude responsiva para com ele (por exemplo, executar uma ordem) (...) É necessário o acabamento para tornar possível uma reação ao enunciado. Não basta que o enunciado seja inteligível no nível da língua. Uma oração totalmente inteligível e acabada, se for uma oração e não um enunciado não poderá suscitar uma reação de resposta: é inteligível, está certo, mas ainda não é um todo. Este todo, indício da totalidade de um enunciado – não se presta a uma definição de ordem gramatical ou pertencente a uma entidade do sentido. A totalidade acabada do enunciado que proporciona a possibilidade de responder (de compreender de modo responsivo) é determinada por três fatores indissociavelmente ligados no todo orgânico do enunciado – 1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido; 2) o intuito, o querer-dizer do locutor; 3) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento (BAKHTIN, 1995:299).

Outro conceito fundamental do autor para nossas análises, já apontado na citação acima, é o de *querer-dizer*, também chamado de *intuito discursivo*. Segundo Bakhtin (1995, p.307), *percebemos o que o locutor quer dizer e é em comparação a esse intuito discursivo, a esse querer-dizer que mediremos o acabamento do enunciado*.

É este querer-dizer que vai, também, determinar o gênero em que o enunciado será estruturado. Para o autor, o intuito-discursivo é o elemento subjetivo do enunciado que entra em combinação com o objeto de sentido para formar uma unidade indissolúvel, que ele limita, vincula à situação concreta (única) de comunicação verbal, marcada pelas circunstâncias individuais e suas intervenções anteriores: os enunciados anteriores (BAKHTIN, 1995, p. 308). É a partir desse *querer-dizer* que podemos dar ao enunciado do outro o *acabamento* discursivo, que consiste em refutar, afirmar, responder verbalmente. No caso da interação com sujeitos afásicos, podemos perceber que esse acabamento depende, ainda mais, do interlocutor, para complementar ou auxiliar o seu processo de enunciação.

Além desses conceitos bakhtinianos que, para nós, são fundamentais – principalmente porque recorreremos em nossas descrições e análises, como já apontamos anteriormente, – outros têm sido explorados para defender princípios éticos relativos ao trabalho com sujeitos afásicos, como o de *ato ético e responsável* e a questão da *exotopia* ou *excedente de*

*visão*, sobre os quais voltaremos a comentar nas considerações finais deste trabalho.

Passemos, agora, a apresentar a contribuição de teorias semânticas e lexicais para nossa reflexão acerca das parafasias. Iniciamos discutindo justamente o polêmico conceito de “palavra”.

Basílio (1995) afirma que, apesar da *palavra* ser uma unidade linguística de fácil reconhecimento por qualquer falante, é de difícil definição, mesmo para seus estudiosos, principalmente se nos voltarmos para a língua falada. Basílio (2006) nos apresenta algumas definições para o termo, partindo da ênfase em diferentes aspectos (fonológico, semântico, formal). A primeira dessas definições enfatiza o aspecto sonoro da palavra, definindo-a como uma sequência de sons que se estabelece entre espaços e pontuação e que, para tornar-se *palavra*, devem formar uma palavra na língua. Uma segunda definição discute *palavra* como um termo presente no dicionário; logo, que apresenta algumas acepções possíveis, bem como a história do seu uso. A autora chama atenção para o fato de essa visão sempre apresentar algo que já está consolidado no sistema da língua e, portanto, sempre apresentar definições defasadas com relação ao seu uso atual. Outro problema é que tal definição exclui termos utilizados pelos falantes, mas que ainda não fazem parte do dicionário<sup>42</sup> – sem falar em alguns sentidos de determinadas palavras que não constam nos dicionários. Outra definição trazida pela autora é de “palavra estrutural”, compreendida como uma construção que se estrutura de maneira específica, com ordem fixa entre os elementos, que não são “livres” para mudarem de posição. Em Basílio (1995), a autora afirma que as palavras são *elementos de que dispomos permanentemente para formar enunciados*. Em consonância com essa visão, temos também a definição dada por Abaurre (2006, p. 56), segundo a qual a palavra é uma “*unidade linguística de som e significado que entra na composição dos enunciados da língua*”.

Segundo Charaudeau & Maingueneau (2004), *o termo palavra remete a muitos recortes nocionais*, fortemente impregnados pela tradição tipográfica. Nas palavras dos autores:

---

<sup>42</sup> Há ainda palavras que se encontram inseridas no dicionário apenas para registro histórico, mas que não são mais utilizadas pelos falantes e nem mesmo são conhecidas por eles.

Essa percepção material que repousa sobre a noção de uma unidade gráfica é associada de maneira difusa, no inconsciente dos locutores, a um sentimento de unidade semântica que favorece a relação pressuposta entre *palavra* e *coisa*. Nessa perspectiva de tipo lexicográfico, a palavra é apreendida como uma unidade de texto. O lexema *palavra* recobre noções complexas e desiguais, que implicam especificar, quando empregada, a acepção que se pode atualizar (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004, p. 357).

Auroux (1992, *apud* NUNES, 2006), afirma que as listas de palavras são o mais antigo registro de saber linguístico conhecido até hoje e remete a Panini a primeira tentativa de descrever uma morfologia e de fazer uma distinção entre os conceitos de *morfema* e de *unidade lexical* – além de discutir também os conceitos de *palavras simples, compostas, verdadeiras, ficcionais* – e, ainda trazer a discussão sobre *forma* e *conteúdo*. Muitos autores definem “palavra”, até hoje, em oposição a elementos menores ou maiores, como é o caso de Trask (2004): *uma unidade linguística tipicamente maior que o morfema, mas menor que um sintagma*. Segundo este autor, *o termo palavra poderia parecer familiar e suficientemente transparente*, mas, de fato, não é isso o que ocorre, já que podem ser definidas por critérios diversos – fonológicos, ortográficos, lexicais e gramaticais.

Para Benveniste, a palavra é a unidade constituinte da frase ou enunciado na qual significação distintiva e significação contextual se articulam, produzindo sentido próprio à atitude do sujeito e à situação enunciativa (BENVENISTE, 1966). Flores ET al. Retomam Benveniste e afirmar que:

É por meio da palavra que a língua, enquanto significação de caráter coletivo é atualizada. Por atualização da palavra, entende-se a noção de emprego, sentido único e singular em um enunciado que, por sua vez, também é único e singular. Para que a palavra seja assim considerada, não é suficiente transpô-la da condição de virtualidade para a de uso. Palavra só tem existência no enunciado, e à noção de atualização agregam-se as noções de sintagmatização e de semantização (FLORES ET AL, 2009, p. 183).

Para Bakhtin a *palavra* é uma unidade material, ideológica, que se relaciona diretamente com a realidade, *quando se transmuta em signo e adquire significação*. Uma importante característica da definição de Bakhtin está relacionada com a ideia de que a palavra adquire significação e, portanto, se transmuta em signo na relação eu-outro: *é a*

*palavra que carrega de um para o outro o ponto de vista único de cada um, e que vai constituir o outro* (GEGE, 2009<sup>43</sup>). Segundo Flores et al (2009), a palavra segundo Bakhtin existe para o falante sob três aspectos: a) “palavra da língua”, *não pertencente a ninguém*, b) “palavra-alheia”, *que é dos outros, cheia de ecos de outros enunciados*, e c) “minha palavra”, *porque, uma vez que se opera com ela em uma situação determinada, com um projeto discursivo determinado, ela se impregna da expressividade do locutor*.

Segundo Basílio (2006), é comum a definição de *léxico* enquanto um *conjunto de palavras* de uma língua, que serve, primeiramente, para identificar de quais coisas o sujeito fala. Serviria, portanto, para nomeá-las e identificá-las; designar pessoas, lugares, acontecimentos etc. Para essa visão – referencialista – a língua é compreendida como um sistema de classificação e para a comunicação.

Ao contrário de uma visão referencialista e estática, a autora apresenta o léxico como dinâmico e versátil, pois é preciso que se modifique constantemente para “dar conta” de novas “entradas lexicais”, já que os falantes estão sempre reconhecendo e produzindo novos seres, objetos e relações<sup>44</sup>. Segundo a autora, *o léxico, categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras* (BASÍLIO, 2006, p.8), visão que nos parece interessante para abordar as questões relativas ao funcionamento semântico-lexical.

Para Guimarães (2005), o foco da discussão sobre a noção de *palavra* deve estar em se contrapor à ideia de que os nomes funcionam meramente pelas relações com os objetos que nomeiam. O autor discute a confusão sobre os termos *nomeação, designação e referência*: enquanto *nomear* refere-se ao funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome; *designar* é a *significação de um nome* enquanto uma relação linguística (e, portanto, simbólica) *remetida ao real, exposta ao real, e, portanto, que deve ser tomada na história* (GUIMARÃES, 2005, p. 8); já a *referência* é explicada pelo autor como a particularização de algo na e pela enunciação. Segundo o autor, *saber o que significa uma forma [no caso, uma palavra] é dizer como seu funcionamento é parte da constituição do sentido do*

---

<sup>43</sup> Em *Palavras e Contrapalavras: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. Ver referências completas em *Referências Bibliográficas*, no final da dissertação.

<sup>44</sup> De acordo com Basílio (2006), os processos de formação de palavra nada mais são que mecanismos regulares de derivação para que a expansão do léxico ocorra de maneira eficiente. Estes mecanismos permitem, inclusive, que se crie palavras em uma classe a partir de uma palavra de outra classe.

*enunciado* (GUIMARÃES, 2005, p.7)<sup>45</sup>.

Como já discutido por Novaes-Pinto (2009), grande parte das pesquisas neuropsicológicas não explicitam o conceito de *língua* ou de *léxico* que utiliza. Em geral, a concepção de léxico subjacente é a de um “dicionário mental” ou “lista de palavras”. Segundo Castilho (2010, p.61) a importância de definir este conceito está relacionado com o fato de que é a partir da noção de *léxico* que podemos inferir sobre o modo de entender o funcionamento léxico-semântico e mesmo sua relação com os demais níveis linguísticos, em uma determinada teoria.

Nunes (2006) defende que a lexicologia deve ser compreendida – em uma abordagem que ele chamou *discursiva* – como a ciência que visa identificar e descrever as unidades lexicais, tendo para com elas um saber especulativo sobre a linguagem; um meio de análise de enunciados em um *corpus*, aliando a lexicologia à teoria do discurso e à semântica discursiva. Essa visão permite-nos olhar para o *funcionamento lexical* e para os *processos históricos de significação que o léxico carrega* (NUNES, 2006, p. 152).

Segundo Novaes-Pinto (2009), essa abordagem tem se mostrado relevante para o estudo das dificuldades para encontrar palavras e a produção de parafasias, pois nos permite olhar para a palavra produzida a partir de sua *relação* com a palavra-alvo, o que nos dá condições para buscar uma relação de sentido entre as palavras – não apenas *o que*, mas *como e por que* as trocas ocorrem. Segundo a autora (NOVAES-PINTO & SOUZA-CRUZ, 2012, p.713), *a lexicologia discursiva traz possibilidades bastante interessantes de análise; não só nos sujeitos normais, mas nas patologias também, em sujeitos em que se verificam dificuldades de encontrar palavras ou produção de parafasias semântico-lexicais*. Para Nunes, questões relativas ao léxico, sintaxe e enunciação estão intrinsecamente ligadas, o que dificulta discuti-las separadamente, visão compatível com os pressupostos da neurolinguística enunciativo-discursiva.

---

<sup>45</sup> Guimarães nos traz uma interessante visão sobre o processo de enunciação, baseado em Benveniste. Para ele, a enunciação é um *acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua* (GUIMARÃES, 2005, p. 9) e, portanto, pressupõe considerar dois elementos básicos: a língua e o sujeito que se constitui pelo funcionamento da língua, ou seja, dá-se na relação entre os falantes. E colocará que *para a semântica o que interessa é saber, no que diz respeito a relação da linguagem com as coisas, como ao dizer algo fala-se sobre as coisas* (GUIMARÃES, 2005, p.9). Há ainda um terceiro elemento importante, mas que não trataremos aqui, que é a noção de *temporalidade*. Segundo Guimarães, este elemento é tomado em relação ao enunciado e não com relação ao sujeito. É o próprio acontecimento da enunciação que instala sua própria futuridade – opondo-se, portanto, a Benveniste, que coloca que a temporalidade é dada pelo sujeito ao enunciar.

Não poderíamos terminar este item – sobre as contribuições da Linguística – para o estudo do funcionamento semântico-lexical e para nossa reflexão acerca das parafasias sem trazer Jakobson, autor que despertou o interesse dos linguistas para o estudo da linguagem no campo das patologias.

### 2.2.1. A contribuição de Jakobson

Em seu artigo intitulado *Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia* (1954) Jakobson enfatizou que a Linguística é um posto privilegiado de observação da linguagem nos estados patológicos e incentivou os linguistas a empreenderem estudos nesse campo. O autor discutiu o duplo caráter da linguagem, que consiste em *selecionar* unidades da língua e combiná-las formando “unidades de maior complexidade” (1954, p.37), operações relacionadas aos dois eixos linguísticos – o *sintagmático* e o *paradigmático*. Funcionalista, Jakobson foi o primeiro a buscar explicação para as diferenças entre os dois *tipos* de afasia a partir das dificuldades dos sujeitos com as operações nesses dois eixos<sup>46</sup>: (i) afasias consideradas *fluentes* – nas quais os sujeitos apresentam dificuldades de *seleção* das unidades, com a presença recorrente de parafasias, que seriam decorrentes de dificuldades de operação no eixo paradigmático. Segundo Jakobson (1954), os sujeitos afásicos com dificuldades de seleção/substituição, em geral apresentam maior dependência do contexto, apresentando o que ele denominou de linguagem “meramente reativa”; o sujeito é capaz de continuar uma conversa iniciada por seu interlocutor, mas apresenta dificuldades de iniciar, ele mesmo, um diálogo; (ii) afasias chamadas *disfluentes*, nas quais o sujeito apresenta uma maior dificuldade de compor os enunciados, com presença de fala telegráfica, seriam decorrentes da dificuldade de operação com o eixo *sintagmático* ou de *combinação*. Quando a dificuldade está ligada ao eixo de combinação/contextura, o afásico apresenta enunciados que o autor relaciona ao *agramatismo*, por não apresentarem palavras funcionais que relacionem os elementos (preposições, conjunções e cópulas).

---

<sup>46</sup> Apesar de definir dois tipos de afasia, a partir das funções dos dois eixos linguísticos, não descarta que ocorram diferentes níveis de comprometimento dos mesmos, gerando outras formas (denominadas *formas intermediárias*) de afasias, determinadas por outras variáveis, como a extensão e localização da lesão.

A deterioração, segundo Jakobson de um desses dois polos de funcionamento da linguagem leva também à dificuldade de realização de duas importantes funções semânticas: no caso do sujeito com afasia de seleção, a operação metafórica estaria prejudicada; no caso da afasia de combinação o que estaria prejudicada seria a capacidade de operação metonímica. Segundo o autor, os afásicos apresentariam um desses dois processos “reduzido ou totalmente bloqueado” (JAKOBSON, 1954 p.55).

Apesar de discutir as afasias a partir do comprometimento desses dois eixos, Jakobson (1954) afirma e Coudry (1986/1988) reitera que, na realidade, não há afasia em que apenas um dos eixos esteja comprometido e o outro funcione plenamente. Há, de fato, a *sobreposição/projeção* de um eixo sobre o outro, pois seleção e combinação são processos simultâneos. O comprometimento em um polo leva, necessariamente, em algum grau, ao desarranjo no outro.

Com relação à produção de parafasias, veremos que o contexto sintagmático é, muitas vezes, justamente o que auxilia o afásico a selecionar adequadamente. Há dados em que a relação entre a substituição e a combinação é ainda mais evidente, como no caso em que o sujeito produz um amálgama com traços semânticos e sintáticos: *temporágua* – tornando evidentes as marcas de seleção, mas também de combinação de elementos da expressão cristalizada – *tempestade em copo d’água*.

### **2.3. A contraparte neuropsicológica do funcionamento semântico-lexical:**

Para discutir as questões neuropsicológicas envolvidas nos fenômenos das trocas parafásicas, nossa principal referência será Luria (1973, 1986, dentre outros), neuropsicólogo que é considerado um dos mais importantes representantes da perspectiva histórico-cultural, por sua visão dinâmica do cérebro e por seus estudos sobre o funcionamento semântico-lexical, de extrema importância para a discussão desta dissertação.

Segundo Damasceno (1995, p. 149), “o modelo luriano de funcionamento neuropsicológico pressupõe um sistema dinâmico, plástico, produto de evolução sócio-histórica e da experiência social do indivíduo, internalizada, sedimentada no cérebro”. De acordo com Novaes-Pinto (2012a), esta concepção enfatiza a natureza subjetiva e social desse funcionamento, ao afirmar que o cérebro é um órgão moldado pelas experiências externas que, por sua vez, transformam o funcionamento cognitivo. Esta visão, portanto, nos dá subsídios das teorias neuropsicológicas para a discussão das parafasias na perspectiva da Neurolinguística enunciativo-discursiva.

A concepção luriana de *ciência* e de *cérebro* como um produto formado no curso da história social, bem como a discussão sobre o objeto da ciência. Opôs-se categoricamente aos estudos localizacionistas das funções mentais superiores, buscando mostrar como o meio social e cultural do indivíduo influencia de modo relevante a formação da mente e, conseqüentemente, a organização do pensamento.

Um dos conceitos fundamentais de Luria, que tornam sua teoria compatível com nossa abordagem enunciativo-discursiva, é o conceito de *sistema funcional complexo*, anteriormente postulado por Anokhin (1935), que se refere ao modo integrado de funcionamento de todas as regiões cerebrais, cada qual contribuindo de modo particular para a atividade mental. Essa visão integrada prevê que uma lesão em qualquer ponto do sistema acarreta efeitos no funcionamento dessas funções complexas. Podemos citar, por exemplo, lesões do lobo parietal que podem ter como consequência tanto comprometimento na orientação visuo-espacial, como em atividades de resolução aritmética e ainda linguísticas – na produção e/ou compreensão de enunciados complexos (com relativas e

passivas). Portanto, *o sintoma ou 'perda' de uma função particular não nos diz nada sobre sua localização* (LURIA, 1986, p. 19). Da mesma forma, para Luria, cada uma das funções superiores, como a linguagem é também, por sua vez, um sistema funcional complexo.

Baseando-se em Vygotsky, Luria reafirma o papel da linguagem ao longo da filogênese e também na ontogênese, e ainda seu papel para o desenvolvimento das demais funções superiores. Ele defende que, num primeiro momento, a linguagem estaria estritamente ligada aos *gestos* até tornar-se, progressivamente, um complexo sistema de frases inteiras. Para Luria, “sem o trabalho e a linguagem, não se teria formado no homem o pensamento abstrato categorial” (1986, p.22). Consequentemente, as origens do pensamento abstrato não devem ser buscadas na consciência ou no cérebro, mas sim nas formas sociais de existência histórica.

Luria (1986, p.25) define a linguagem humana como “um sistema complexo de códigos<sup>47</sup>, formado no curso da história social e que permite ao sujeito transmitir sua experiência às demais gerações”. Segundo ele, sem a linguagem, a consciência humana não seria nada mais que uma massa amorfa, pois é pela linguagem que o pensamento se organiza, permitindo aos sujeitos saírem dos limites do reflexo imediato sensorial da realidade, bem como sua capacidade de refletir sobre o mundo em suas relações complexas e abstratas mais profundamente do que permite a percepção sensível.

Defendeu que o foco da discussão sobre a linguagem deve se dar na “relação” entre as coisas e não nos objetos em si, visão fundamental para as questões relacionadas à organização das palavras em redes semânticas, pois compreende que as coisas não são captadas somente de forma imediata, mas que há um trabalho de significação. Os seres humanos, ao contrário dos demais animais são capazes de ultrapassar os limites da experiência sensorial imediata – por meio de processos de categorização – e formar conceitos abstratos. E é essa capacidade humana de não apenas perceber as coisas, mas também refletir, fazer deduções de suas impressões imediatas e raciocinar que, segundo Luria (1986), diferencia a consciência humana dos demais animais, ou seja, por manter relações sociais: o trabalho e as formas de vida a ele vinculadas levam a uma mudança

---

<sup>47</sup> Não devemos aqui entender “código” no sentido estrito do termo, mas em relação à sua concepção de “sistema”. Trata-se, ao contrário do que parece, de uma visão extremamente dinâmica e integrativa (Damasceno, 1995), que caracteriza sua visão de sistema funcional complexo.

radical das categorias fundamentais do comportamento. O homem não só assimila sua experiência imediata, mas também experiência social, formulada no sistema de conceitos abstratos.

Para o autor, duas questões foram fundamentais para essa modificação no processo de formação de consciência do homem. A primeira seria a própria atividade humana, caracterizada pelo trabalho social<sup>48</sup>, a qual é independente daquilo que o autor chamou de “motivos biológicos elementares”. O segundo fator decisivo é a própria emergência da linguagem, motivada pela necessidade imprescindível de uma comunicação estreita e eficiente em decorrência do trabalho socialmente organizado. Para sua reflexão sobre a linguagem, Luria apoiou-se, principalmente, nos estudos de Jakobson. Embora se possa criticar algumas das abordagens do autor acerca do funcionamento linguístico como sendo redutoras – em relação ao que se tem hoje disponível em termos de descrição na Linguística – julgamos que o trabalho do autor tem grande relevância no contexto dos estudos neuropsicológicos e forte poder explicativo com relação a fenômenos que ocorrem nas patologias – como, por exemplo, a produção das parafasias e as dificuldades para encontrar palavras.

Para o autor, a palavra seria responsável por *codificar a experiência do homem*; por criar uma realidade mental – exerce sua função de signo. É por meio das palavras que podemos falar das coisas do mundo, mesmo na ausência dos objetos, individualizando suas características e organizando-as em “sistemas”.

A reflexão de Luria se respalda nos estudos de Vygotsky (1991) sobre a formação de conceitos e pressupõe o desenvolvimento de muitas outras funções intelectuais, como a atenção, a memória lógica, a capacidade de comparar e diferenciar elementos. De acordo com o autor, no momento em que uma criança aprende uma nova palavra, esta é apenas uma generalização primitiva que, à medida que se desenvolve o intelecto, é substituída por generalizações cada vez mais elevadas. Em um primeiro momento, a palavra é um meio para adquirir o conceito e, posteriormente, tornar-se seu símbolo.

Luria (1986) discute uma questão crucial para nossa pesquisa: a função *categorial da palavra*, relacionada à capacidade humana de criar redes associativas, de acordo com sua

---

<sup>48</sup> Segundo Luria, é na relação com esses fatores que se criam no homem *novos motivos complexos* para a ação e se constituem formas de atividades psíquicas específicas.

experiência e a história da palavra, o que nos remete às proposições que vimos anteriormente, feitas por Foucault e Lakoff, embora em campos distintos da reflexão científica.

Segundo Luria (1986), nas primeiras etapas de sua evolução histórica, a palavra estava estreitamente ligada com a prática, ou seja, possuía um caráter *simpráxico* – uma característica que ele considera menos complexa. Após esse momento, toda a história da palavra é vista pelo autor como a história da “emancipação da palavra no terreno da prática, da separação da fala, como atividade autônoma e seus elementos – as palavras – como um sistema autônomo de códigos” (p. 28-31); ou seja, a história da formação da linguagem quando nela se foram incluindo todos os meios para a designação do objeto e a expressão das ideias, isto é, a passagem da linguagem a um sistema *sinsemântico* – onde o sujeito pode atuar com a palavra em um contexto que nomeou de “abstrato”, isto é, em que é capaz de atuar para além da relação imediata com os objetos. É devido a esta característica da linguagem que o falante fala do objeto na ausência dele, utiliza-se de sentidos figurados, desloca sentidos para criar imagens visuais - como é o caso do uso da metáfora.

Podemos dizer que a passagem do *simpráxico* para o *sinsemântico* é, do ponto de vista neuropsicológico, um processo de internalização dos signos linguísticos pelos sujeitos. Em outras palavras, é a partir da consolidação das palavras enquanto signos linguísticos, partilhados pelos falantes de uma comunidade e por eles “internalizados”, que temos a formação de um novo sistema. Segundo Luria (1986, p. 32), o sistema *sinsemântico* pode ser descrito como *um sistema de signos entrelaçados uns aos outros por seus significados e que formam um sistema de códigos que podem ser compreendidos. Esse sistema tem um papel decisivo no exame psicológico da palavra como elemento formador da consciência.*

Luria discute também a origem da palavra enquanto unidade de significado no desenvolvimento da linguagem da criança, pelo papel de assimilação da experiência geral da humanidade e da comunicação com os adultos que é, em certa medida, a emancipação progressiva do contexto *simpráxico* e a elaboração de um sistema *sinsemântico* de códigos<sup>49</sup>. Outra questão interessante tem a ver com o que ele chama de *estrutura*

---

<sup>49</sup> Luria (1986) dividirá essa internalização da fala pelas crianças em três fases: na **1ª. fase** teríamos os primeiros sons da criança, denominadas pelo autor de *expressões de estados* e que, segundo ele, não são a designação de objetos. De acordo com Luria (1986, p.28), as primeiras palavras não nascem de sons

*psicológica da palavra*. Ele não nega que a principal função da linguagem seja a denotativa ou referencial, função que é, para ele, sempre dirigida *para fora*, para seu objeto correspondente no mundo, porém, a estrutura semântica da palavra é mais complexa do que a simples designação de um objeto<sup>50</sup>: é este elemento linguístico que traz para o discurso a significação resultante da relação objeto/sujeito/língua, isto é, o falante utiliza-se das palavras – elemento sígnico que tem um sentido em si – para trazer para seu discurso o objeto de que fala.

É no (e pelo) discurso que o homem pode duplicar o mundo, passando, então, por meio da linguagem, a se relacionar com o que não percebe diretamente e que antes não se ligava com a sua experiência para, a partir disso, operar mentalmente com os objetos (inclusive na ausência deles) dirigir sua percepção, suas representações e até mesmo suas memórias e ações – dá-se, assim, a emergência da *ação voluntária* (impossível sem o uso da linguagem). É também pelo desenvolvimento do caráter sinsemântico da palavra que o homem pode receber as experiências dos outros. Segundo Luria, o homem, nesse momento adquire uma nova dimensão da consciência, ao formar e utilizar imagens subjetivas do mundo objetivo (capacidade do “homem de dirigir sua consciência”).

Considerando a *palavra* a unidade linguística fundamental, Luria dedicou uma de suas últimas obras para abordar a organização lexical . Como vimos anteriormente, segundo o autor, é incorreto pensar que a palavra seja apenas um rótulo que designa um objeto, uma ação ou uma qualidade isolada – visão amplamente difundida e utilizada pelas neurociências até hoje (NOVAES-PINTO, 2011). Para Luria (1986), a investigação da estrutura da palavra requer um enfoque mais amplo, já que as palavras não possuem *um*, mas *muitos* significados, designando objetos e ações totalmente distintos. A polissemia seria, assim, constitutiva dos discursos. Além do conceito de *polissemia*, Luria aborda a questão da *homonímia* – embora não se utilize desta terminologia – , pois nos ajuda a

---

realizados pelas crianças, mas dos sons que elas assimilam da fala do adulto quando os ouve. A 2ª. fase é marcada pelo surgimento das primeiras palavras, que são dirigidas aos objetos para designá-los: mamá, papá, etc. De acordo com o autor, apesar da criança utilizar as palavras para nomear os objetos, ainda não há uma “internalização” delas, ou seja, a criança tem apenas uma linguagem simprática. Já a 3ª. fase é marcada pelo início da separação entre a palavra e a ação, começando a adquirir progressivamente autonomia. A palavra deixa de designar uma situação e converte-se em autônoma, isto é, independente de seu contexto simprático. É característico o enorme salto do vocabulário da criança. Nesse momento dá-se o nascimento da palavra diferenciada como elemento do sistema de códigos da língua.

<sup>50</sup> Essa questão também foi trazida neste trabalho, quando falamos das idéias de Lakoff e Foucault.

pensar nos campos semânticos em que os elementos se relacionam em rede, na qual se imbricam sons e palavras por diferentes motivações. Segundo o autor,

A plurissignificação da palavra é mais frequente e a polissemia é antes uma regra da linguagem do que uma exceção. O fenômeno da multissignificação é muito mais amplo do que possa parecer e a referência objetual exata ou o “significado parecido é a escolha do significado necessário dentre uma série de possibilidades (LURIA, 1986, p. 34).

Em termos linguísticos, a escolha da palavra seria um processo de significação em que o sujeito participa ativamente. Para Luria (1986) a particularização do significado das palavras, ou seja, a escolha do significado dentre os vários possíveis é dada pelo uso de “*marcadores semânticos*” ou “*distintivos semânticos*”, tornando preciso o significado e diferenciando-o de outros possíveis. Já a escolha do significado imediato é determinada por vários fatores linguísticos e psicológicos – isto é, seu contexto concreto. O autor irá afirmar que, junto ao significado referencial de uma palavra, há uma ampla esfera de significados associativos; ou seja, uma palavra pode trazer “uma série de enlaces complementares, que incluem em sua composição elementos de palavras parecidas à primeira pela situação imediata, pela experiência anterior, etc.” (LURIA, 1986, p. 34). Com relação a isso, o autor defende que

A palavra não somente gera a identificação de um objeto determinado, mas também, inevitavelmente, provoca a aparição de uma série de enlaces complementares, que incluem em sua composição elementos de palavras parecidas à primeira pela situação imediata, pela experiência anterior, etc. Sendo assim, a palavra “jardim” pode evocar involuntariamente as palavras “árvores”, “flores”, “banco”, “encontro”, etc. e a palavra “horta”, as palavras “batata”, “cebola”, “pá”, etc. (idem, p.35).

Por trás de cada palavra há um sistema de enlaces sonoros, situacionais e conceituais, que seriam as motivações para a organização semântico-lexical, conceito que nos parecem indispensável para a explicação da produção de parafasias e das dificuldades para encontrar palavras.

A teoria luriana sobre a organização dos campos semânticos dialoga com as visões de

Foucault e Lakoff apresentadas anteriormente e provê uma explicação neurofuncional. De acordo com essa visão, as relações semânticas seriam explicadas não pela existência de categorias estanques e fechadas, mas por campos amplos e modificáveis, de acordo com fatores sócio-culturais. Para Luria,

Se cada palavra evoca um campo semântico, está unida a uma rede de associações que aparece involuntariamente, é fácil verificar que a recordação de palavras ou a denominação de objetos de nenhuma forma é a simples atualização de uma palavra. Tanto a recordação de uma palavra como a denominação de um objeto são um processo de escolha da palavra necessária dentre todo um complexo de enlaces emergentes e ambos os atos são, por sua estrutura psíquica, muito mais complexos do que se costumava acreditar (LURIA, 1986, p.37).

De acordo com o autor, os enlaces verbais que emergem em situações de trocas refletem as peculiaridades do pensamento sensorial, real concreto ou do pensamento categorial. Classifica esses enlaces, de acordo com a natureza de suas relações, em *externos* (associação por contiguidade), quando a palavra dada evoca um componente qualquer da situação concreta em que o objeto nomeado se insere (*casa-teto, cachorro-rabo, gato-rato*); ou *internos* (associação por semelhança), quando a palavra é incluída em uma categoria determinada (*cachorro-animal, cadeira-móvel, cedro-árvore*) (LURIA, 1986, p.76).

Segundo Luria (1986), em resposta a uma palavra (tomemos como exemplo a palavra *gato*), podem emergir, palavras parecidas pelo som (“pato”), por enlaces situacionais, ou seja, que estejam inseridas em um mesmo contexto (*gato, leite, rato, etc.*) ou mesmo conceituais (*gato – animal, ser vivo*). Além desses, que seriam diretamente relacionados à palavra-alvo, podem surgir palavras relacionadas à primeira por relações afetivas que pressupõe, por definição, a subjetividade (por exemplo *bonito/fofo, etc.*)

De acordo com Luria, sujeitos adultos sem patologias apresentam enlaces semânticos como as relações mais essenciais. Em estados especiais de consciência a capacidade desses sujeitos para selecionar desaparece – ou fica muito reduzida – e os enlaces de outras naturezas surgem com a mesma possibilidade – estados de inibição ou fásicos do córtex (c.f., I. V. Pavlov). Tal situação pode ocorrer em momentos de transição da vigília ao sono, esgotamento e alguns estados patológicos do cérebro.

A explicação que Luria (1986) nos dá para isso está relacionada com a lei das forças a que nosso cérebro é submetido: de acordo com essa visão, os estímulos fortes (ou importantes) provocam uma reação forte e os fracos (ou insubstanciais), uma reação fraca. Ela afirma que somente se a lei da força está vigente, pode-se realizar o trabalho seletivo do córtex cerebral, que permite “*separar os traços essenciais, inibir os insubstanciais e garantir o trabalho estável dos sistemas funcionais complexos*”. A alteração das forças de estímulo e de inibição é a responsável pela ocorrência de parafasias e mesmo dos TOTs e das dificuldades de encontrar palavras (*Word Finding difficulties*).

Como já defendemos anteriormente, apesar de apresentar limites com relação à teoria linguística atual, entendemos que Luria contribuiu para o avanço das teorias neuropsicológicas que se interessam pela descrição e explicação dos processos relativos ao funcionamento semântico-lexical.

Encerramos este capítulo, sinalizando que embora nem todos os conceitos aqui apresentados sejam retomados nas análises, as reflexões visam dar a sustentação teórica, tanto linguística quanto neuropsicológica – portanto, neurolinguística – para as considerações feitas a partir das análises dos dados.



# CAPÍTULO 3

## Aspectos metodológicos da pesquisa

Neste capítulo, apresentamos uma reflexão sobre os aspectos metodológicos desta pesquisa, destacando a relevância das metodologias *qualitativas*, que têm sido cada vez mais utilizadas e reconhecidas para abordar as funções mentais superiores. Apresentaremos também informações relativas ao Centro de Convivência de Afásicos (CCA) e aos sujeitos afásicos participantes da pesquisa.

### 3.1. A metodologia qualitativa nos estudos afasiológicos

A abordagem qualitativa dos fenômenos afasiológicos tem sido desenvolvida no campo dos estudos neurolinguísticos desde os primeiros estudos realizados por Coudry (1986/1988). A questão do *método* foi uma das principais preocupações da autora, que criticou a ênfase na avaliação metalinguística que orienta, ainda hoje, as pesquisas neste campo e também o trabalho terapêutico realizado com sujeitos afásicos.

O trabalho no campo da afasiologia, segundo Coudry (1986/1988) nem sempre foram quantitativo, como vemos nas tendências neuropsicológicas atuais. Lordat, afasiólogo já apresentado no capítulo 1, desenvolvia com seus pacientes um acompanhamento terapêutico que privilegiava o sujeito e suas narrativas e não a patologia e seus sintomas. Estes eram concebidos como sinais não necessariamente da ordem do patológico, mas como indicativos daquilo do que ainda estava em funcionamento e era a partir desses sinais que buscava ajudá-los a reorganizar a linguagem. Essa postura de Lordat frente às afasias se assemelha com o trabalho que desenvolvemos no âmbito da Neurolinguística enunciativo-discursiva – que também tem sido referida por Coudry por Neurolinguística Discursiva.

Damico et al. (1999) apresentam reflexões sobre a metodologia qualitativa no campo das afasias. Segundo os autores, a pesquisa qualitativa deve ser compreendida como um conjunto de práticas sistemáticas e interpretativas, formando um paradigma complexo, com uma longa e bem estabelecida história. Inserem-se nessas pesquisas tradições de investigação como o *estudo de caso*, o *estudo bibliográfico*, a *análise conversacional*, a

*etnografia* e a *etnometodologia*, que se utilizam de diferentes métodos naturalísticos de estratégias de coleta de dados – observação, entrevistas e mesmo as análises factuais e de texto. Segundo Damico et al., *a escolha da prática metodológica deve ser pragmática, estratégica e auto-reflexiva* (1999, p.653).

Os autores elencam cinco principais objetivos dos cientistas sociais, buscando relacioná-los às pesquisas afasiológicas (1999, p. 653-656). O primeiro é a participação do pesquisador que, ao invés de simplesmente testar hipóteses previamente determinadas, tem um papel de aprendiz, motivado pela pergunta *o que está acontecendo aqui?*, a partir da qual tenta descobrir quais são os fenômenos envolvidos. Depois de compreender o que está acontecendo, o pesquisador deve questionar-se sobre o processo de acontecimento do fenômeno. A pergunta que ele deve se fazer é *como acontece?* O terceiro objetivo que os autores trazem está relacionado à descrição do fenômeno, dos comportamentos e dos elementos do contexto, que deve ser realizada de forma detalhada, auxiliando a compreensão do “que está acontecendo”. Outro objetivo está no foco dado ao indivíduo. Já o quinto e último objetivo é o foco dado ao que os autores chamam de “questões da vida cotidiana”, pois enquanto seres sociais, nossas ações são sociais. Nos estudos neurolinguísticos, esses objetivos estão subjacentes ao modo como trabalhamos com os sujeitos e como realizamos as pesquisas, que não podem ser apartadas das interações reais entre sujeitos afásicos e não-afásicos.

O método qualitativo deve ser a principal abordagem para os estudos, embora os autores afirmem que os estudos quantitativos não precisam ser abolidos, uma vez que podem complementar o entendimento de algumas questões. Fundamentando seus trabalhos nos pressupostos teórico-metodológicos da etnometodologia e da análise da conversação, produzem uma cuidadosa *bricolage*, constituída por *um conjunto de práticas e estratégias que proporcionam soluções em situações concretas* (DAMICO et al. *idem*, p.652). A escolha pelo método preferido, assim, varia de acordo com o fenômeno investigado.

Segundo Damico et al. (1999, pp.652-653), as reflexões de Holland (1982) já traziam à tona diversas limitações no trabalho da clínica afasiológica que se baseava nos métodos experimentais da época – e que não são muito diferentes dos métodos utilizados atualmente. Diversos pesquisadores buscaram considerar, em seus estudos, questões subjetivas como a fragilidade dos sujeitos após comprometimento neurológico

(HOLLAND, 1982 *apud* DAMICO et al, 1999). É necessário um método que dê conta de estudar o sujeito em seu contexto social. Assim como já vem sendo observado e difundido pela Neurolinguística enunciativo-discursiva, os estudos de Damico et al. demonstram que não há como discutir as questões de linguagem na clínica afasiológica sem levar em consideração o contexto social dos sujeitos.

Uma das questões sobre as quais os autores se debruçam criticamente é relacionada ao caráter científico das pesquisas qualitativas que, ao contrário daquelas de natureza quantitativa, não se prestam a um rígido controle de variáveis – tão prezado pelas ciências atuais. O que esses autores pensam é que esta questão já foi há muito superada, já que muito do que se conhece atualmente sobre a linguagem e mesmo sobre o desenvolvimento cognitivo se deu a partir de pesquisas qualitativas.

Os autores defendem que a abordagem qualitativa é a melhor para os estudos afasiológicos, mas não ignoram que este método apresenta dificuldades devido ao trabalho, que demanda muito tempo para a coleta, descrição e análise para descobrir *itens e objetos de significância* (idem, p.658), o que os autores chamam de *labor intensive*.

Apesar da dificuldade dessa metodologia, ao olharmos seus pontos positivos e as condições que ela apresenta para responder às questões trazidas pela neurolinguística discursiva, não temos dúvida que esta é a melhor abordagem para o estudo dos fenômenos linguísticos e, no caso específico desta pesquisa, para a compreensão das parafasias.

Damico et al. (1999) sistematiza esses “pontos positivos”, que retomo para fundamentar a discussão, aliando-os ao foco desta pesquisa. São eles:

1) *ênfase em fenômenos e situações reais*: com relação ao estudo das parafasias, por tratar-se de um fenômeno que ocorre no exercício social da linguagem, nos processos interativos – geralmente face a face. O diálogo, portanto, é o melhor *locus* para estudar o fenômeno;

2) *flexibilidade* para ajustar os métodos, de acordo com as necessidades da investigação: como veremos no próximo capítulo, à medida que nosso objeto de estudo demandava, podíamos, nas sessões individuais, focalizar algumas questões, de acordo com o que era observado na sessão em grupo – com diferentes sujeitos ou de acordo com dificuldades específicas de um sujeito.

3) o pesquisador é também parte da pesquisa e nela interfere, pois é ele quem vai

determinar o que vai constituir seu *corpus* para a investigação do fenômeno. No caso de nossa pesquisa, o recorte feito e a associação entre dados que emergiram em situações dialógicas e dados obtidos por meio da aplicação de protocolos (por nós elaborados) pode ser tomado como um exemplo dessa liberdade de escolha do pesquisador para abordar o fenômeno.

4) *a necessidade de uma boa descrição do dado*, ou seja, de uma descrição detalhada de todos os elementos que ajudem a compreender os processos pelos quais o dado emerge e

5) *uma compreensão profunda do processo*: em nossa pesquisa, isso é fundamental. Para que possamos inferir a respeito da palavra-alvo, por exemplo, é necessário que tenhamos coordenadas dadas pela situação, pelos pressupostos e compartilhados sobre o sujeito, sobre o tópico discursivo. Isso explica porque nossos dados, em geral, são bastante longos. A depender de onde fazemos o recorte, torna-se impossível recuperar a história de sua produção e, conseqüentemente, do fenômenos que estamos abordando.

Apesar de todas essas vantagens da perspectiva qualitativa, há, ainda, muita dificuldade em validá-la como *científica*, já que seus resultados não podem ser facilmente generalizados ou replicados em outras situações. A seguir, detalharemos a abordagem microgenética, de cunho qualitativo, respaldada nos postulados de Vygotsky e que responde à maioria das questões acima apresentadas.

### **3.2 A abordagem microgenética: contribuição das reflexões de Vygotsky acerca do método**

Vygotsky é um dos autores que mais contribuem para as discussões metodológicas nos campos da Psicologia e da Educação, assim como para a Neurolinguística que desenvolvemos, sobretudo acerca das funções mentais superiores. O elemento-chave do método proposto por Vygotsky decorre diretamente do contraste estabelecido por Engels entre as abordagens naturalística e dialética. Vygotsky retoma a noção de dialética de Engels, para quem o homem, além de ser influenciado pela natureza, é capaz de agir sobre

ela modificando-a e criando novas condições naturais para sua existência<sup>51</sup>. A questão da dialética está subjacente a todas as demais características do método vygotskyano e é a partir deste princípio que ele elabora uma abordagem de fenômenos mentais relacionados ao homem, que seja capaz de compreendê-los *em seu curso histórico-social*, na (inter)relação entre sujeitos, sobre a qual a investigação deve estar baseada.

Outra questão de fundamental importância na perspectiva histórico-cultural é o próprio foco da investigação, que deve ser o “processo” de desenvolvimento do fenômeno, buscando a sua gênese e as bases dinâmico-causais para, a partir delas, descrevê-lo e explicá-lo. Para Vygotsky, a metodologia deve ser compreendida não apenas como a *forma*, o caminho para se chegar a um determinado resultado, mas é ela mesma um pré-requisito e o produto, o instrumento e o resultado do estudo. Nas palavras do autor: *embora dois tipos de atividades possam ter a mesma manifestação externa, sua natureza pode diferir tanto quanto à origem quanto à sua essência. A tarefa da análise é revelar essas relações, a essência objetiva dos fenômenos psicológicos ao invés de suas características perceptíveis* (VYGOTSKY, 1994).

O autor, portanto, não buscou apenas apresentar um novo método de pesquisa, mas fazer um reexame dos métodos utilizados até então, principalmente os estudos experimentais e seu uso indiscriminado para o estudo de funções mentais superiores. Apesar de criticar o método experimental no estudo das funções complexas, Vygotsky (2007) não nega sua utilidade em pesquisas que avaliem alguns fenômenos dentro de um mesmo estágio de desenvolvimento ou em um mesmo indivíduo, por exemplo. O autor chama atenção para o fato de, apesar das especificidades que compõem cada abordagem teórica, todos os experimentos psicológicos são baseados em uma estrutura *estímulo-resposta* que busca identificar, através da variação de um estímulo, as várias respostas possíveis para aquele fenômeno. Uma das principais críticas trazidas pelo autor é relativa à *artificialidade* desses métodos, decorrente da necessidade de controle rígido das variáveis – um dos requisitos fundamentais para o que hoje é denominado *método científico*.

---

<sup>51</sup>Assim como os demais pensadores de seu tempo na extinta URSS, Vygotsky foi muito influenciado pelas questões trazidas pelos pensadores materialistas, que estavam na base teórica da revolução socialista. O autor inspirou-se fortemente nas reflexões sobre o materialismo dialético-histórico trazido por Engels, que mais tarde serviu de base para o desenvolvimento do mesmo conceito em Marx e em Lênin. Cabe ressaltar que cada um desses autores ressignifica o conceito de dialética, em seu contexto teórico específico.

Os pesquisadores que se utilizam dessas abordagens buscam formas de separar o objeto de seu estudo das condições sociais e individuais dos sujeitos participantes. A justificativa dada é a necessidade de isolar qualquer variável que influencie ou modifique o foco do estudo desse objeto. O desenvolvimento da mente, entretanto, não deve ser estudado apenas em contextos experimentais, mas investigado nas próprias situações de vivência do sujeito, posto que há peculiaridades da situação vivida que não podem ser reproduzidas nem controladas em laboratório. Para o autor, a metodologia ideal para o estudo desses processos pode ser compreendida como uma *metodologia quali/quantitativa*, na qual a análise estatística complementaria as análises qualitativas, em contextos reais, sempre levando em conta as *singularidades* dos sujeitos e o contexto sócio-histórico-cultural em que estão inseridos e que os constituem.

Não são raros os casos em que os pesquisadores eliminam de suas pesquisas dados que possam modificar o resultado (com relação àquele anteriormente esperado) ou ainda, em que o tratam como mera exceção. Uma das críticas feitas pelas teorias discursivas de linguagem está relacionada ao fato de que o que é tratado como exceção (ou mesmo descartado) pode ser um dado extremamente rico, capaz de nos auxiliar na compreensão de alguns fenômenos linguísticos – o chamado dado idiossincrático (ABAURRE, 1996; POSSENTI, 1996; COUDRY, 1996, PERRONI, 1996).

A partir dos pressupostos da metodologia *vygotskyana*, Góes (2000) discute a proposta do autor para a pesquisa em Ciências Humanas<sup>52</sup>, destacando suas características fundamentais: o fato de ser constituída por

(...) indícios, pistas signos de aspectos relevantes de um processo em um curso; que elege episódios típicos ou atípicos (não apenas situações prototípicas) que permitem interpretar o fenômeno de interesse; que é centrada na intersubjetividade e no funcionamento enunciativo-discursivo dos sujeitos; e que se guia por uma visão indicial e interpretativo-conjetural. (GÓES, 2000, p. 9).

O termo *microgenética* busca sintetizar a ideia da abordagem. É *micro*, pois vai

---

<sup>52</sup> Além de fundamentar-se em Vygotsky, Góes (2000, p. 18) também afirma basear-se no paradigma indiciário de Ginzburg (1989), para resgatar características individuais deixadas de lado pelas ciências positivistas, assim como para criticar a “crença na transparência da realidade; a separação entre sujeito e objeto; o modo exclusivo de conhecimento sistemático e com regras formais, orientado apenas para as regras da natureza”.

buscar nos pequenos detalhes, nas observações minuciosas o que elas podem nos informar sobre o estudo e *genética*, porque busca encontrar a *gênese* do processo, não apenas descrever seu produto. Segundo Góes (2000, p.12), a relevância da proposta de Vygotsky está em *construir uma micro-história de processos, interpretável somente numa perspectiva semiótica e numa remissão a condições mais amplas da cultura e da história*. O método proposto por Vygotsky influenciou – direta e indiretamente – diversos outros autores que se interessaram pelo estudo das funções mentais superiores, como é o caso de Luria.

### 3.3 Metodologia de pesquisa acerca das parafasias

#### 3.3.1. Dados de episódios dialógicos

A coleta de dados para esta dissertação foi feita a partir de episódios dialógicos ocorridos entre sujeitos afásicos e não-afásicos em sessões coletivas do grupo III do CCA<sup>53</sup> – Centro de Convivência de Afásicos/IEL/UNICAMP e em sessões individuais de atendimento, nas quais foram desenvolvidos experimentos (abaixo descritos). Todas as sessões foram vídeogravadas e posteriormente transcritas, discursivamente, uma vez que nosso foco não são as parafasias literais (fonético-fonológicas), mas as chamadas parafasias semânticas.

Embora a produção de parafasias seja um dos fenômenos mais recorrentes na produção de sujeitos afásicos, optamos por selecionar dados de dois deles – MG e JM – devido ao fodo desta pesquisa: parafasia de natureza semântica.

<b><u>LEGENDA</u></b>	
<b>Irn, Irf, Imv</b>	Interlocutores não-afásicos
<b>Ef</b>	Estagiários da fonoaudiologia
<b>::</b>	Alongamento de vogal
<b>... (reticências)</b>	Pausa de longa duração

---

<sup>53</sup> O Grupo III do CCA é coordenado pela Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto e teve suas atividades iniciadas em agosto de 2006.

[...]	Recorte no dado
-------	-----------------

### 3.3.2. O CCA

O CCA – Centro de Convivência de Afásicos nasceu de uma ação conjunta entre os Departamentos de Linguística e de Neurologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e localiza-se no Instituto de Estudos da Linguagem, com o objetivo de prover alternativas para as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos afásicos, diante do isolamento social que enfrentam com muita frequência, após o acometimento neurológico. O acompanhamento é realizado em grupos com sujeitos não-afásicos, em diversas situações e práticas discursivas nas quais se exploram todos os aspectos que constituem o funcionamento da linguagem em suas diferentes configurações, como nos diálogos, comentários, narrativas, leituras, etc.

### 3.4 Sujeitos participantes da pesquisa

#### JM<sup>54</sup>

JM sofreu um AVC isquêmico em agosto de 2008 e participa do CCA desde então. É do sexo masculino, brasileiro, tem 68 anos, casado, pai de quatro filhos, metalúrgico aposentado, com ensino básico completo. Antes do episódio neurológico, JM – segundo seus relatos – não utilizava muito envolvido, mas *gostava muito de falar* (sic) e gostava muito de cantar, sendo, ele mesmo, membro de uma dupla sertaneja. Apresenta muitos dados em que aparecem enunciados do tipo *não consigo falar, não falo mais* ou *antes eu falava, agora*. Relata também dificuldade de leitura, mas, como veremos em um dos dados (dado 6), consegue ler palavras isoladas. Em qualquer tentativa de enunciado escrito, ele

---

<sup>54</sup> JM foi também sujeito da minha pesquisa de Iniciação Científica e de minha Monografia de Conclusão do Curso de Letras (SOUZA-CRUZ 2010a, 2010b). Acompanho este sujeito, portanto, desde o segundo semestre de 2009. No caso dos outros dois sujeitos da pesquisa MG e AC, o acompanhamento passou a se dar desde o início de 2011.

escreve seu próprio nome – na literatura conhecido como “perseveração”. Apenas quando vê outros nomes escritos, consegue copiá-los.

O laudo da tomografia de 2008 relata: Parênquima cerebral apresenta extensa área hipodensa comprometendo o córtex e a substância branca da região têmporo-parietal esquerda, com apagamento de sulcos corticais. Aspecto de imagem compatível com infarto à esquerda. Apresenta, como consequência, hemiparesia à direita e uma afasia que pode ser caracterizada não-fluente, com dificuldades para encontrar palavras e produção de parafasias de diversos tipos, predominantemente semânticas, com enunciados marcados por longas pausas, mas também com a presença de perseverações verbais. Recorre, em muitos momentos, a enunciados não-verbais, principalmente gestos de natureza dêitica.

## MG

MG sofreu um AVC isquêmico em 2009 e frequenta o CCA desde o início de 2011. É do sexo masculino, brasileiro, tem 63 anos, casado, pai de duas filhas. Coursou Ensino Técnico em eletrônica e Ensino Superior informática. Lia manuais técnicos dessas áreas em inglês, informação relevante porque ainda se utiliza de palavras desta língua e relacionadas a estas áreas em seus enunciados, como quando diz *eu faço um link, aí, eu tenho que ensinar para esse cabecinha aqui que às vezes tem que dá volta [apontando a própria cabeça]*<sup>55</sup>. Como consequência do episódio neurológico, apresenta uma afasia fluente, tendo como principal dificuldade a de encontrar palavras, produzindo, também, diversas parafasias de natureza semântica. Quando não consegue selecionar a palavra desejada, geralmente utiliza recursos alternativos como o de dar um sinônimo (ou um *atributo*) da palavra ou alguma referência que auxilie seu interlocutor a interpretá-lo. O laudo da Ressonância Magnética, realizada em agosto de 2010, as imagens revelaram: Área de perda volumétrica córtico/subcortical associado à alteração de sinal parenquimatosa denotando gliose, comprometendo a região temporal esquerda no giro superior e a interface têmporo-parietal adjacente. Trajeto vascular venoso transparenquimatoso na região frontal lateral esquerda, caracterizando anomalia venosa/angioma como variante extrema da normalidade.

---

<sup>55</sup> Retirado de episódios dialógico entre MG e Irn, de 03/05/2011. O dado foi vídeogravado e posteriormente transcrito para este trabalho.

São recorrentes, também, afirmações do sujeito de que não percebe mais situações de humor e de que não entende muitas brincadeiras que outras pessoas fazem, mas, ao mesmo tempo, produz com frequência enunciados irônicos que nem sempre são compreendido pelos outros. Segundo ele, sua linguagem está muito melhor agora, mas ainda é preciso *fazer o ajuste fino*.

### **3.5 O desenvolvimento de protocolos experimentais**

Como dito anteriormente, os experimentos desenvolvidos ao longo desta pesquisa foram pensados para fazer emergir fenômenos relacionados aos nossos interesses – sobretudo a produção de parafasias, mas também para que pudéssemos inferir acerca de sua relação com as categorizações semântico-lexicais, ou seja, em que medida as categorizações nos ajudam a compreender o porquê da substituição de uma palavra por outra. Uma importante observação sobre esses experimentos é que, em nenhum dos casos, as atividades foram pensadas objetivando *uma única resposta*, que seria considerada como *correta*. O foco foi, sempre, o *processo*.

Apresentaremos os dados, no Capítulo 4, por experimento, e não por sujeito. Isso nos permite fazer tanto uma análise do experimento quanto de cada indivíduo com relação à tarefa proposta. Os dados foram recortados de suas versões originais mantendo-se apenas os trechos nos quais se observa a produção de parafasias.

#### **3.5.1 – Avaliação com Expressões Metafóricas**

Originalmente, foram utilizadas 22 imagens que remetiam a expressões metafóricas (cristalizadas) da língua portuguesa, por meio da representação de seu sentido literal, como “entrar pelo cano” ou “deixar as barbas de molho”. Inicialmente essas atividades foram realizadas nas sessões coletivas do CCA, com o objetivo de promover um trabalho linguístico-cognitivo, uma vez que demandam transpor de uma linguagem não verbal – a fotografia para a linguagem verbal – a expressão metafórica, abstraindo o sentido figurado a partir de seus elementos literais. O sujeito poderia, se não conseguisse produzir a expressão metafórica, descrevê-la ou ainda dar um exemplo em que a expressão pudesse ser

utilizada. Nas situações dialógicas no grupo, foram observadas dificuldades para encontrar palavras (na literatura chamadas de *anomia*), bem como a produção de algumas parafasias.

Posteriormente, as imagens foram trabalhadas em sessões individuais com sujeitos que apresentavam dificuldades de encontrar palavras e produções de parafasias, a fim de verificar se essa dificuldade se manifestaria com expressões cristalizadas. Neste trabalho não analisaremos os dados da sessão coletiva, mas apenas trechos da sessão individual com MG, mais especificamente quatro trechos em que ocorreram parafasias semânticas, que serão apresentados e analisados no Dado 1.

### **3.5.2 O uso de provérbios**

Neste experimento, era solicitado ao sujeito afásico que completasse um provérbio a ele apresentado. Trata-se de um jogo em que a primeira parte do provérbio é dada, como aquela que dá o título a esta dissertação: “Em briga de marido e mulher...”. a tarefa do outro jogador é completar o provérbio: “Ninguém mete a colher”. O uso de provérbios em sessões com afásicos vem sendo feito há algum tempo (CAZELATO, 2008) e tem se revelado um excelente recurso para avaliar a seleção lexical num contexto em que o pesquisador tem o controle da palavra esperada. Serão analisados dados de JM e MG em sessões individuais e coletivas.



# CAPÍTULO 4

## Dados com ocorrências de parafasias

### Introdução

Neste capítulo, trazemos 7 dados selecionados ao longo da pesquisa, em situações dialógicas nas sessões coletivas e individuais do CCA. Nos encontros individuais foram desenvolvidos alguns protocolos experimentais, já descritos no capítulo anterior, com o objetivo de melhor compreender as parafasias produzidas pelos sujeitos e, assim, poder inferir sobre os processos subjacentes a essas produções.

Iniciamos apresentando um dado de MG com o jogo das metáforas. Em seguida, apresentamos dados relativos aos jogos com provérbios – tanto de MG quanto de JM. Por fim, apresentamos um dado de JM em sessão individual.

### 4.1 Dado 1- *Temporágua*

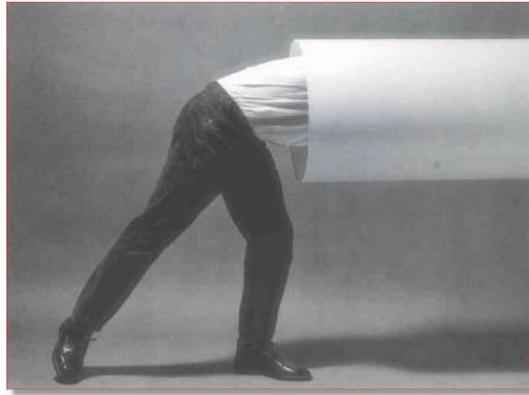
**Contextualização:** O experimento foi desenvolvido por Imv com o sujeito MG, durante sessão individual. Os objetivos do experimento já foram apresentados no capítulo 3.

Para uma melhor compreensão da atividade e do percurso feito pelo sujeito, apresentaremos a imagem e, logo em seguida, o dado relativo à figura. Além de Imv e do sujeito MG, estava presente na sessão uma das estagiárias da Fonoaudiologia<sup>56</sup> (Ef1). Destacamos (em negrito) as parafasias ou trechos que julgamos interessante para a análise, pois se referem à produção de parafasias ou ao processo explícito de categorização em determinado campo lexical.

---

<sup>56</sup> O CCA é, também, um dos estágios do curso de Fonoaudiologia da UNICAMP.

### 4.1.1 Entrando pelo cano



Turno	Interlocutor	Enunciado	Observações
1	MG	É o <b>youtube</b> .	
2	Imv	Entrando pelo youtube? O que tá acontecendo ali na imagem	
3	MG	Homem <b>entrou pelo cano...</b> Entrando pelo cano.	
4	Imv	<b>Isso.</b>	
5	MG	Entrando pelo <b>youtube</b> ... Pode ser...	Insistindo na possibilidade de ser “entrando pelo youtube”

A imagem que revela um homem “entrando pelo cano” era dada como exemplo aos sujeitos, antes de passar às demais, para que compreendessem melhor o que deveriam fazer. Antes mesmo de explicarmos a proposta para MG, ele enunciou: “*Entrando pelo youtube*”. Mesmo dizendo que já havia entendido a atividade, ele tenta refazer o caminho, dizendo *homem entrando pelo cano*, mas volta ao enunciado anterior *entrando pelo youtube*. Parece-nos evidente que *youtube*, nesta situação, apesar de remeter ao aplicativo da internet vem à tona pela similitude com *cano (tube)*. Este parece ser um exemplo interessante não só da organização das redes semânticas, mas também da relação entre os enlaces semânticos e os fonético-fonológicos de cada palavra. Não podemos, a partir do dado,

entretanto, dizer se MG saiu ou não do sentido literal e compreendeu a metáfora, uma vez que enuncia *homem entrou pelo cano*, mas, em seguida, volta ao enunciado *entrando pelo youtube*.

#### 4.1.2 Fazer tempestade em copo d'água



Turno	Interlocutor	Enunciado	Observações
1	MG	<b>MG:</b> Eu já sei o que tá dizendo. Já tá dizendo... Quando você... <b>Derrama...</b> Não é o choro, não é isso... <b>O que você quer é fazer uma gota em água que vira água grande...</b>	
2	Imv	Fazer de um pequeno problema uma grande coisa.	
3	MG	<b>Uma gotinha de água que vira muito. Afogou? Não, não afogou? Temporal, temporágua.</b>	
4	Imv	É quase... Temporal em copo d'água	Imv diz a metáfora, depois de perceber que MG não conseguia produzi-lo

Este exemplo é um dos mais interessantes, pois evidencia a dificuldade de MG para encontrar palavras. Ele vai produzindo diversos enunciados até chegar ao neologismo *temporágua*. Em um primeiro momento, MG busca deixar claro que está compreendendo a expressão cristalizada, ao afirmar *Eu já sei o que tá dizendo*. Entretanto, ao buscar as palavras desejadas, sente uma grande dificuldade: *Já tá dizendo... Quando você... Derrama... Não é o choro, não é isso...* As palavras buscadas não surgem e vemos, a partir desse ponto, uma sucessão de tentativas: *o que você quer é fazer uma gota em água que vira água grande...* MG produz *água grande* para “tempestade”, evidenciando operações extremamente complexas.

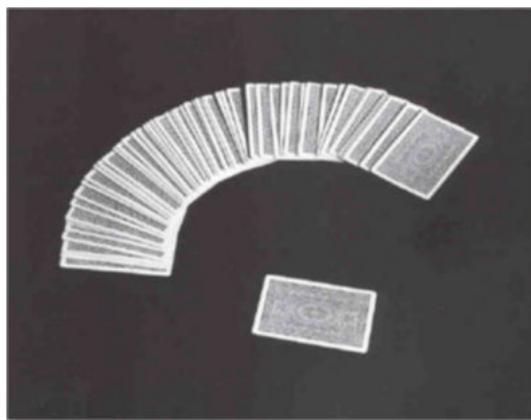
Após a tentativa de Imv para auxiliá-lo: *Fazer de um pequeno problema uma grande coisa*, MG continua tentando: *Uma gotinha de água que vira muito*. Na sequência, MG faz uma reflexão sobre o conteúdo da imagem: “*Afogou? Não, não afogou?*”, o que, apesar de não apresentar uma relação “transparente” com o enunciado-alvo, nos mostra que o sujeito não sai do campo semântico; afinal, numa tempestade alguém pode cair do barco (que está representado na figura) e se afogar. Ao final do dado, na busca pela palavra desejada (*tempestade*), MG acaba por produzir uma parafasia que, na literatura tradicional, pode ser considerada neologizante: *temporágua*. Apesar de não produzir *tempestade*, ***temporágua*** remete a um amálgama (aglutinação) de *tempestade em copo d’água*<sup>57</sup>.

Este dado é um exemplo singular das teorias – tanto linguísticas quanto neuropsicológicas apresentadas no capítulo 2 – que postulam os enlaces fonético/fonológicos/lexicais/sintático/semânticos. Como exemplos temos *gotinha*, *água*, *temporal*, *tempestade*, *afogar*, todas semanticamente relacionadas, além do amálgama *temporágua* que combina no eixo sintagmático (Jakobson, 1954) *tempestade/temporal/água*.

---

<sup>57</sup> Assim como no dado do sujeito não-afásico – apresentado anteriormente – que produziu *violão* para *violência em Ribeirão*.

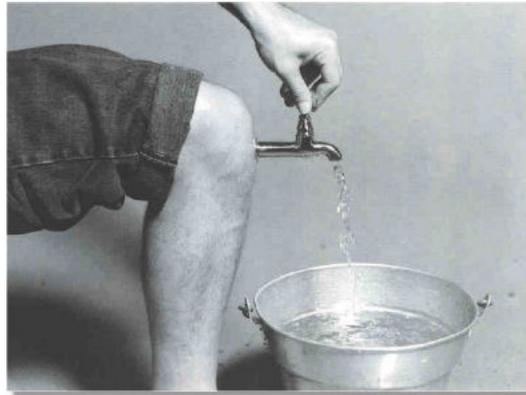
### 4.1.3. Carta fora do baralho



Turno	Interlocutor	Enunciado	Observações
1	MG	Esse é um baralho. <b>Embrulhar...</b> <b>Escolher</b> um baralho, <b>escolher</b> uma carta? Também não. Pra que serve?	
2	Imv	[Olha lá. Onde ela tá?	
3	MG	Ela tá fora da... ah entendi... ela tá fora do baralho, logo ela tá sozinho... ela foi... jogada fora.	
4	Imv	Isso mesmo.	

Nesse dado, há apenas uma questão que queremos apontar, que é o fato de MG produzir *embrulhar* em um contexto onde se esperaria *embaralhar*, já que se trata de um jogo de cartas, pois a metáfora seria “carta fora do baralho”. MG ainda produz “escolher”, o que nos mostra que ele está percorrendo o eixo paradigmático, de seleção, na busca pelo verbo que julga ser o adequado para descrever a figura. Este é o processo, como vimos defendendo, que explica a produção de parafasias semânticas, ou seja, a produção de uma palavra no lugar de outra, por substituição, em geral com relação de sentido, embora nem sempre evidente. Após Imv pede a MG que note o lugar em que a carta está, ele diz não apenas a metáfora, mas também explica em que situação este poderia ser utilizado.

#### 4.1.4 Tirar água do joelho



Turno	Interlocutor	Enunciado	Observações
1	MG	MG: Tirar um joelho... <b>Tirar</b> uma tomada... Tirar água do joelho. Fazer xixi	
2	Imv	Isso tirar água do joelho	

Podemos notar, com relação à imagem 4, a produção de uma parafasia de natureza semântica. A metáfora é “tirar água do joelho”, mas MG produz, inicialmente, *tirar um joelho*, o que pode indicar a tentativa de enunciar a expressão. Entretanto, ele produz, logo em seguida, *tirar uma tomada*. Este dado é muito interessante porque percebemos que ele relaciona *tomada* com um elemento da figura – a *torneira* – ambos da categoria “materiais de construção”, assim como também *balde*, outro objeto presente na figura. Julgamos relevante mencionar que, nesse período, a casa de MG estava em reforma e esse era justamente que ele mais trazia para narrar no CCA. Não se pode também descartar a semelhança fonética inicial entre *tomada* e *torneira*, o que nos põe novamente a questão da interface entre os aspectos fonético-fonológicos/sintáticos/semântico-lexicais.

#### 4.2. Dado 2: *Em briga de marido e mulher ninguém mete... o garfo*

**Contextualização:** os sujeitos estão em sessão coletiva, trabalhando com um jogo que consiste em completar o provérbio apresentado. Irn lê a primeira parte do provérbio e escolhe um dos sujeitos para continuar.

Os eventos escolhidos foram selecionados por trazerem situações em que ocorrem parafasias semânticas ou parafasias classificadas por relações sonoras que consideramos relevantes para a discussão

Turno	Interlocutor	Enunciado	Observações
1	Irn	Em briga de marido e mulher... Ninguém... Ninguém mete a... faz o gesto pra mim, do objeto que completa... Ninguém mete ...	Irn mostra para JM o provérbio escrito no cartão do jogo
2	JM	<b>Tomando café...</b>	(todos riem)
3	Irn	Tomando café? Às vezes a gente usa pra tomar café... que que é? É faca?	Rindo
4	JM	Não::	
5	Irn	Que que é? Ó... tem que rimar:: . Em briga de marido e mulher, ninguém mete a ....	
6	JM	<b>refe ga:: fo:::</b>	
7	Irn	Garfo? Não é o garfo.	
8	JM	<b>É... mai:: lá::</b> [fazendo um gesto com a mão, indicando “mais ou menos”]	
9	Irn	O que que se usa pra tomar sopa?	
10	JM	Hein?	
11	Irn	Que que usa pra tomar sopa?	
12	JM	<b>Gar... é:: co...</b>	Pausa, tentando “buscar” a palavra
13	Irn	Colher... em briga de marido e mulher, ninguém mete a... [mostrando no cartão a palavra escrita]	
14	JM	<b>Colher!</b>	
15	Irn	Colher...	Sorrindo
16	JM	<u>Essa aí eu:::</u>	Apontando para si, buscando indicar que

			sabia
--	--	--	-------

Na interação acima descrita, ao tentar selecionar e produzir “colher”, para completar o provérbio, JM se refere, primeiramente, a um atributo do objeto, quando diz “tomando café” (Turno 2). Podemos pensar que, talvez, a palavra *café* tenha sido produzida em lugar de, por exemplo, *sopa*.<sup>58</sup> JM segue buscando a palavra desejada e acaba por produzir outra parafasia, também com relação semântica – *garfo*.

Porém, antes de dizer *ga::fo*, ele diz: *refe...* (Turno 6), o que poderia se referir ao início da palavra *refeição*, também ligada ao contexto semântico de *garfo*, *colher*, *faca*. JM percebe que a palavra efetivamente produzida não é aquela que ele deseja e, rapidamente, seleciona outra. Quando Irn pergunta o que se usa para tomar sopa, ele repete *garfo*, mas logo em seguida produz *co...* (Turno 12) e faz uma longa pausa. Irn mostra a palavra *colher* escrita no cartão do jogo e a diz (Turno 13). JM, após ler a palavra, consegue produzi-la. Neste dado, todas as trocas realizadas parecem envolver um enlace semântico claro em relação à palavra-alvo. Processos semelhantes ocorrem no dado seguinte (Dado 3), com outro sujeito, MG, com o mesmo provérbio.

#### 4.3 Dado 3: *Em briga de marido e mulher, não mexa a coelha, a colher*

Turno	Interlocutor	Enunciado	Observações
1	Imv	Em briga de marido e mulher...	
2	MG	Não mexa... Como é que é... Mexa... <b>Não mexa a... coelha... colher. Não se meta na briga</b>	Hesitante
3	Irn	Ah... Não se meta com a briga [...] Você consegue melhorar, então, isto que você disse? Em briga de marido e mulher, não	

<sup>58</sup> Infelizmente, neste momento, a câmera não estava voltada só para JM e não se pôde observar se ele fazia algum gesto referente a tomar café ou sopa.

		<b>mexa</b> a colher. Depois você disse; Não se meta na briga. Então refaz o provérbio. Em briga de marido e mulher, ninguém...	
4	Imv	Putz...	
5	MG	Não <b>meta</b> ... Não se <b>meta</b> na briga.	
6	Imv	Isso!	
7	Imv	Em briga de marido e mulher, ninguém...	
8	MG	Ninguém... É isso que <b>não fixo</b> , ou <b>não lembro, mesmo se eu montar agora</b> ; depois você vai perguntar – Faz isso de novo... Pode ser que, muito raramente, vou conseguir ... Se estiver escrito, eu vou falar. Já sei... tal. Mas se tiver que ...	
9	Imv	[...] Então vou fazer de outra forma. O senhor me disse assim: Em briga de marido e mulher, ninguém mexe...	
10	MG	A briga	
11	Imv	Ninguém <i>mexe a colher!</i>	Retomando o enunciado de MG no Turno 2.
12	MG	Isso... Quer dizer que... Se eu estou brigando com ela, ninguém se meta. Vamos resolver nossos problemas, depois... Vai pra frente.	
13	Imv	Só tem uma palavrinha aí, que não era. Uma só. Então vou fazer... dessa forma... pra ver se o senhor pega a palavra: Em briga de marido e mulher, <b>ninguém tã rã a colher</b> . Ninguém...	
14	MG	<b>Mete?</b>	

15	Irn	Uhum!.	
16	Imv	Muito bom... Em briga de marido e mulher...	
17	MG	Então, mas eu não pensei. <b>Se você quer saber, eu não pensei. Ele saiu... Entendeu a...</b>	Faz um gesto indicando que se trata de algo minucioso.
18	Irn	Porque é cristalizado, é isto mesmo, ele vem...	

Já no início da interação, ao tentar produzir “colher”, MG produz “coelha”, uma troca sonora, aparentemente. Neste mesmo turno, em vez de dizer *mete* (ou *meta*, numa variação do mesmo provérbio), MG produz “mexe”. Temos, novamente, um exemplo de parafasia em que, apesar de haver uma proximidade sonora, pode também se referir a uma relação semântica, já que a “colher” também serve para “mexer coisas”. Delimitar o contexto gramatical no qual a palavra se encontra, como Imv fez no Turno 13: “**ninguém tãã a colher**”, parece ter auxiliado o sujeito na seleção da forma correta, a julgar pelo comentário feito por MG – *Então, mas eu não pensei. Se você quer saber, eu não pensei. Ele saiu... Entendeu a...* (Turno 17).

A explicação relativa ao fato de que o contexto gramatical mais amplo (sintagmático) facilita a seleção adequada da palavra-alvo (eixo paradigmático) é que os dois eixos, no funcionamento da linguagem, são projetados um sobre o outro (JAKOBSON, 1954; COUDRY, 2002); isto é, as operações de seleção e combinação são simultâneas.

#### **4.4 Dado 4:** *Aqui se faz, aqui se sente.*

**Contextualização:** No dado a seguir, JM ainda está participando do jogo de provérbios. Não lhe é mostrado o provérbio por escrito. Após complementar o provérbio, JM terá que dar um exemplo de situação em que se poderia o referido provérbio.

<b>Turno</b>	<b>Interlocutor</b>	<b>Enunciado</b>	<b>Observações</b>
1	Irn	Sr. JM... Aqui se faz... Aqui se, faz aqui... se::	
2	JM	Sente. Não! [fazendo gesto negativo com a cabeça]	
3	Irn	É... também... Aqui se faz aqui se...	
4	JM	P/ Pa::la... não...	
5	Irn	Ó [fazendo gesto com as mãos, indicando “dinheiro”] Pa... Paga	
6	JM	Pa::ga aqui si paga... si apaga... [Faz gesto negativo com a cabeça]	
7	Irn	Paga	
8	JM	É	
9	Irn	Então, vamo lá... Aqui se faz, aqui...	
10	JM	Pa::	
11	Irn	Paga.	
12	JM	Paga.	
13	Irn	E o que quer dizer Sr. JM? Aqui se faz aqui se paga?	
14	JM	Quem é:: ta:: [apontando para a boca, indicando que quer dizer algo]	
15	Irn	Dá um exemplo pra mim de quando a gente pode usar isso. Aqui se faz, aqui se paga...	
16	JM	Eu f... eu:: não...	Indicando que não consegue falar
17	Irn	Ó... vamos pensar numa situação em que alguém pode dizer isso pro outro. É quando alguém é bonzinho?.	
18	JM	É ruim	
19	Irn	Ah... Quando alguém é muito ruim ou faz alguma coisa ruim.	
20	JM	É que eu....	Indicando mais uma vez que não consegue falar
21	Irn	E a gente espera que o quê? Que essa pessoa... pague pelo que ela fez, né... Que se	

		faça justiça... Não é isso?	
22	JM	Uhum [fazendo sinal positivo com a cabeça]	
23	Irn	Aqui se faz aqui...se paga	
24	JM	se paga	

Neste episódio, ao tentar complementar o provérbio “aqui se faz aqui se paga”, JM produz duas interessantes parafasias, além de deixar clara sua dificuldade em encontrar palavras. Logo em seu primeiro enunciado, ao tentar dizer “paga”, JM produz em seu lugar “sente” e logo percebe que não produziu a palavra adequada. Embora não haja relação semântica evidente entre “paga” e “sente”, o sentido do provérbio não é totalmente esvaziado com essa troca, uma vez que quem faz algo ruim deve *sentir* as consequências de seus atos, o que mostra também haver uma relação semântica nessa parafasia. A troca se dá (assim como na maioria das vezes e com a maioria dos sujeitos) dentro da mesma categoria semântica e gramatical: JM troca um verbo (pagar) por outro verbo (sentir), e assim será na maioria dos dados.

Na segunda tentativa, ele mesmo inicia pronunciando o início da palavra adequada: /p/ e produz outra parafasia, desta vez literal: *pa::la*. No enunciado seguinte, produz corretamente: *Pa::ga aqui si paga...*, o que pode ter ocorrido em função do enunciado da mesma palavra por Irn, ou pelo gesto de “dinheiro” feito por ela. Infelizmente não há como resgatar isso no dado, mas o /p/ já era enunciado pelo sujeito ao mesmo tempo em que Irn; não há como afirmar, entretanto, que JM fosse produzir a palavra corretamente.

Logo em seguida, no mesmo enunciado, JM tenta repetir “paga” e o que enuncia é: *si apaga*. Novamente, ele não sai da classe gramatical pretendida. Além disso, por mais claro que fique a relação sonora entre as duas palavras, podemos, também, encontrar uma relação de sentido, já que, ao “pagar” pelo erro, o sujeito se livraria dele, “apagando-o”. Devemos nos lembrar que a explicação de Luria para as trocas é a de que os enlaces podem ser de natureza semântica, sonora ou afetiva, como também enfatizou Freud (1891).

No restante dos enunciados, Irn investiga se JM, de fato, sabe o significado do provérbio. Fica clara sua dificuldade em iniciar essa explicação<sup>59</sup>. JM, sabendo que tem uma dificuldade maior de selecionar e combinar os elementos linguísticos devido ao

---

<sup>59</sup> Quando é pedido para nós que expliquemos o significado de um provérbio, podemos nos pegar diante de uma dificuldade de fazê-lo sem exemplificar, já que são enunciados muito ligados ao contexto.

episódio neurológico, ao enfrentar sua dificuldade recua e passa a se desculpar, com expressões do tipo “*eu não*” “*é que eu...*” (turnos 16 e 20). Porém, demonstra que compreende o significado e o uso do provérbio por meio das respostas que dá às perguntas feitas por Irn.

#### 4.5 Dado 5: *De boas intenções...*

**Contextualização:** em sessão individual com Its e Irf, JM continua com a atividade de provérbios. Agora, Ihe é solicitado que complete corretamente e que explique ou dê algum exemplo.

Turno	Interlocutor	Enunciado	Observações
1	Irf	Olha esse provérbio... De boas intenções o... Como é esse provérbio? De boas intenções o inferno está... ch:::	Prompting sonoro para “cheio”
2	JM	[Lendo o cartão com o provérbio] <b>Si::...San::to</b> . Não!	
3	Irf	Olha, vamos lá... de boas intenções...	
4	JM	[Lendo “está” no cartão] <b>Istã... ist...</b>	
5	Irf	Intenções... O inferno está...	
6	JM	<b>F.. fo...</b>	
7	Irf	Olha o bico: chi:: Cheio.	
8	JM	Cheio.	
9	Irf	Isso! Você já ouviu usarem esse provérbio?	
10	JM	Sim.	

Este dado é extremamente rico para o estudo das parafasias e das dificuldades de encontrar palavras. A partir do prompting dado por Irf (*ch::*: turno 1), JM produz *si*, o que apenas o aproxima da palavra-alvo (*cheio*) e o leva à produção de “santo”. Ao notar que o que está produzindo não o leva à palavra desejada (palavra-alvo), JM pára e reelabora seu enunciado. Sua próxima tentativa (Turno 4) produz *istã... ist...* o que nos leva a pensar que a palavra buscada está de alguma forma sendo influenciada ou entrelaçada pelas palavras

“intenções” e “está” – algo frequente nas afasias e geralmente chamado na literatura neuropsicológica de “contaminação”. Podemos remeter essa discussão ao que já foi apresentado no capítulo 2, no item relativo à literatura neuropsicológica, quando Luria afirma que nas afasias a capacidade dos sujeitos para selecionar palavras fica muito reduzida e os enlaces de outras naturezas surgem com a mesma possibilidade. Não se pode desprezar que o que JM produz é justamente a palavra *santo*, com enlace evidente com relação ao campo semântico do provérbio, por relação de antonímia (*santo/céu vs inferno*).

No turno 6, JM, ao invés de “cheio” (palavra-alvo) produz *f:: fo*. Neste dado, apesar de não podermos afirmar que JM produziria “*fogo*”, podemos fazer uma relação entre esta palavra e inferno, presente no provérbio.

#### 4. 6 Dado 6: *O que os olhos não veem o coração não chora*

**Contexto:** Em sessão individual com a fonoaudióloga (Irf), Jm, a partir da leitura de uma parte do provérbio deveria produzir o restante: “o que os olhos não veem o coração não sente”.

Turno	Interlocutor	Enunciado	Observações
1	JM	O que... O que...	
2	Irf	Tenta ler... O que o... Ó::... [apontando para seus próprios olhos] Os o que?	
3	JM	<b>Olha::</b> e se fo::	
4	Irf	O que os olhos não...	
5	JM	<b>Vissi... ver...</b>	
6	Irf	Isso. O que os olhos não veem... O co... [mostrando a palavra escrita para JM] Coração... tenta repetir, olha aqui pra minha boca	Mostrando a palavra coração escrita.
7	Irf	<i>Co::</i>	

8	JM	<b>Comer... Não... Como</b>	
9	Irf	Co::	
10	JM	Co::	
11	Irf	Ra... ção. O que que bate aqui, JM? [apontando para o peito de JM]	
12	JM	O coração	
13	Irf	Isso mesmo. O coração	
14	JM	O que? Cadê?	JM tenta ler a palavra escrita, para garantir que acertou a palavra.
15	Irf	Falou... eu perguntei o que bate aqui [apontando para o peito de JM mais uma vez] e o senhor falou: coração. Olhando na minha boca foi mais difícil falar sílaba por sílaba, mas a palavra inteira saiu.	
16	JM	Saiu. É...	
17	Irf	Então, o que os olhos não veem o coração não...	
18	JM	F...S...	
19	JM	<b>Sa... San:gue. Sempe</b>	
20	Irf	Sempe ou sente?	
21	JM	Sente	
22	Irf	Isso, o que os olhos não veem o coração não sente. Uhum... isso	
23	JM	Sente	

Já no início da leitura de JM temos a produção de uma parafasia. Ao tentar enunciar “olho”, produz *olha* e, ao tentar produzir *vêm*, produz *visse* e, posteriormente *ver*. Mais uma vez, se reconhece a relação entre a palavra-alvo e a palavra enunciada. Outra troca

ocorre, ao tentar ler “coração” e produz *comer* (ocorrência, portanto de uma paralexia). Ao notar a troca, em nova tentativa, ele *como*, o que nos faz pensar que ele está recorrendo em “frames” fonético-fonológicos: olho/olha, visse/ver, comer/como, que nos lembram, mais uma vez a organização em *nós* ou *enlaces* e também a questão apontada por Foucault dos *enlaces infinitos*. Repetidamente retomamos ao longo desta dissertação, as afirmações Luria acerca das dificuldades dos sujeitos afásicos em controlar os estímulos insubstanciais (mais fracos) para o processo de seleção.

Irf, notando sua dificuldade em produzir “coração”, dá mais uma vez um *propting* (*co::*, turno 7), ao que é seguida por JM (*co::*, turno 8). Ela, então termina de enunciar a palavra (*ração*, turno 9). Ao notar que JM, mesmo assim, não conseguiu enunciar a palavra-alvo, tenta outra alternativa e pergunta ao sujeito: *O que que bate aqui, JM?* (turno 11). Dessa vez, JM não tem nenhuma dificuldade em enunciar: *o coração* (turno 12). Ao conseguir dizer coração, nem ele mesmo acredita e pede para ler a palavra no cartão. Ao retomar o provérbio com Irf, mais uma vez JM apresenta parafasias: ao invés de produzir “sente”, produz sa... san:gue. Sempe (turno 19). Além da relação sonora entre “sangue” e “sente” e entre essas duas e “sempe”, podemos observar uma relação semântica no contexto, uma vez que resume o sentido do provérbio de que o que não vemos não nos machuca. Irf questiona JM se é “sempre” a palavra que ele queria enunciar (Turno 20) e ele corrige: *sente* (turno 21).

#### 4.7 Dado 7: *Corinthians*

**Contextualização:** Este dado ocorreu em sessão individual, entre JM, a fonoaudióloga (Irf) e uma das estagiárias de fonoaudiologia (Ef1). JM deveria ler o que estava escrito em um papel e, por meio de gestos, fazer com que Irf compreendesse o que estava escrito.

Turno	Interlocutor	Enunciado	Observações
1	JM	Ce:... é... San... S:...	
2	Irf	Com gesto...	
3	JM	É como... com... é aí... [fazendo um “v” de “vitória” com a mão]	

4	Irf	Grande?	
5	JM	É... É... Zin... zin... [fazendo sinal negativo com a cabeça]	
6	Irf	Me fala, eu tenho que tentar adivinhar...	
7	JM	Zanclair. Zanclair! Quem falou Zanclair?!	Mostrando-se nervoso
8	Estagiária 1	É alguma coisa de futebol, isso? O que que é?	
9	JM	É. Zanclair. Não! Zanclair!	
10	Irf	Zanclair? Zanclair... Ele é um torcedor? É um torcedor?	
11	JM	Ele é [fazendo gesto de positivo com a cabeça]	
12	Estagiária 2	Ele torce pra esse aqui também?	
13	JM	Bastante!	
14	Irf	Ah... é um time?	
15	JM	É... Iraci... não...	Iraci é a esposa de JM.
16	Irf	A Iraci torce pra esse time?	
17	JM	Não... [faz sinal negativo com a cabeça e com a mão ao mesmo tempo]	
18	Irf	Você torce?	
19	JM	Uhum! [balançando a cabeça positivamente]	
20	Fono	Então é o Corinthians?	
21	JM	Zanclair! [balançando a cabeça positivamente]	
22	Fono	Corinthians?	
23	JM	Zan... num... não! [faz, novamente, sinal negativo com a cabeça e com a mão]	
24	Fono	Sr. JM, tá escrito Corinthians ali no papel?	
25	JM	Tá. Tá. [fazendo sinal positivo com a mão]	JM continua mostrando-se impaciente
		[...]	
26	JM	É... mas é Zan... eu num...	Faz sinal mostrando a boca, como dizendo que não sai
27		[...]	
28	Fono	Sr JM, o senhor me deu o gesto e falou o	

		nome de um torcedor desse time! Tá certo!	
29	JM	Pois é:: mais agora eu quero:: eu quero... falá o nome dele.. o nome dessa...	
30	Fono	Desse time?	
31	JM	É! Mai aí:: eu vo... vo:: fala... só falo Zanclair! Eu ia falá...	
32	Estagiária 2	Sim, porque ele é um torcedor desse time.	
33	JM	Zancla... aí, ta veno?	
34	Estagiaria 2	Falar <i>Corinthians</i> ?	
35	JM	Iraci, Iraci... mas aqui! aqui:: Iraci:: Ira...	
36	JM	Zanclair... não! Por que qui:: eu queria falá esse nome e agora::	
37	Irf	Corinthians?	
38	JM	Isto. Co-rin-thias, Corinthias... é só porque cê falô! Eu... Eu vi você... é.. eu fui falá, aí falô... agora:: Otra veiz, vai... Zan... [sinal negativo com a cabeça, ao perceber a troca]	Mais uma vez mostra-se impaciente por não conseguir enunciar
39	JM	Co::i::-ta. Num adianta memo... Tan... i::...num vai... i... tan... num deu!	

Neste dado, há vários fenômenos interessantes, ocorrendo ao longo do processo em que JM está buscando produzir a palavra desejada. Não há dúvidas de que JM leu o que estava escrito e compreendeu que se tratava do nome de seu time – o Corinthians.

No **turno 1**, ele inicia dizendo *ce...* – o que poderia indicar que estivesse tentando soletrar o início da palavra “Corinthians”, respondendo ao que fora anteriormente combinado (dar pistas para a fonoaudióloga). Em seguida, no mesmo turno, JM diz *san*, o que nos leva a pensar que possa ter produzido uma parafasia de natureza semântica, já que *Santos* é outro time de futebol frequentemente mencionado nas sessões do CCA e que é o time de sua esposa.

Poderia, ainda, tratar-se da produção de uma parafasia fonológica, já que /san/ apresenta semelhança sonora com parte da palavra *Corinthians* (/ans/), hipótese também provável porque, logo após, produz /zin/, outro segmento com semelhança sonora contido

na palavra *Corinthians* (/in/). Uma outra possibilidade seria a /san/ referir-se a /zan/, segmento inicial do nome de seu filho *Zanclair*, que de fato foi produzido posteriormente produzido, e nome sobre o qual ele geralmente persevera (Turnos 7, 9, 21, 23, 27, 34, 37 e 39). Chama muito a atenção a dificuldade que JM enfrenta para inibir essa palavra, que traz à tona todos os enlaces mencionados por Luria (sonoros, conceituais, situacionais e afetivos). É importante ressaltar que JM tem “consciência”<sup>60</sup> de suas dificuldades e limites; por isso, mostra-se nervoso e chega a questionar a fonoaudióloga sobre o motivo de isso ocorrer, quando diz: *Zanclair... não! Por que qui:: eu queria fala esse nome e agora::*.<sup>61</sup>

Voltando ao que afirma Luria, sobre o fato de cada palavra envolver enlaces sonoros, conceituais e situacionais e também afetivos, vemos a transição de JM por vários nomes, que se substituem paradigmaticamente: *Corinthians* (palavra-alvo), *Zanclair* (o nome do filho), Iraci (nome da esposa), tendo estes dois últimos forte relação semântica (filho e esposa), as duas pessoas mais presentes em sua vida após o AVC. Finalmente consegue nomear o time, no turno 40, após ouvir a estagiária produzindo a palavra. Faz questão de repeti-la, mas, mesmo nesse caso, o que vem é o nome do filho, mostrando que esse enlace é, de fato, muito forte.

Como podemos notar nesse dado as trocas realizadas por JM não são feitas aleatoriamente. Ao contrário, apresentam relações de várias naturezas, que só podem ser compreendidas quando analisadas microgeneticamente, seguindo os princípios teórico-metodológicos anteriormente descritos. Podemos notar que várias possibilidades se apresentam ao sujeito, que tem dificuldade para selecionar.

## **Considerações finais sobre os dados**

As análises dos dados selecionados para esta dissertação buscaram elucidar características mais gerais da produção de parafasias. A partir delas, podemos inferir sobre

---

<sup>60</sup> Usamos aqui o termo “consciência” apenas para contrapor ao conceito de *anosognosia*, definido na literatura como “falta de consciência do déficit”.

<sup>61</sup> A esse respeito, citamos um outro dado de afásico JM, quando queria dizer o nome de sua esposa e não conseguia. Nem mesmo o sintagma *minha esposa* ou *minha mulher* foi evocado. Em um esforço para se referir a ela, disse “a minha... véia”. Logo após, disse: “véia não... nossa...”, muito constrangido. Ficou evidente que ele não queria dizer a palavra *véia*, mas JM não conseguiu *conter* ou *inibir* essa seleção e produção.

o funcionamento da linguagem na normalidade, uma vez que, como pudemos notar, os processo de seleção e combinação ficam mais evidentes nos enunciados desses sujeitos, como nos enunciados de MG no dado 1.

A análise microgenética que escolhemos como abordagem nos permitiu, a partir de alguns indícios, discutir o fenômeno atentando para detalhes que só são possíveis quando temos a análise dos dados e o contexto de interação em que estava inserido. Este, por sua vez, é extremamente necessário para que se compreenda a relação entre a palavra-alvo e a palavra produzida pelo afásico e os mecanismos que este sujeito cria (ou dos quais se apropria) para reformular seu enunciado e chegar a seu querer-dizer, valendo-se para isso, da sua relação com o seu interlocutor e do conhecimento prévio que este outro tem (ou que ele espera que tenha)

Em nossas tentativas de classificação das trocas apresentadas nos dados analisados neste capítulo, tentamos mostrar que a classificação em um dos três tipos de parafasia descritos na literatura neuropsicológica é muito difícil e reducionista, uma vez que uma mesma produção poderia ser classificada por mais de uma característica, o que reforça a necessidade de rediscuti-la. Essa característica também nos ajuda a consolidar o modelo de categorização semântica em enlaces multidimensionais – como proposto por Luria – como o melhor modelo para a compreensão do funcionamento semântico-lexical. Esta característica dos enlaces também pode ser vista nos casos em que uma determinada parafasia leva a outra, como pudemos observar no dado 6 em que JM produz uma sucessão de termos (todos da mesma categoria gramatical).

Apesar de não ser possível generalizarmos sobre a produção de trocas semânticas a partir dos dados acima, os indícios e pistas que elas são valiosos instrumentos para pensarmos o funcionamento linguístico – mais especificamente com relação à organização e categorização semântico lexical – também na linguagem em sujeitos não-afásicos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Qual é mesmo a palavra secreta? Não sei é por que a ousado? Não sei por que não ousado dizê-la? Sinto que existe uma palavra, talvez unicamente uma, que não pode e não deve ser pronunciada. Parece-me que todo o resto não é proibido. Mas acontece que eu quero é exatamente me unir a essa palavra proibida. Ou será? Se eu encontrar essa palavra, só a direi em boca fechada, para mim mesma, senão corro o risco de virar alma perdida por toda a eternidade. Os que inventaram o Velho Testamento sabiam que existia uma fruta proibida. As palavras é que me impedem de dizer a verdade.

Simplesmente não há palavras. O que não sei dizer é mais importante do que o que eu digo. Acho que o som da música é imprescindível para o ser humano e que o uso da palavra falada e escrita são como a música, duas coisas das mais altas que nos elevam do reino dos macacos, do reino animal, e mineral e vegetal também. Sim, mas é a sorte às vezes. Simplesmente as palavras do homem.

(Clarice Lispector, “Sobre a escrita”)

Nesta dissertação nos esforçamos para apresentar e discutir criticamente a produção de parafasias semânticas, buscando elucidar a sua relação com os processos de categorização semântico-lexical. Para alcançar nosso objetivo, partimos dos pressupostos da Neurolinguística enunciativo-discursiva, por meio de análises qualitativas – de cunho microgenético (GÓES, 2000) – de dados de sujeitos afásicos em situações interativas em sessões individuais e coletivas do CCA.

Retomamos, para finalizar o trabalho, algumas das questões que emergiram durante o percurso e que se tornaram relevantes para nossa reflexão. No capítulo 1, apresentamos um

breve histórico dos estudos sobre as parafasias com o objetivo de mostrar como a discussão foi, durante muito tempo, concentrada na área médica e vista como *sintoma*. Chama a atenção, nos estudos contemporâneos, o fato de que o interesse pelo léxico ainda se deve, principalmente, pela correlação que se pode traçar entre os substratos neurais lesados e os resultados de testes metalinguísticos, correlacionados ainda com resultados de neuroimagens, além de prevalecer a noção de *erro* e *déficit* que caracterizam os quadros patológicos. Procuramos analisar as parafasias, nos capítulos seguintes, justamente em seus aspectos *positivos* e caracterizando-as linguisticamente, buscando avançar nessas definições abordadas no capítulo 1.

No Capítulo 2, apresentamos os pressupostos teóricos que fundamentaram a pesquisa, com destaque para algumas questões: Primeiramente, tratamos da questão da categorização, discutindo fundamentalmente dois autores: Foucault e Lakoff. Em seguida, buscamos nas teorias linguísticas o respaldo para nossas discussões, iniciando com questões relativas à concepção de *linguagem* como atividade constitutiva do *sujeito* e da própria língua, determinada sócio-histórico-culturalmente e que se pauta pela relação eu/outro. Para nossos propósitos de discutir a questão das parafasias, centramo-nos nas questões acerca da organização lexical, apoiando-nos em autores de áreas afins – Filosofia da Linguagem, Semântica e Lexicologia Discursiva. Os conceitos postulados por Jakobson – de seleção e combinação – nos ajudam a compreender os processos subjacentes à produção de parafasias. Enquanto a literatura tradicional entende o processo em termos de substituição ou troca, vemos que também há uma forte relação com processos de combinação, já que – como afirma Jakobson – os eixos paradigmático e sintagmático – funcionam simultaneamente. Para terminar este capítulo, buscamos relacionar essas questões à contraparte neuropsicológica da produção de parafasias. Recorremos a Luria, autor que concebe a palavra em seus enlaces multidimensionais e que em muito se assemelha à proposta foucaultiana dos “enlaces infinitos”. É essa característica da palavra que pode explicar a emergência da parafasia – a palavra que vem à tona no lugar de outra – seja por semelhanças sonoras, semânticas ou enlaces afetivos.

O Capítulo 3 foi dedicado aos aspectos metodológicos da pesquisa – apresentação do lócus (CCA) e dos participantes. Discutimos as limitações da metodologia quantitativa, focada apenas no produto, ressaltando as vantagens da abordagem qualitativa, sobretudo a

de cunho microgenético, com ênfase nos episódios dialógicos com sujeitos afásicos. Apresentamos também as descrições das atividades realizadas com esses sujeitos, que originaram os dados apresentados no Capítulo 4. Para as pesquisas na Neurolinguística enunciativo-discursiva, a metodologia qualitativa tem se mostrado a melhor abordagem, uma vez que permite analisar *processos* – segundo Vygotsky o verdadeiro objeto da pesquisa que envolve a natureza humana.

Com relação aos experimentos que foram apresentados, é importante lembrar que estes foram pensados como uma forma de olharmos para o *processo* que estava subjacente. Portanto, não foi esperada uma única resposta “correta”, mas buscou-se analisar o que estava na gênese do processo, como demanda o paradigma microgenético. Os dados foram apresentados por experimento, como já dito anteriormente, pois nos permitiria, além de analisar como cada indivíduo cumpre a tarefa, fazer uma análise também do próprio experimento.

É evidente que em um trabalho desta natureza alguns conceitos tenham sido pouco discutidos, ou apenas apontados, para uma posterior retomada na pesquisa de Doutorado, já que demandariam uma reflexão mais profunda. É o caso, por exemplo, do conceito de *consciência*, relevante para a discussão de alguns fenômenos que envolvem as afasias, sendo a produção de parafasias uma delas.

A partir das questões desenvolvidas na pesquisa e na análise dos dados, elencamos os principais pontos mais recorrentes no trabalho e que, a nosso ver, tanto corroboram estudos anteriores já desenvolvidos na perspectiva discursiva – como os de Rapp (2003) e Reisdorfer (2007) – como também traz contribuições inéditas, ao articular explicitamente o estudo das parafasias semânticas a uma questão como a da categorização, trazendo autores como Foucault e Lakoff para dialogarem com Luria e com os autores da Linguística e da Filosofia da Linguagem.

Com relação à produção de parafasias em sujeitos afásicos, em diversos momentos ao longo do trabalho recorreremos à explicação neuropsicológica de Luria sobre o desequilíbrio que ocorre, em decorrência de uma lesão cerebral, nas possibilidades de escolhas semânticas. Segundo o autor, sujeitos adultos sem patologias apresentam enlaces de natureza semântica como relações mais essenciais do que outras – por exemplo: fonético-fonológicas e afetivas. Em estados especiais de consciência, como nas afasias, a capacidade

desses sujeitos para selecionar desaparece ou fica muito reduzida, e os enlaces de outras naturezas surgem com a mesma possibilidade (estados de inibição ou fásicos do córtex). Essa questão nos ajuda a compreender não só as parafasias semânticas, mas principalmente estas, e a explicação neuropsicológica de Luria é compatível, a nosso ver, com a abordagem linguística dada por Jakobson. Em afasias com estados de consciência severamente comprometidos – por exemplo nas jargonafasias (com quadros anosognósicos), a capacidade de selecionar fica extremamente alterada e a substituição ocorre em praticamente todos os elementos do enunciado – classes funcionais e abertas. Alguns autores utilizaram o termo *jargão* para caracterizar a produção de parafasias ininterruptamente.

A literatura tradicional dicotomiza as parafasias entre *lexicais* e *semânticas*, caracterizando as primeiras enquanto aquelas que não apresentam relação semântica entre a palavra produzida e a palavra-alvo, em contraposição à segunda. Nossos dados mostram que tal dicotomia não se sustenta. Mesmo que a relação não seja evidente, uma análise microgenética feita a partir de enunciados anteriores, que levem em conta conhecimentos compartilhados, histórias de vidas, narrativas prévias, acaba por tornar tal relação evidente ou, minimamente, possíveis. Trocar uma palavra por outra sem relação semântica evidente seria possível no caso de enlaces sonoros significativos, como aponta Luria, ou seja, com relação às *imagens acústicas* dos signos, retomando aqui terminologias saussurreanas (também recorrentes na literatura neuropsicológica). Luria afirma que em patologias como Alzheimer ou na Síndrome de Down, há uma predominância de parafasias sonoras, enquanto nas afasias predominam as de natureza semântica.

Não poderíamos encerrar este texto sem tocar em mais algumas questões que são fundamentais para o trabalho desenvolvido com os sujeitos afásicos no CCA, na perspectiva que desenvolvemos no campo da Neurolinguística e que buscamos apontar ao longo da dissertação, como a necessidade de um novo olhar para as questões de linguagem na patologia e para o próprio sujeito afásico, uma posição ética – nordeada pela teoria bakhtiniana – que o coloca como participante ativo no processo de reorganização da linguagem.

O CCA tem se constituído como um espaço em que os sujeitos podem exercer seu papel ativo na e pela linguagem, onde suas histórias de vida e todas as formas de enunciado

são consideradas e significadas por sujeitos que realmente se interessam por suas narrativas. Espaço onde há *tempo para escuta* – conceito que retoma a importância de centralizar o outro, o que, caracteriza a revolução bakhtiniana (PONZIO, 2010). Novaes-Pinto (2013) alia a questão do *ato ético responsável* (que inclui a escuta atenta do outro) ao *agir na vida*, também com relação às pesquisas que realizamos com afásicos. Em suas palavras:

Em um mundo cada vez mais logocêntrico, não é difícil imaginar o que significa a condição de se tornar afásico. Entretanto, temos tido a oportunidade de ouvir dos próprios sujeitos que participam do CCA suas histórias de exclusão, muitas vezes devidas à ignorância acerca das afasias (NOVAES-PINTO, 2009). São pessoas que de um dia para outro passaram a *não existir mais* para amigos e parentes; que deixaram de ter um trabalho, de terem direito ao lazer, que passam a ser vistos como aqueles que *não falam* e que, portanto, *não pensam*.

Por ser um espaço de escuta, de desenvolvimento de um trabalho que privilegia a interação, as atividades realizadas no CCA têm, evidentemente, efeitos terapêuticos para os sujeitos que participam, além de se constituir como lócus de pesquisa. Trata-se de uma experiência rica, em que tanto o pesquisador quanto o pesquisado se transformam. █

Para finalizar, retomamos a questão da escuta, agora nas próprias palavras de Ponzio (2010), que sintetizam o princípio que norteia o trabalho que realizamos com os sujeitos afásicos:

(...) esse é o ponto central da relação com a outra palavra: a posição de escuta, o colocar-se em escuta; e o colocar-se em escuta significa simplesmente isso: dar tempo ao outro, o outro de mim e o outro eu; dar tempo e dar-se tempo. Esse não é nem o produtivo tempo de trabalho, mercadoria, nem o relaxante tempo livre. É o tempo disponível, disponível para a alteridade, a alteridade de si mesmo em relação à própria identidade e a alteridade do outro em relação à sua identidade. (...) Escutar significa, ao invés, deixar tempo para o outro (PONZIO, 2010, p. 25-26). █



# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ABAURRE, M. B. M. (1996)** “Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita”. In: Castro, M. F. (Org.), *O Método e o Dado no Estudo da Linguagem*, pp.111-164. Campinas: Editora Unicamp.

**ABAURRE, M. B. M.** Fonologia e Fonética. In: E. Guimarães; M. Zoppi Fontana. (Org.). *Introdução às Ciências da Linguagem: a palavra e a frase.* Campinas: Pontes Editores, 2006, v. , p. 39-74

**ANOKHIN, P. K. (1935)** *The problem of the center in the physiology of nervous activity*, Gorky, 9-70

**ARISTÓTELES (1995)** “Categories”. In: Barnes, Jonathan. *The Complete Works of Aristotle*, 2 vols. Princeton University Press, p.3-24

**BAKHTIN, M (1929)** *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec

\_\_\_\_\_ (1995) “Os gêneros do discurso” In: *Estética da Criação Verbal*. Ed. Martins Fontes, São Paulo.

**BASÍLIO, M. (1995)** *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática.

\_\_\_\_\_ (2006) *Formação e classes de palavra no português do Brasil*. São Paulo: Contexto.

**BENVENISTE, E (1966)** *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 1989

**BORMANN et al. (2008)** “The influence of word frequency on semantic word substitutions in aphasic naming”. *Aphasiology* 2008, vol. 22.

**BROCA, P. (1969 [1861])** “Remarques sur le siège da La faculte du langage articule, suivies d’une observation d’aphémie (perte de la parole)”.(originalmente in: *Buletins de La Société Anatomique*, n. 6, p330-336. In: ELLING, P.(ed.) *Reader in the story of aphasia: from Franz Gall to Norman Geschwind*.

**CARAMAZZA & HILLIS (1991)** – “Stages of Lexical Retrieval”. *Aphasiology*, volume 27.

**CASTILHO, A. T. de (2010)** *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto.

**CAZELATO, S. (2008)** *A interpretação de provérbios parodiados por afásicos e não-afásicos*. TESES/UNICAMP. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000296051&opt=4>

**CHAREAUDEAU & MAINGUENAU (2004)** *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto.

**COUDRY, M. I. H. (1986/1988)** *O Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes.

**COUDRY, M. I. H (1996)** “O que é o dado em Neurolinguística”, In: O método e o dado no estudo da linguagem”, p. 179-194, Editora da Unicamp, Campinas.

**COUDRY, M.I.H (2002)** Linguagem e afasia: Uma abordagem discursiva da Neurolinguística. **In:** *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 42, p. 99-129.

**CUETOS, GERARDO E CARAMAZZA (2000)** - Neural responses to morphological, syntactic and semantic properties of single. **IN:** *Brain and Language*. Vol. 75, p. 451– 460.

**CYTOWIC, R (1995)** *The neurological side of the neuropsychology*. Cambridge: MIT.

**DAMASCENO, B (1995)** *Temas em neuropsicologia e neurolinguística*. São Paulo: SBNP.

**DAMASIO et al. (2004)** Neural Systems behind Word and Concept Retrieval. **In:** *Cognition* 92, p.179-229. Elsevier.

**DAMICO et. al. (1999)** “Qualitative methods in aphasia research: basic issues”. *Aphasiology*, vol.13, no. 9-11, p. 651-665.

**(1999)** “Qualitative methods in aphasia research:conversation analysis”. *In: Aphasiology*, vol.13, no. 9 -11; p. 667-679.

**EDWARDS & BASTIAANSEN (1998)** “Diversity in the lexical and syntactic abilities of fluent aphasic speakers”. **In:** *Aphasiology*. 1998, vol.12, p. 99-17

**FIORIN, J. L. (2010)** Sobre a natureza e as funções da linguagem: uma leitura de "Linguagem - atividade constitutiva". In: Eglê Franchi; Jose Luiz Fiorin. (Org.). *Linguagem: atividade constitutiva: teoria e poesia*. 1ed.São Paulo: Parábola, 2011, v. 1, p. 9-31.

**FRANCHI, C. (1977)** – *Hipóteses para uma Teoria funcional da Linguagem*. Teses IEL/UNICAMP.

**FREUD, S. (1891)** *A interpretação das afasias*. Lisboa: Editora 70.

**FIGUEIRA, R. A. (1996)** “O erro como dado de eleição nos estudos de Aquisição da Linguagem”. **In:**Castro, M. F. (Org.), *O Método e o Dado no Estudo da Linguagem*, p.55-86. Campinas: Editora Unicamp.

**FLORES et al. (orgs) (2009)** *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo:

Contexto.

**FOUCAULT, M. (2000[1986])** *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Editora Martins Fontes, São Paulo.

**GEGE (2009)** *Palavra e contrapalavras: Glossariando Conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. São Carlos: Pedro e João Editores.

**GÓES, M. C. (2000)** A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade, **In: Cadernos Cedex**, Vol. 50, ano XX, p. 9-25.

**GOLDMAN, R.E; SCHWARTZ, M.F. & WILSHIRE, C.E (2001)** The influence of Phonological Context on the Sound Errors of a Speaker with Wernicke's Aphasia. **In: Aphasiology**, vol. 24, p. 121-133.

**GOLDSTEIN, K. (1946)** – *Language and Language Disturbances*. New York: Grune and Stratton.

**GOODGLASS, H (1999)** – Stages of Lexical Retrieval. *Aphasiology*, 2008, Vol. 27

**GUIMARÃES, E (2005)** Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação. São Paulo: Pontes.

**JACKSON, J. H. (1879 [1864])** On affections of speech from disease of the brain. **In: ELLING, P. (ed.) Reader in the story of aphasia: from Franz Gall to Norman Geschwind**. Amsterdam: John Benjamins, p.145-167.

**JAKOBSON, R. (1954)** – Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. **In: Linguística e Comunicação**. Editora Cultrix. São Paulo.

**JAKOBSON, R. (1955)** – A afasia como problema linguístico. **In: LEMLE, M.; LEITE, Y. (Org).** *Novas perspectivas linguísticas*; Petrópolis: Vozes, 1970, p.43-54.

**WINDSCHUTTLE, K. (1997)** – *The Killing of History: How Literary Critics and Social Theorists are Murdering our Past*. Free Press, New York.

**LAKOFF, G. (1990)** – *Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the minds*. University of Chicago Press. Chicago.

**LORDAT, J. (1969 [1843])** Analyse de la parole pour servir à la théorie de divers cas d'Alalie et de Paralalie. (Original in: *Journal de La Société de Médecine Pratique de Montpellier*, 1843, Tomo VII, p.333-353, 417-433, t. VIII) **In: HÉCAEN, H. E DUBOIS, J** *La naissance de La neuropsychologie du langage*. Paris: Flammarion, 1969, p. 129-170.

**LURIA, A. R. (1973)** *The working brain: an introduction to neuropsychology*. New York:

Basic Books.

**LURIA A. R. (1986)** *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Editora Artes Médicas; Porto Alegre.

**LYON, J. G. (1999)** A cometary on qualitative research in aphasia. **In:** *Aphasiology*, vol.13, no. 9-11: 689-290

**MARCHUSCHI, L (2003)** “Do Código para a Cognição: o processo referencial como atividade cognitiva”. *Veredas* 10: p. 43-62.

**MORATO, E. M. (2001)** “Neurolinguística”. **In:** MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Ed.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, Vol. 2. São Paulo: Ed. Cortez

\_\_\_\_\_ **(2010)** *A Semiologia das Afasias: Perspectivas Linguísticas*. São Paulo: Contexto.

**NOVAES-PINTO, R. C. (1999)** *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, SP. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000224716>

\_\_\_\_\_ **(2009)** *Dificuldades de encontrar palavras e produção de parafasias nas afasias e nas demências: inferências para o estudo da organização e do acesso lexical*. **In:** Projeto de Pesquisa – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas

\_\_\_\_\_ **(2011)** Desafios Metodológicos da Pesquisa em Neurolinguística no início do século XXI. **In:** *Revista de Estudos Linguísticos*, vol. 40, Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. São Paulo.

\_\_\_\_\_ **(2012a)** Cérebro, Linguagem e funcionamento cognitivo na Perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias. **In:** *Revista Letras Hoje*, vol. 47.

\_\_\_\_\_ **(2012a)** “A Social Cultural-Approach to Aphasia: Contributions from the Work developed at a Center for Aphasic Subjects”. **In:** *Latest Findings Findings in Intellectual and Developmental Disabilities Research*. <http://www.intechopen.com/books/latest-findings-in-intellectual-and-developmental-disabilities-research/a-social-cultural-approach-to-aphasia-contributions-from-the-work-developed-at-a-center-for-aphasic->

**NOVAES-PINTO & SOUZA-CRUZ (2012)** Organização semântico-lexical em categorias específicas: discussão crítica com base em dados de situações dialógicas e de estudos experimentais com sujeitos afásicos. **In:** *Revista de Estudos Linguísticos*, vol. 42, Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. São Paulo.

NUNES, J. H. (2006) “Lexicologia e Lexicografia” **In:** GUIMARÃES, E. & ZOPPY, M. A *palavra e a Frase*. Ed. Pontes. São Paulo, SP

PERRONI, C. (1996) “O que é dado em aquisição da linguagem” **In:**Castro, M. F. (Org.), *O Método e o Dado no Estudo da Linguagem*, p.15-29. Campinas: Editora Unicamp.

PONZIO, A. (2010) “*Procurando uma palavra outra*”, São Carlos: Pedro e João Editores.

POSSENTI, S. (1996) – “O dado *dado* e o dado dado”. **In:** Castro, M. F. (Org.), *O Método e o Dado no Estudo da Linguagem*, p.195-207. Campinas: Editora Unicamp.

RAPP, C. (2003) *A palavra Paralela? Uma revisão do conceito de Parafasia*. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

REISDORFER, I. M. (2007) *A Caracterização das Parafasias na Perspectiva da Neurolinguística discursiva*. Tese de mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

Disponível em: [www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000431565](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000431565)

ROMANI et al. (2011) Effects of syllable structure in aphasic errors: Implications for a new model of speech production. *Cognitive Neuropsychology*, vol. 62(2); p. 151-92.

SALOMÃO, M. M. (1999) A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas*, vol. 3(1), p. 61-79, 1999.

SASS, L. (1994) *Madness and Modernism: Insanity in the Light of Modern Art, Literature and Thought*, Harvard University Press.

SIMONS-MACKIE, & DAMICO (1999) “Qualitative methods in aphasia research:Ethnography”. *In: Aphasiology*; vol.13, no. 9-11; p.681-687.

SOBRAL, A. (2005) “Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em ciências humanas” **In:** BRAITH, B (2005) *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto.

SOUZA-CRUZ, T. C. (2010a) *Estudo da Produção de Parafasias e da Dificuldade de Encontrar Palavras nas afasias e nas demências*. Relatório de Iniciação Científica. PIBIC/CNPQ

(2010b) *Dificuldades de Encontrar Palavras nas afasias: um estudo de caso*. Trabalho de Conclusão de Curso.

TRANEL et al. (2003) Neural Correlates of naming animals from their characteristic sounds. *Neuropsychology*, vol. 27, 102-26.

**TRANEL et al. (2001)** A Neural Basis for the Retrieval of Words for Actions **In:** *Cognitive Neuropsychology*, 18(7), p.655-570. Psychology Press, USA

**TRANEL et al. (2005)** Effects of noun-verb homonymy on the neural correlates of naming concrete entities and actions”. **In:** *Brain and Language* 92, p. 288-299. Elsevier.

**TRASK, R.L. (2004)** *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto

**TUBERO, A.L (2010)** “Parafasia: o quiproquó das palavras. **In:** MORATO, E. A *semiologia das Afasias*. p.62-101; São Paulo: Cortez.

**VYGOTSKY, L. S. (1994)** *A Formação Social da Mente*. Editora Martins Fontes; São Paulo.

**VYGOTSKY, L.S. (2007)** *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

**WERNICKE, C. (1885 [1874])** Some news studies on aphasia. **In:** ELLING, P.(ed.) *Reader in the story of aphasia: from Franz Gall to Norman Geschwind*. Amsterdam: John Benjamins.

**WINDSCHUTTLE, K. (1997)**, “Academic Questions”. **In:** *National review*, vol. setembro de 1997.

# Anexo 1

Nome da Revista	Data de publicação	Autores	Nome do Artigo
<i>Aphasiology</i>	2008	ANTONUCCI, S.M. At ali.	Lexical retrieval and semantic knowledge in patients with left inferior temporal lobe lesions
<i>Aphasiology</i>	2008	BORMAN, T. et ali.	The influence of word frequency on semantic word substitutions in aphasic naming
<i>Aphasiology</i>	2007	LALLINI, N., MILLER, N & HOWARD, D.	Lexical influences on single word repetition in acquired spoken output impairment: A cross language comparison
<i>Aphasiology</i>	2006	DAVIS, C.H.; HARRINGTON, G & BAYNES, K.	Intensive semantic intervention in fluent aphasia: A pilot study with fMRI
<i>Aphasiology</i>	2006	CAMERON, S.M. Et ali	Effects of a combined semantic/phonologic cueing treatment on word retrieval in discourse
<i>Aphasiology</i>	2006	HOWARD, D; GATEHOUSE, C.	Distinguish semantic and lexical word retrieval deficits in people with aphasia
<i>Aphasiology</i>	2004	HOWLAND, J et ali.	Influence of semantic relatedness and array size on single-word reading comprehension in aphasia
<i>Aphasiology</i>	2004	SORIN-PETERS, R.	Discussion the case for qualitative case study methodology in aphasia: An Introduction
<i>Aphasiology</i>	2003	WRIGHT, H.H.; SILVERMAN, S & NEWHOFF, M.	Measures in lexical diversity in aphasia
<i>Aphasiology</i>	2003	HERBERT, R. et ali.	Combining lexical and interactional approaches to therapy for word finding deficits in aphasia
<i>Aphasiology</i>	2002	HOWARD, D & SMITH, K.	The effects of lexical stress in aphasic word production
<i>Aphasiology</i>	2002	PASHEK, G.V. & TOMPKINS, C.A	Context and word class influences on lexical retrieval in aphasia
<i>Aphasiology</i>	1998	GOODGLASS, H.	Stages of Lexical Retrieval
<i>Aphasiology</i>	1998	EDWARDS, S & BASTIAANSE, R.	Diversity in the lexical and syntactic abilities of fluent aphasic speakers
<i>Aphasiology</i>	1998	JONKERS, R. & BASTIAANSE, R	How selective are selective word class? Two cases studies of action and object naming.
<i>Brain</i>	2007	MANDONNET, E et ali.	Does the left inferior longitudinal fasciculus play a role in language? A brain stimulation study
<i>Brain and Language</i>	2011	WALKER, G.M. At ali.	Support for anterior temporal involvement in semantic error production in aphasia: New evidence from VLSM
<i>Brain and Language</i>	2008	BOMANN, T et ali.	Omissions and Semantic errors in aphasic naming: Is there a link?
<i>Brain and Language</i>	2005	TRANEL, D. et ali	Effects of noun-verb homonymy on the neural correlates of naming concrete entities and actions
<i>Brain and Language</i>	2004	DAVIS, M.H.; MEUNIER, F & MARSLER-WILSON, W.D.	Neural responses to morphological, syntactic and semantic properties of single words: An fMRI study
<i>Brain and Language</i>	2003	SCHWARTZ, S.; BALDO, J.; GRAVES, R.E. & BRUGGER, P	Pervasive influence of semantics in letter and category fluency: a multidimensional approach
<i>Brain and Language</i>	2003	KREMIN, H at ali	The relative effects of imageability and age of acquisition on aphasic misnaming
<i>Brain and Language</i>	2003	VANLANCKER-SIDITS, D at ali.	PET activation studies comparing two speech tasks widely used in surgical mapping
<i>Brain and Language</i>	2001	GOLDMAN, R.E; SCHWARTZ, M.F. & WILSHIRE, C.E	The influence of Phonological Context on the Sound Errors of a Speaker with Wernicke's Aphasia
<i>Brain and Language</i>	2000	CUETOS, GERARDO & CARAMAZZA	Neural responses to morphological, syntactic and semantic properties of single words: An fMRI study
<i>Brain and Language</i>	1998	DELAZER, M & SEMENZA, C	The Processing of Compound Words: A study in Aphasia
<i>Brain and Language</i>	80	INCE, E. & CHRISTMAN, S.D.	Semantic Representations of word meanings by the cerebral hemispheres
<i>Cognitive Psychology</i>	2011	ROMANI, C; et ali.	Effects of syllable structure in aphasic errors: Implications for a new model of speech production
<i>Cortex</i>	2005	OTSUKA, Y et ali.	Proper name anomia after left temporal subcortical hemorrhage

<i>Cortex</i>	2010	MARSHALL, J. et ali	When ottoman is easier than chair: an inverse frequency effect in jargon aphasia
<i>Distúrbios da Comunicação</i>	2005	OLIVEIRA, C.C.C. & STIVANIN, L	A nomeação de figuras e o acesso lexical na demência de Alzheimer: um estudo de caso
<i>Distúrbios da Comunicação</i>	2005	DE LUCCIA, G; BUENO, O.F.A & SANTOS, R.F.	Recordação livre de palavras e memória operacional em idosos
<i>Nature</i>	1991	CARAMAZZA, A. & HILLIS, A.	Lexical organization of nouns and verbs in the brain
<i>NeuroImage</i>	2008	GRABOWSKI, T et ali.	Residual Naming after damage to the left temporal pole: a PET activation study
<i>Neuropsychology</i>	2003	TRANEL, D. et ali	Neural Correlates of naming animals from their characteristic sounds